

**UM GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS:
REGISTRANDO O LÉXICO DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO**



OSÉIAS DE QUEIROZ SANTOS

**UM GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS:
registrando o léxico das bebidas em São Luís do Maranhão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra.

São Luís

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Oséias de Queiroz.

UM GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS:
registrando o léxico das bebidas em São Luís do Maranhão /
Oséias de Queiroz Santos. - 2022.
225 f.

Orientador(a): José de Ribamar Mendes Bezerra.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2022.

1. Libras. 2. Bebidas. 3. Léxico. 5. Glossário
Semibilíngue Multimodal. 6. Língua Portuguesa. I. Bezerra,
José de Ribamar Mendes. II. Título.

OSÉIAS DE QUEIROZ SANTOS

**UM GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS:
registrando o léxico das bebidas em São Luís do Maranhão**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLetras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Descrição e Análise do Português Brasileiro.

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Aprovado (a) em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (Examinadora Externa)
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra (Membro Suplente)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA/PPGLB Bacabal

São Luís

2022

Ao meu Deus, meu alicerce, quem me sustenta todos os dias. Aos meus pais, Alex Santos e Ozeni Rossana, por todos os ensinamentos e por serem a minha base até aqui. À minha avó, Francisca Franklin, minha “codorna” e inspiração, quem orou e me incentivou a nunca desistir desta grande e árdua jornada.

AGRADECIMENTOS

Sintetizar os agradecimentos deste trabalho não foi algo fácil, pois, diversas pessoas passaram em minha vida e contribuíram tanto para a minha formação acadêmica quanto para o que sou hoje. Em primeiro lugar, quero render graças ao meu Deus, pois se não fosse por Ele, pelas inúmeras vezes que me amparou, eu não teria chegado até aqui. “Ele é a Rocha; suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são justos.” (Deuteronômio 32:4).

À minha família, meu alicerce, vocês são tudo em minha vida, minhas maiores referências. Todas as vezes em que pensei em desistir, estavam sempre ali para me sustentar e me dar forças. A vocês, Alex Santos, Ozeni Franklin, Francisca Franklin, Alana Queiroz, Hericson Toledo, Micaella Queiroz, Jéssika Franklin, Junior Cutrim, Theozinho e Everaldo Queiroz.

Ao meu orientador, professor Mendes, que sempre acreditou em mim, pela amizade que construímos, pelas horas de orientação que passávamos semanalmente, por todos os conselhos, puxões de orelhas e, principalmente, por todos os ensinamentos valorosos. Aprendi muito com o senhor e irei guardar cada vivência em minha vida.

Ao Ministério Efatá, por todos os ensinamentos e aprendizados. Sou grato por tudo, por me oportunizarem esse primeiro contato com a Libras, aprendizados esses que levo para a minha vida toda. Por cada erro e acerto que passei com vocês e que contribuíram para a minha formação como intérprete de Libras. Em especial, aos meus amigos Waldérick Oliveira, minha querida “my friend” Márcia Costa, ao meu amigo de todas as horas Joel, e a minha amiga querida Karen Rodrigues.

Aos meus amigos e amigas, pelo suporte e incentivo que me proporcionaram até hoje. Obrigado por serem o que são, pois não conseguiria chegar até aqui sem vocês em minha vida. Quero deixar meus agradecimentos aos meus amigos e irmãos de vida, Brandon Santana e David Sousa, por toda parceria, apoio e incentivo que sempre tiveram comigo, vocês são “os caras”.

À Michelle Lima, Matheus Lopes e Socorro Mendes, que são amigos de vida e de profissão, pelas palavras de incentivo, acolhimento e por todas as risadas vividas.

Às amigas que a UFMA me deu e que são uma família para mim, que fazem parte de toda essa trajetória, que vai desde a graduação até os dias de hoje. A vocês, Alisson, Brandon, Dill, Liziane e Suellen, por todas as mensagens de apoio, todos os conselhos e por todas as vitórias que conquistamos juntos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFMA, em especial, quero agradecer aos professores que contribuíram para a minha formação acadêmica. À professora Conceição Ramos, por todos os ensinamentos e conselhos, a senhora é uma inspiração. À querida professora Georgiana Santos, com quem criei uma admiração e amizade, por todos os aprendizados e pela calma e tranquilidade que me passava. Ao professor Luís Serra, que me acompanhou desde a graduação e viu toda a evolução do meu trabalho, sou grato pelas contribuições fundamentais que enriqueceram ainda mais esta pesquisa.

A todos que contribuíram para a concretização deste sonho.

A língua é a arte mais ampla e maciça que se nos depara, cúmulo anônimo do trabalho inconsciente das gerações.

Edward Sapir (1980, p. 172)

RESUMO

O presente trabalho, que se insere no campo dos estudos do léxico, objetivou elaborar um glossário semibílingue multimodal Português-Libras, tendo como objeto de investigação o universo lexical das bebidas. A pesquisa foi desenvolvida no município de São Luís, capital do estado do Maranhão-Brasil. O trabalho leva em consideração os sinais utilizados pelos sinalizantes surdos da Língua Brasileira de Sinais - Libras e sua correspondência em Língua Portuguesa, visando identificar essas lexias e registrá-las para a preservação do patrimônio imaterial da cultura ludovicense. Assim sendo, parte-se dos pressupostos teórico-metodológicos das ciências do léxico, sobre o viés da Lexicologia e da Lexicografia, com os estudos de Barbosa (1981, 1986, 1995, 2001), Biderman (1978, 1981, 1984, 1998, 2001) e Faulstich (1998, 2007, 2010, 2013, 2014); da perspectiva de investigação social dos estudos sociolinguísticos, com os trabalhos de Coelho *et al.* (2015), Labov (2008, 2010) e Mollica e Braga (2019); e dos estudos investigativos sobre o léxico da Libras, propostos por Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2016), Quadros e Karnopp (2004) e Ribeiro (2013). As lexias foram extraídas de um *corpus* de análise, composto por oito entrevistas com informantes surdos sinalizantes da Libras, maiores de 18 anos, sendo quatro homens e quatro mulheres, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – faixa etária I (18 a 30 anos) e faixa etária II (40 a 65 anos) –, nascidos e residentes em São Luís. Os dados foram recolhidos por meio da realização de uma pesquisa de campo, com aplicação de um questionário semântico-lexical (QSL) – composto por perguntas sobre o universo lexical em estudo – com o auxílio de imagens sobre as bebidas, de modo a obter-se um maior número de unidades lexicais representativas da localidade em estudo. O glossário, composto por 126 lexias, compreende dois campos conceituais, *bebidas alcoólicas* e *bebidas não alcoólicas*, seguindo, portanto, a classificação adotada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. Com os resultados alcançados nesta pesquisa, espera-se, por um lado, contribuir para o preenchimento de uma lacuna no âmbito do léxico das bebidas, em uma perspectiva semibílingue multimodal Português-Libras, o que certamente diminuirá os ruídos da comunicação entre as pessoas surdas e ouvintes na sociedade. Por outro lado, busca-se incentivar a realização de outras investigações em um vasto campo ainda pouco explorado.

Palavras-chave: Libras. Bebidas. Léxico. Glossário Semibílingue Multimodal. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The present work, inserted in the field of lexicon studies, aimed to elaborate a multimodal semi-bilingual Portuguese Brazilian Sign Language (Libras) glossary, having as object of study the lexicon universe of beverages. The research was developed in São Luís, capital of Maranhão state, Brazil. The work takes into account the signs used by the deaf signers of Brazilian Sign Language (Libras) and their correspondence in the Portuguese Language, aiming to identify these lexias and register them in order to preserve the intangible heritage of the culture from São Luís. Thus, it starts from the theoretical-methodological studies of the sciences of the lexicon on the bias of Lexicology and Lexicography, with the studies of Barbosa (1981, 1986, 1995, 2001), Biderman (1978, 1981, 1984, 1998, 2001) and Faulstich (1998, 2007, 2010, 2013, 2014); from the perspective of social investigation of sociolinguistics studies, with the works of Coelho *et al.* (2015), Labov (2008, 2010) and Mollica and Braga (2019); and investigative studies on the lexicon of Brazilian Sign Language (Libras), proposed by Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2016), Quadros and Karnopp (2004) and Ribeiro (2013). The lexias were extracted from an analysis *corpus*, composed by eight interviews with deaf informants, Libras signers, over 18 years old, being four men and four women evenly distributed in two age groups – age group I (18 to 30 years old) and age group II (40 to 65 years old) – born and residing in São Luís. The data were collected through field research with the application of a semantic-lexical questionnaire (QSL) composed of questions about the lexical universe under study – with the help of images about the drinks, in order to obtain a greater number of representative lexical units of the site under study. The glossary, composed of 126 lexias, comprises two conceptual fields, *alcoholic beverages* and *non-alcoholic beverages*, following, thus, the classification adopted by Brazilian Ministry of Agriculture, Livestock and Supply (MAPA). With the results achieved in this research, it is expected, on the one hand, to contribute to fill a gap in the context of beverage lexicon in a Portuguese-Libras multimodal semi-bilingual perspective, which will certainly reduce the noise of communication between deaf people and listeners in society. On the other hand, it seeks to encourage further investigations in a vast field still little explored.

Keywords: Libras. Beverages. Lexicon. Multimodal Semi-bilingual Glossary. Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dornas de fermentação alcoólica.....	31
Figura 2 - Alambiques de destilação.....	35
Figura 3 - Relações semânticas e sintáticas das lexias.....	61
Figura 4 - Modelo de verbete do GIMALP.....	68
Figura 5 - Conceito de significante e significado nas Línguas de Sinais.....	71
Figura 6 - Quadro de configurações de mãos.....	73
Figura 7 - Espaços de realização dos sinais.....	74
Figura 8 - Parâmetros fonológicos.....	78
Figura 9 - Sinal do verbo “beber” e do substantivo “bebida” em Libras.....	82
Figura 10 - Sinal de “bebida energética” em Libras.....	84
Figura 11 - Sinal polissêmico em Libras, que se refere ao animal “Cavalo”, a cerveja “Schin” e ao uísque “White horse”.....	86
Figura 12 - Sinal de “torre de cerveja” em Libras.....	88
Figura 13 - Sinal da marca de refrigerante “Fanta” em Libras.....	91
Figura 14 - Variantes da denominação “cerveja” em Libras.....	95
Figura 15 - Variantes da marca de cerveja “Antarctica” em Libras.....	96
Figura 16 - Variantes da denominação “Coca-Cola” em Libras.....	96
Figura 17 - Mapa do município de São Luís.....	100
Figura 18 - Protótipo do cardápio.....	108
Figura 19 - Quadro de configurações de mãos.....	111

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantitativo de Lexias Relativas ao Campo das Bebidas Alcoólicas.....	119
Gráfico 2 - Quantitativo de Lexias Relativas ao Campo das Bebidas Não Alcoólicas...	120
Gráfico 3 - Quantitativo de Lexias Dicionarizados e Não Dicionarizados.....	121
Gráfico 4 - Quantitativo de Dicionarização por Obra Lexicográfica.....	122
Gráfico 5 - Quantitativo de Dicionarização Por Bebida.....	123
Gráfico 6 - Classificação Gramatical das Lexias.....	124
Gráfico 7 - Quantitativo de Ocorrências por Processos de Formação e Expansão Lexical.....	125
Gráfico 8 - Quantitativo de Variação lexical por Tipo de Bebida.....	127
Gráfico 9 - Quantitativo de Ocorrências por Sexo.....	128
Gráfico 10 - Quantitativo de Ocorrências por Faixa Etária.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação das lexias.....	60
Quadro 2 - Categorias do parâmetro locação na língua de sinais brasileira, segundo Ferreira-Brito e Langévin (1995)	75
Quadro 3 - Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira, segundo Ferreira-Brito (1990)	76
Quadro 4 - Quadro de expressões não-manuais da língua de sinais brasileira.....	77
Quadro 5 - Quadro conceitual das bebidas.....	103
Quadro 6 - Características dos informantes selecionados.....	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIR - Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerantes e de Bebidas Não Alcoólicas

ABRABE - Associação Brasileira de Bebidas

ASL - American Sign Language

C - Celsius

CM - Configuração de Mão

EC - Expressão Corporal

EF - Expressão Facial

ENMs - Expressões Não Manuais

GIMALP - Glossário Ilustrado do Meio Ambiente Libras-Português

G/L - Grama por Litro

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

L - Locação

LD - Lexia Dicionarizada

LND - Lexia Não Dicionarizada

LP - Língua Portuguesa

LSB - Língua de Sinais Brasileira

M - Movimento

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

NE - Nota Enciclopédica

NL - Nota Linguística

OP - Orientação da Palma

OR - Orientação da Mão

PA - Ponto de Articulação

QSL - Questionário Semântico Lexical

SDDC - Sinal Dicionarizado em Dicionário Capovilla (2017)

SDHF - Sinal Dicionarizado em Honora e Frizanco (2009)

SND - Sinal Não Dicionarizado

S.f. - Substantivo Feminino

S.m. - Substantivo Masculino

S. 2g. - Substantivo de 2 Gêneros

ULS - Unidades Lexicais Sinalizadas

V/V - Volume por Volume

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	BEBIDAS, ORIGENS E TRADIÇÕES – O UNIVERSO CONCEITUAL	23
2.1.	Conhecendo o Segmento das Bebidas.....	23
2.2.	As Bebidas Alcoólicas.....	27
2.2.1.	Bebidas Fermentadas.....	30
2.2.2.	Bebidas Destiladas.....	34
2.2.3.	Bebidas Compostas.....	43
2.3.	As Bebidas Não Alcoólicas.....	45
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – ALINHAVANDO CONCEITOS.....	50
3.1.	Língua, Cultura e Sociedade.....	51
3.2.	O Estudo do Léxico: concepções gerais.....	55
3.2.1.	A Lexicologia.....	58
3.2.2.	A Lexicografia.....	62
3.3.	A Língua Brasileira de Sinais: mecanismos de criação e expansão lexical	68
3.3.1.	O Enfoque Fonológico.....	72
3.3.2.	O Enfoque Morfológico.....	79
3.3.2.1.	Processo por Derivação.....	81
3.3.2.2.	Processo por Composição.....	82
3.3.2.3.	Processo por Flexão.....	84
3.3.2.4.	Processos Semânticos.....	85
3.3.2.5.	Processos por Empréstimos linguísticos.....	89
3.4.	A Sociolinguística: variação e mudança linguística.....	91
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	98
4.1.	Metodologia da Pesquisa de Campo.....	99
4.1.1.	A região pesquisada.....	100
4.1.2.	Métodos e Procedimentos.....	101
4.1.3.	Delimitação e Constituição dos <i>Corpora</i>	102
4.1.4.	O Universo da Pesquisa.....	102
4.1.4.1.	Amostragem.....	104
4.1.4.2.	Crítérios de Seleção dos Informantes.....	105
4.1.4.2.1.	Perfil dos Informantes.....	105

4.1.4.2.2. Estratificação do <i>Corpus</i>	106
4.1.4.3. Instrumentos de Pesquisa.....	106
4.1.4.4. Aplicação dos Instrumentos de Pesquisa.....	107
4.1.4.5. Critérios de Seleção das lexias.....	109
4.1.4.6. Registro dos Dados.....	109
4.2. Metodologia de Organização do Glossário.....	111
4.2.1. Macroestrutura.....	112
4.2.2. Microestrutura.....	113
5 A VARIEDADE LEXICAL DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO – OLHANDO PARA OS DADOS.....	116
6 GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS DAS BEBIDAS.....	133
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS.....	210
APÊNDICES.....	217
ANEXO.....	224

1 INTRODUÇÃO

Bebidas têm sido utilizadas para celebrar nascimentos, homenagear mortos e estabelecer e fortalecer relacionamentos sociais; para fechar transações comerciais e tratados; para aguçar os sentidos ou entorpecer a mente; para conter remédios salvadores ou venenos mortais. Tom Standage (2005, p. 8).

Considerando os diferentes olhares e tratamentos dados ao léxico, um ponto que é sabido e comum entre a comunidade acadêmica é que este nível representa as diferentes significações nomeadas pelo homem ao longo dos anos. Nesse contexto, não é algo tão fácil categorizar esse sistema abstrato, tendo em vista a complexidade de elementos que o compõe e que são incorporados a cada momento, exprimindo a diversidade linguística que, por sua vez, espelha os elementos identitários de um grupo de falantes.

Assim, esse domínio é a área da língua na qual se pode observar com mais facilidade a intrínseca relação dos aspectos linguísticos com os aspectos sociais, pois parte da necessidade básica de nomeações dos artefatos, das coisas, das ações e das descobertas do mundo real. Como característica social, as unidades lexicais¹ convencionadas representam a história dos objetos a que se referem e são representativas, possibilitando o resgate de vivências que são repassadas por gerações como forma de perpetuação e manutenção dos valores sociais.

Levando em conta as inúmeras temáticas existentes que englobam as pesquisas com foco no léxico, esta dissertação pauta-se no estudo do léxico das bebidas, considerando-o como elemento particular e produto dos conhecimentos vivenciados. Nesse ponto, há de se considerar que as bebidas se associam com as características das nações que as consumiam e consomem, e por outro lado desperta curiosidade tanto de folcloristas, devido ser uma área rica e importante para a cultura nacional de um povo, quanto de linguistas, por conta de suas formas e significados atribuídos para cada objeto e experiência.

Para além dos diferentes sabores e composições que diferem as bebidas, estudar esses líquidos possui grande relevância acadêmica pois possibilita o registro e o conhecimento das tradições e costumes dos seres humanos através dos tempos. Standage (2005, p. 10) ressalta essa importância da presença das bebidas na história e na evolução do homem, afirmando que “(...) assim como os arqueólogos estabelecem períodos históricos com base no uso de

¹ O termo unidade lexical, neste trabalho, é empregado como sinônimo de lexia. Segundo a perspectiva de Pottier (1973), a lexia é conceituada como uma “unidade lexical memorizada”, dotada de significação linguística. (POTTIER, 1973, p. 26).

materiais diferentes – Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro e assim por diante –, também é possível dividir a história do mundo em períodos dominados por certas bebidas”.

Tradicionalmente as bebidas são personagens de grande destaque que estão presentes em diversos momentos históricos, quer seja para nutrir e saciar a sede humana, quanto presentes em momentos sagrados, oferecidas a divindades religiosas, e em momentos de prazer e solidão, conforme afirma Mário Souto Maior (2004, p. 07), ao ressaltar que a bebida “é “água benta”, “água pra tudo”, “cobertor de pobre”, “apaga-tristeza. Bebe-se para “alertar” ou “alumiar as ideias”.

Além disso, cada nomeação atribuída representa um recorte histórico das experiências do homem enquanto ser social. É possível perceber com facilidade essa diversidade de unidades lexicais no Português Brasileiro referente à importante e infindável sinonímia atribuída à cachaça, que a depender do momento é “desmancha-samba”, “água que passarinho não bebe”, “tira-vergonha”, “catinguenta”, “assovio de cobra”, “quebra-munheca”, além de ser delicada quanto uma “moça branca”, um mito relacionado à sua alvura e virgindade, sendo considerada “pura” (SOUTO-MAIOR, 2004, p. 06).

Dada a relevância cultural e linguística do estudo das bebidas, esta investigação, portanto, está alicerçada nos pressupostos da Lexicologia e da Lexicografia, como importantes ciências com aparato teórico e metodológico, que objetivam estudar o léxico de uma determinada comunidade de falantes que representa o conjunto de todas as unidades lexicais convencionadas que pertencem a uma língua. Seus princípios partem de modelos gerais, convenções linguísticas cujo sentido e uso são comuns a todos os falantes. Outra área que também é de nosso interesse é a Sociolinguística, pois, além de tratar da relação entre língua e sociedade, nos ofereceu o aparato metodológico para recolha dos dados investigados, considerando o carácter natural e real de uso da língua junto à comunidade de fala estudada.

Levando em consideração o que fora exposto, escolhemos fazer um levantamento lexical de uma parcela do universo linguístico da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Portuguesa (LP), com foco nas denominações para as bebidas, tendo por ponto de partida as seguintes perguntas norteadoras:

- i. Quais são as unidades lexicais que, de fato, caracterizam o léxico das bebidas utilizadas pelos sinalizantes surdos da Libras?
- ii. Os sinalizantes surdos homens usam sinais que diferem dos usados pelas mulheres?
- iii. Há diferenças significativas entre o léxico usado pelos sinalizantes surdos de mais idade e os de menos idade?

A escolha do léxico das bebidas se deu em razão de nossas percepções empíricas, enquanto sinalizantes da Libras e, em seguida, da realização de nossas investigações científicas, por meio do trabalho de conclusão de curso de graduação², em 2019, ao constatarmos a existência de um léxico utilizado pelos sinalizantes surdos da Libras e que ainda não estava registrado, em sua maior parte, e nem descrito linguisticamente.

Nesse cenário, na Libras, no que se refere a trabalhos voltados a esses estudos científicos, com pesquisas feitas no dicionário Capovilla (2017), observamos o registro de uma parte dos sinais que compõem o léxico desta, pois, embora seja um trabalho generalista, a obra em questão não consegue dar conta de toda a variedade linguística dessa língua, pelo fato de sua característica dinâmica e variável, não abarcando, por exemplo, as unidades lexicais utilizadas no Maranhão, o *locus* da nossa investigação.

Em contrapartida, são crescentes os registros dessa língua em plataformas digitais, em formas de vídeos e apostilas de cursos. Apesar de serem trabalhos que registram o léxico e são importantes veículos que possibilitam a difusão dos estudos desse sistema linguístico, são compilações elaboradas por não-linguistas, sendo, portanto, não fundamentadas em critérios técnico-científicos desse campo de estudo da linguística. Logo, não são suficientes para descrever e analisar o léxico da língua com o rigor científico necessário.

Sendo assim, outra razão para a existência deste trabalho está baseada na necessidade de estudos linguísticos que envolvam o léxico das bebidas, mais especificadamente no Maranhão. Dos trabalhos encontrados que tratam sobre bebidas, podemos ressaltar as pesquisas de Aragão (2014), intitulada *Variações Regionais e Sociais de Bêbado e Aguardente nas Capitais do Nordeste*, que traz uma investigação sobre o viés da dialetologia e da geolinguística da distribuição lexical dos itens “bêbado” e “aguardente” nas capitais do nordeste; no âmbito da pós-graduação, o trabalho de Pereira (2021), intitulado *O léxico da cachaça em Salinas-MG*, que trata do universo lexical da cachaça no estado de Minas Gerais; o trabalho de Seabra (2015), *Cachaça: Cultura, Origem, Variações*, que analisa as denominações do item “cachaça” e registra as diversas nomeações que esta bebida recebe; e o trabalho de Barbosa (2017), *“Cachaça não é água, não?”: a sinonímia de cachaça na cultura brasileira*, que estuda as diferentes produções sinonímicas da palavra “cachaça” no português brasileiro.

² SANTOS, Oséias de Queiroz. **O UNIVERSO LEXICAL DAS BEBIDAS**: um estudo lexicológico da língua brasileira de sinais no Maranhão. 2019. Monografia – Curso de letras-Libras – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

Ainda que já existam trabalhos linguísticos importantes sobre as bebidas no Brasil, é válido ressaltar que estes não intentam a elaboração de uma obra lexicográfica e são investigações que se voltam para bebidas específicas, com foco no léxico da Língua Portuguesa falada em alguma localidade particular, ou até mesmo, trabalhos generalistas, abordando diferentes regiões do país, sem tratar da Libras, o que ainda é mais raro, e das especificidades linguísticas da localidade investigada.

Em se tratando do município estudado – São Luís, capital do estado do Maranhão –, um dos principais motivos que justifica a escolha do *locus* de nossas investigações é o fato de não haver glossários, que sejam do nosso conhecimento, que descrevam o léxico das bebidas, nesta região em questão, sendo, portanto, este trabalho, uma forma de representatividade e valorização da cultura maranhense em trabalhos de cunho lexical que envolvam a Libras e a Língua Portuguesa e, também, de registro de uma diversidade de unidades lexicais que ainda não se encontram compiladas em obras lexicográficas.

Deste modo, este trabalho partiu da proposta de pesquisar a variedade lexical da Libras e sua correspondência em LP, objetivando, de forma geral, elaborar um glossário³ semibilíngue multimodal Português-Libras do léxico das bebidas no município de São Luís, estado do Maranhão. Além desse objetivo geral, possui como objetivos específicos:

1. Inventariar as unidades lexicais que são representativas e são usadas no Município, com base em narrativas sinalizadas de indivíduos surdos participantes da pesquisa.
2. Organizar sistematicamente as unidades lexicais e suas variantes linguísticas encontradas em campos conceituais;
3. Verificar a distribuição das variáveis sociais – faixa etária e sexo – que favorecem as ocorrências dos sinais do Município estudado;

A pesquisa leva em conta os sinais utilizados pelos sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais, que representam as denominações para bebidas, com o intuito de contribuir, por meio dos estudos linguísticos, com o reconhecimento dessas lexias a fim de fazer um levantamento e catalogá-los para a preservação do patrimônio imaterial da cultura ludovicense.

Dessa forma, este trabalho se desenvolveu a partir da hipótese geral de que existe um quantitativo significativo de sinais, ainda não registrados e nem descritos linguisticamente

³ A proposta de glossário semibilíngue multimodal apresenta as entradas, definições e demais elementos que constituem o verbete, na forma escrita em Língua Portuguesa e, somente equivalentes em Libras, na forma de imagem e de vídeo, facilitando o acesso dos consulentes – que são aprendizes, sinalizantes da Libras, profissionais e estudantes da área – na forma impressa e digital.

num glossário, que representa o léxico das bebidas utilizado pelos sinalizantes da Libras em São Luís – MA. Quanto às hipóteses secundárias, temos:

- a) O léxico das bebidas é constituído de sinais que representam a visão de mundo dos seus sinalizantes, em sua maioria surdos, mas também é composto por sinais que sofrem influência da ortografia da Língua Portuguesa.
- b) As variáveis sexo e idade interferem diretamente no modo como esse léxico é utilizado pelos seus sinalizantes.

Consequentemente, o glossário sistemático semibilíngue multimodal resultante deste trabalho servirá não só como instrumento de pesquisa para os estudiosos da linguagem, mas também para os surdos sinalizantes da Libras, pois, os estudos contribuirão para que estes possam ter acesso aos sinais das denominações para as bebidas e sua correspondência em Língua Portuguesa, proporcionando a compreensão e o aprendizado da escrita que circula, majoritariamente, no território brasileiro. O glossário traz também, além dos registros e definições das unidades lexicais encontradas, informações culturais sobre as bebidas, servindo de importante base para as pesquisas sobre esse campo conceitual, e servirá como referência de consulta a surdos, ouvintes sinalizantes da Libras, lexicólogos, lexicógrafos, pesquisadores e todos os interessados pelo léxico das bebidas.

Quanto à divisão estrutural do trabalho, este está organizado em torno de seis seções. Na primeira seção, intitulada *Bebidas, Origens e Tradições – O Universo Conceitual*, fazemos um levantamento conceitual acerca da área das bebidas, a fim de delimitar e esclarecer pontos fundamentais sobre a área estudada, focando na história e curiosidades sobre as bebidas, nos principais processos de produção dessas, evidenciando as matérias primas e os produtos resultantes desses processos.

Na segunda seção, *Fundamentação Teórica – Alinhavando Conceitos*, discutimos a fundamentação teórica utilizada para o embasamento da pesquisa. Primeiramente, apresentamos a relação entre língua, cultura e sociedade, sob a perspectiva dos estudos que versam sobre a influência dos fatores socioculturais sobre o sistema linguístico. Em seguida, discutimos sobre o léxico, focando nas concepções gerais dos estudos lexicais pautados na Lexicologia, abordando os estudos sobre a lexia; e na Lexicografia, voltados para as obras lexicográficas, ressaltando as características do glossário semibilíngue multimodal que é a base deste trabalho. Posteriormente, delimitamos as áreas dos estudos do léxico da Libras, compreendendo sua unidade lexical sinalizada, o sinal, sobre a perspectiva da fonologia, entendendo as unidades mínimas que o constituem; e da morfologia, com as unidades maiores de significado que são a base do léxico. Por fim, nesta seção, apresentamos a perspectiva dos

estudos sociolinguísticos, objetivando esclarecer os pressupostos teóricos dessa disciplina no que tange à variação linguística e suas contribuições e métodos para a recolha do *corpus* estudado.

Na terceira seção, *Procedimentos Metodológicos da Pesquisa*, apresentamos as etapas utilizadas para a realização deste trabalho, explicitando os métodos usados na recolha e tratamento do léxico em estudo; e a metodologia específica para a elaboração do glossário semibilíngue multimodal Língua Portuguesa-Libras.

Na quarta seção, *A Variedade Lexical das Bebidas em São Luís do Maranhão – Olhando Para os Dados*, trazemos a quantificação dos dados coletados no trabalho e algumas discussões sobre as características do léxico utilizado na localidade investigada. Por conseguinte, na quinta seção, intitulada *Glossário Semibilíngue Multimodal Português-Libras das Bebidas*, trazemos o glossário resultante desta investigação com um total de 126 verbetes, distribuídos em ordem alfabética, com natureza semasiológica (da lexia para a definição), em dois campos conceituais, de acordo com a classificação apresentada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2014), que são: a) *as bebidas alcoólicas*; e b) *as bebidas não alcoólicas*. O glossário está distribuído entre os tipos de bebidas, e dentro dessa divisão encontram-se duas subáreas, que são as marcas das bebidas e as embalagens.

Na última seção, as *Considerações finais*, apresentamos uma síntese dos resultados obtidos e discutidos nesta dissertação e as conclusões que este estudo chegou.

2 BEBIDAS, ORIGENS E TRADIÇÕES – O UNIVERSO CONCEITUAL

“De um modo geral, poder-se-ia avançar que a bebida serve de elemento diferenciador das raças ou grupos sociais. Diz-me o que bebes e dir-te-ei quem és.” José Calasans Brandão da Silva (1951, p. 64).

Esta seção é dedicada às concepções iniciais de investigação da nossa pesquisa, o universo conceitual das bebidas. Para melhor compreensão das denominações com que estamos trabalhando e, sobretudo dos objetos e conceitos a que estas se referem, abordaremos duas categorias de bebidas, de acordo com a classificação apresentada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2014), que são: a) *as bebidas alcoólicas*: cachaça, cerveja, champanhe, conhaque, rum, tequila, tiquira, uísque, vinho e vodca; e b) *as bebidas não alcoólicas*: bebidas energéticas e refrigerante. Para tanto, nos debruçaremos sobre o histórico, o surgimento, os aspectos culturais e algumas curiosidades desses itens, focando nos processos de produção que diferem cada categoria de bebida e nas matérias primas que são utilizadas, a fim de nortear e esclarecer pontos fundamentais para a interpretação dos dados linguísticos e culturais construídos no glossário resultante desta dissertação.

2.1. Conhecendo o Segmento das Bebidas

Uma das primeiras observações ao darmos início a esta dissertação sobre léxico é que este universo representa nomeações e conceitos que são parte da trajetória de vida do homem. Pensando nessa premissa, o campo conceitual das bebidas revela-nos não só líquidos que integram o nosso cotidiano e que servem para ingestão humana, mas trazem consigo tradições que refletem a história da civilização através dos tempos e tem papel fundamental no relacionamento entre indivíduos.

Cada item nomeado representa uma visão particular e criativa das experiências coletivas, despertando a curiosidade de todos para o seu conhecimento. São diversas as histórias e hábitos transmitidos de geração em geração a respeito desses líquidos, que por sua vez, possuem um lado inebriante curioso, cheio de mitos e verdades. Julyana Trombeta Reis (2015) ressalta algumas dessas práticas sociais sobre as bebidas, confirmando sua importância no meio cultural:

O café nos dá bom dia logo pela manhã e nos ajuda a não dormir depois do almoço. Em alguns países, tomar uma taça de vinho durante a refeição faz parte da

alimentação. Todos sabem em qual país se toma chá da tarde. Compartilhar o chimarrão utilizando o mesmo recipiente é um ato normal para os que o praticam, mas que causa aversão a quem não está acostumado. Tomar espumante na noite de réveillon é quase obrigatório, assim como para fazer o brinde dos noivos. Refrigerantes, aparentemente inocentes, são grandes veículos de transmissão de cultura e até de valores, afinal seria coincidência a cor atual da roupa do Papai Noel, ser a mesma da Coca-Cola? No Brasil, *happy hour* para muitos ainda é sinônimo de cerveja gelada, enquanto para outros o bacana é tomar coquetéis de *Hollywood*. Engana-se quem pensa que só o vinho tem significado sagrado, pois é preciso vencer tabus para reconhecer a existência de bebidas alucinógenas e suas amplas aplicações (REIS, 2015, p. 1).

Assim, há de se considerar que as bebidas sempre estiveram presentes no mundo social, estando intimamente ligadas às culturas e tradições dos povos antigos que as consumiam, atingindo todas as camadas sociais. Mario Souto Maior (2004), a quem dedicou anos de sua vida pelo estudo do folclore brasileiro, em sua obra intitulada “Dicionário Folclórico da Cachaça”, cita Rodrigues de Carvalho, corroborando com a amplitude do consumo das bebidas:

“Bebem os homens de estudo
 Bebe o branco, o rico, o nobre
 Bebe o negro, o cabra, o pobre
 Bebe o cego, o mouco, o mudo
 Os músicos bebem de tudo,
 Sem em si nada temer:
 De modo que pode haver
 Alguém que não tenha falta:
 Tudo sai nas rodas altas
 Não é defeito beber.”
 (SOUTO MAIOR, 2004, p. 12).

O estudo desses líquidos, sob a ótica do folclore e das tradições, conforme atesta José Calasans (1951, p. 15), nos possibilita conhecer a respeito das ricas e diversas manifestações culturais e populares. Dessa forma, ressaltando o uso generalizado das bebidas, o autor ainda pontua que há somente duas nações que não bebem, o sino e o ovo, conforme ditado popular. “O sino porque está de boca para baixo e o ovo porque já está cheio. Se todos bebem, concluem que “não é defeito beber” (CALASANS, 1951, p. 105).

As tradições das bebidas são inúmeras, em razão da diversidade de vivências, sabores e formas que estão presentes no mundo em que habitamos, sendo considerado algo muito relativo o gosto particular de quem bebe. De um modo geral, cada classe social tem suas bebidas reservadas para momentos específicos da vida, sendo representativas dos membros das comunidades.

Muitos líquidos são sinônimos de sofisticação, elegância e bom gosto, carregando consigo o *status* econômico elevado; já outros não gozam dos mesmos prestígios rebuscados,

possuem valores financeiros mais acessíveis e baixos e, conseqüentemente, são consumidos pela maioria mais pobre, despertando, por sua vez, prazer e alegria a quem bebe.

Mas, independentemente da variedade existente, todas as bebidas carregam vivências com diversos significados sociais. É comum associarmos o refrigerante para celebrações de aniversários; a cerveja gelada com aquele churrasco de final de semana; o vinho para momentos requintados e para celebrações religiosas; a cachaça como ícone e identidade brasileira, consumida desde manhã cedo como café da manhã até madrugadas de farras; ou até mesmo o champanhe para comemorações de final de ano.

Dada a importância do seu conhecimento para as sociedades, Luís Câmara Cascudo (2006) ressalta o papel social das bebidas na legitimidade cultural, presentes em diversos ambientes. Ao longo da história, os champanhes, os vinhos e os conhaques eram elementos imprescindíveis nas relações humanas, estando presentes em atos simbólicos na antiguidade. A cerveja ganhou amplitude mundial, sendo considerada uma das mais antigas bebidas. No Brasil, esta bebida era consumida apenas fora das residências, mas, devido a sua popularização, acabou se instalando nas festas familiares das classes mais pobres no século XX. Já a cachaça, nascida possivelmente no séc. XV, se tornou uma bebida aclamada pelo povo brasileiro, ganhando *status* de utilidade pública. Muitos falam dela como se estivessem falando de uma bela mulher com inúmeras qualidades. Além dessas já citadas, outras bebidas, por sua vez, representam poder dominador, revelando, em seus nomes fortes e mágicos, a reverência cerimonial. A vodka derivada dos grãos-duques e de Stalin. O whisky de Winston Churchill. Os licores representam o romantismo feminino. Os vinhos da madeira carregam a sonoridade parnasiana. O conhaque dominador presente na sustentação e consolidação republicana no Brasil. Os vinhos europeus, de primeira classe, com suas histórias e vaidades. Todas estas possuidoras de uma intransferível moral dentro do complexo tradicional (CASCUDO, 2006, p. 75-76).

Apesar de existirem diferentes tipos de bebidas, o consumo destas está ligado com o relacionamento entre as pessoas, mantendo estreita conexão com os fatos históricos. Nesses termos, estas não se limitavam apenas à nutrição humana, mas faziam parte de rituais sagrados, eram utilizadas como moedas, como símbolos políticos e integravam contextos de hospitalidade, consumidas em festas e cultos.

Tom Standage (2005) aponta que nas civilizações antigas, as bebidas faziam parte de cerimônias religiosas, momentos fúnebres e rituais ligados à agricultura, representando a fertilidade. Os povos Incas ofereciam uma espécie de bebida fermentada feita a base de milho de cor roxa, fervido com especiarias e frutas, chamada *chicha* ao deus do sol nascente, onde

derramavam o líquido no solo ou cuspiam o primeiro gole como forma de oferenda também aos deuses da terra. Na China antiga, algumas bebidas típicas também feitas à base de milho miúdo e arroz eram usadas em funerais e outras ocasiões especiais. Os egípcios acreditavam, por conseguinte, que as bebidas possuíam propriedades sobrenaturais, sendo estas um presente dos deuses, proporcionando a quem bebia um estado de consciência alterada que os ligava às divindades. Sendo assim, alguns desses hábitos antigos ainda são praticados atualmente, como exemplo em uma ocasião social, o momento de brindar os copos, simbolizando a celebração e a felicidade da circunstância, era uma prática comum dos povos antigos (STANDAGE, 2005, p. 16).

O autor ainda complementa essa importância das bebidas nas relações humanas, ressaltando que:

Assim como as marés da história mostram fluxos e refluxos, bebidas diferentes atingiram alguma proeminência em momentos, lugares e culturas diversos, desde as aldeias da Idade da Pedra até os salões de festas na Grécia antiga ou os cafés públicos no Iluminismo. Cada uma delas tornou-se popular quando atendeu a uma necessidade específica ou se alinhou com alguma tendência histórica (STANDAGE, 2005, p. 5).

Todas as bebidas, portanto, têm papel importante para a compreensão dos costumes do homem no mundo, resultado de uma evolução sociocultural. Segundo o trabalho de Luciana Leite de Andrade Lima (2011, p. 40), diversos povos na antiguidade, de acordo com registros históricos, já dominavam as técnicas de manipulação de alimentos, produzindo, assim, as bebidas para consumo, que variavam em função da matéria natural, que podia ser: açúcares, frutas, cana-de-açúcar, milho, trigo, arroz, batata, centeio, aveia, cevada, raízes e folhas.

A apreciação humana a esse segmento alavancou o surgimento de inúmeras possibilidades de tipos de bebidas que atendem às necessidades exigidas socialmente, sendo elas bebidas alcoólicas ou não. Isso se dá pelo grande desenvolvimento da agricultura, bem como o surgimento de novas técnicas de produção e manipulação das matérias primas, acarretando uma maior produtividade neste ramo.

Considerando a evolução e a produção de bebidas na modernidade, no Brasil, atualmente, existe uma variedade de leis e decretos que regulamentam a produção e industrialização deste ramo. Quanto a Lei nº 8.918, de 14 de julho de 1994, o termo “Bebida” é definido como sendo “todo produto industrializado, destinado à ingestão humana, em estado líquido, sem finalidade medicamentosa ou terapêutica”.

No que tange as classificações das bebidas no Brasil, entre as inúmeras propostas existentes, o decreto de bebidas nº 6.871/2009, de 4 de junho de 2009 – que dispõe sobre a padronização, classificação, registro, inspeção, produção e fiscalização de bebidas –, em seu

art. 12, classifica-as em: “I - bebida não-alcoólica: é a bebida com graduação alcoólica até meio por cento em volume, a vinte graus Celsius, de álcool etílico potável”; e “II - bebida alcoólica: é a bebida com graduação alcoólica acima de meio por cento em volume até cinquenta e quatro por cento em volume, a vinte graus Celsius”.

A presente classificação, também definida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2014), é detalhada, com base no volume de registros de produtos, acrescentando também exemplos de bebidas que compõem os dois segmentos assim detalhados, que são: a) bebidas alcoólicas: aguardente de cana, cachaça, coquetel, licor, cerveja, fermentado de fruta, vodka, uísque, rum, gim, caipirinha, vinho, vinagre e espumante; b) bebidas não alcoólicas: refrigerante, refresco, água de coco, fermentado acético, preparados sólido e líquido para refresco e refrigerante, néctar, chá, suco e polpa. Assim, sob o ponto de vista das principais categorias apresentadas, podemos perceber uma diversidade de itens que têm grande importância social e econômica para o país e que cresce o faturamento de suas indústrias de produção a cada ano.

2.2. As Bebidas Alcoólicas

A prática do consumo de bebidas alcoólicas é antiga e se associa a diversas épocas com características particulares. Como resultado desse avanço histórico, atualmente, existe uma variedade de bebidas, que vão desde bebidas quentes a bebidas mais frias, atendendo às necessidades de consumo do homem.

Nos estudos realizados por Alessandra Souza Queiroz Melo (2020), o consumo dessas bebidas pelos seres humanos é datado por volta do período 6.000 a.C., com base em registros arqueológicos, ratificando, assim, a importância social por ser uma prática tão antiga. Porém, embora já se tenha comprovado que as primeiras bebidas são originadas por meio da fermentação alcoólica de frutas, castanhas e mel, não há registros ao certo de onde estas surgiram (MELO, 2020).

Segundo a Associação Brasileira de Bebidas – ABRABE (2014, p. 21),

A influência das bebidas alcoólicas na trajetória da humanidade é ampliada de forma surpreendente quando alinhamos o desenvolvimento delas com os principais eventos que moveram as civilizações até os dias de hoje. É quase necessário encarar as bebidas alcoólicas como personagem onipresente na história, uma personagem que, tal qual na lenda do Conde de Saint-Germain, encontrou o segredo da imortalidade e foi se mostrando quase simultaneamente em diferentes lugares através dos séculos. O homem se apropriou de processos naturais e criou escalas de produção que colocaram as bebidas no centro das grandes transformações geradas pelo contato entre os diferentes povos e culturas que se conectaram pelo comércio e pelos

conflitos territoriais. Conforme as necessidades se apresentavam, líquidos variados ganharam relevância em momentos específicos da história.

Na antiguidade, o álcool era visto como uma substância divina, capaz de estimular o hábito de beber. Na bíblia sagrada, em seu primeiro livro, Gênesis, capítulo 9:21-24, é possível observar a presença do álcool, “21. E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda. (...) 24. E despertou Noé do seu vinho, e soube que seu filho menor lhe fizera”.

Na mitologia grega, por volta dos anos 484 a.C. - 406 a.C., há a presença de divindades mitológicas que se relacionavam a certos fenômenos da natureza – forma esta encontrada por estes povos para explicar o surgimento das coisas –, que são: Deméter, a deusa da agricultura, responsável pelos alimentos que eram fornecidos aos humanos; e Dionísio (Baco na cultura romana), deus do vinho e da festa.

Com a exploração do tráfico negreiro proveniente do continente africano em direção ao Brasil, a bebida alcoólica, mais especificadamente a cachaça, era indispensável para a compra de escravos, juntamente com o tabaco em rolo. Além de ser utilizada como uma moeda em circulação, a bebida servia como alimento suplementar para ajudar na dura e árdua travessia do atlântico. O escravo, por sua vez, era forçado a beber todos os dias para resistir a viagem e esquecer-se da vida desolada. Cascudo (2006, p. 25) atesta esses fatos assinalando que “Graças ao álcool o mercado africano exportador da escravaria prolongou-se, resistindo às repressões, superando obstáculos. (...) Era a irresistível moeda por todo continente (...)”.

Em muitos momentos da história a bebida alcoólica é vista não só como um aperitivo ou acompanhamento, mas como uma fuga da realidade dos problemas sociais vivenciados pelo homem, que proporciona sentimentos prazerosos, tais como alegria, consolo, alívio e frescor, não sentidos quando em estado de sobriedade. Souto Maior (2004, p. 17) esclarece essa afirmativa ao ressaltar que a bebida alcoólica é como um “purgante da alma, como sonho, como êxtase, como fuga, quando tomada conscientemente. Necessária no inverno, nas tristezas, nas dores de amor. Terrível, tirana, destruidora, entretanto, quando consegue dominar o homem”.

Citando a obra de Monteiro Lobato, Souto Maior (2004, p. 17) ainda pontua o poder que as bebidas alcoólicas têm para aliviar a pressão das mazelas sociais, como solução universal:

O álcool! Suprimam-no e adeus código, adeus júri, adeus paixões! Na conta corrente do crime seu débito é tremendo. Mas que lindo saldo tem na conta corrente do sonho! Suprimam-no e a tristeza da vida aumentará. Ninguém calculou ainda a soma de momentos felizes, de sonhos róseos, de êxtases que borbotaram no seio das garrafas.

Além dos sentimentos prazerosos, as bebidas alcoólicas carregam tradições de que dão coragem a quem bebe. Nas palavras de Cascudo (2006, p. 59), há uma história de que a cachaça misturada com pólvora provocava coragem e ânimo aos homens durante as guerras do império, na fase tumultuosa do governo de marechal Floriano Peixoto (1891-1894). Ainda segundo o autor, citando o poeta pernambucano Ascenso Ferreira, no poema “Branquinha” (1939), assinala que:

Contam os veteranos do Paraguay
Que rasgavam no dente o cartucho,
Misturavam pólvora com aguardente,
Passavam a mistura no bucho
E depois iam brigar...
(CASCUDO, 2006, p. 59).

Nas relações humanas, as bebidas alcoólicas integram diversos momentos sociais, presentes em momentos fúnebres, por exemplo, exercendo importante papel como consolo para a família, amigos e entes queridos que estão de luto. No Brasil, há um costume de se tomar uma dose de cachaça para se homenagear e se referir a quem faleceu, momento este praticado nos cultos de religiões de matrizes africanas, conforme nos esclarece Jairo Martins Silva (2006, p. 62), ao ressaltar que “(...) tomar cachaça em velório, ou “beber o morto” para espantar a tristeza, ou fazer um rodeio do copo cheio sobre a cabeça antes de beber são atos de busca de proteção dos deuses, na liturgia dos cultos africanos”.

Com os avanços tecnológicos, novas formas de produção foram desenvolvidas a partir do advento das máquinas, surgindo novas técnicas de produção das bebidas. As afirmações da ABRABE (2014, p. 22) ratificam este pensamento, ao ressaltar que “Com a Revolução Industrial, possibilitou a criação de postos de trabalho para milhões de pessoas e exigiu tecnologias (como a pasteurização, que é hoje largamente utilizada na produção de laticínios e foi desvendada quase por acaso pelo químico e biólogo francês Louis Pasteur) que foram úteis em tantas outras coisas”.

Portanto, considerando os tipos de bebidas alcoólicas existentes, estas se encontram divididas em grupos, que se diferem quanto ao processo de fabricação. Para a classificação dessas bebidas, Aristides de Oliveira Pacheco (1996, p. 31-32), no livro “Manual do Bar”, apresenta uma divisão tendo por base o tipo de bebida, o processo de produção, as principais variedades, principais utilizações e porcentagem de graduação alcoólica. Os processos de produção são: a) fermentação; b) destilação; e c) infusão/composição.

2.2.1. Bebidas Fermentadas

Um traço comum a todas as bebidas alcoólicas é que estas resultam do processo bioquímico denominado fermentação alcoólica, resultando na transformação dos açúcares presentes nas matérias primas em álcool. Tal processo foi desenvolvido com as descobertas do cientista francês Louis Pasteur, que investigou a atuação dos microrganismos no processo de fermentação, tornando-o mais seguro (LIMA, 2011, p. 34-36).

Historicamente as bebidas fermentadas foram as primeiras a serem desenvolvidas pelo homem na antiguidade. Seu surgimento está associado ao desenvolvimento da agricultura, com a fermentação natural de grãos selvagens de cereais que eram armazenados juntamente com a água durante meses e transformados em uma espécie de bebida alcoólica primitiva. Como essas bebidas não eram filtradas para a separação dos grãos presentes que flutuavam nos recipientes, seu consumo se dava por meio de canudos de junco em jarros de cerâmica, possibilitando a quem bebia não engolir os pedaços dos grãos presentes na bebida. Alguns povos africanos mantêm até os dias de hoje esse costume social para degustação e apreciação da cerveja (STANDAGE, 2005, p. 9).

Segundo Reis (2015, p. 50), uma das primeiras bebidas fermentadas feitas pelo homem foi o *hidromel*, que é o resultado da fermentação alcoólica do mel com a água. A bebida era consumida em grande parte do território europeu por volta de 10.000 a.C., conhecida popularmente como “néctar dos deuses”. Assim sendo, esta era famosa por ter propriedades afrodisíacas, sendo uma tradição seu consumo por casais recém casados, durante o primeiro mês de casamento para gerar um filho, resultando na expressão “Lua de mel”, usualmente conhecida nos dias de hoje. Outra história contada por gerações é que o mel havia sido inventado pelo deus romano Baco e que o desenvolvimento do *hidromel* precede a criação da uva fermentada, explicando o fato da importância da palavra “mel” para designar embriaguez em inúmeras línguas indo-europeias (REIS, 2015, p. 50).

De acordo com registros dos povos egípcios, existiam no mundo antigo cerca de 17 tipos de bebidas fermentadas que eram usadas em momentos de lazer e também em rituais religiosos. Os nomes dados as bebidas eram os mais diversos possíveis, e de acordo com Standage (2005, p. 14-15), “alguns deles com referências em termos poéticos que quase soam aos ouvidos modernos como slogans publicitários: as diversas cervejas eram conhecidas como “a boa e bela”, “a celestial”, “a produtora de alegria”, “a companheira da refeição”, “a plena”, “a fermentada”.” (STANDAGE, 2005, p. 14-15).

De maneira geral, a fermentação consiste em uma sequência de reações químicas, na qual microrganismos – leveduras – utilizam o açúcar presente nas frutas para transformar em energia. Dessa forma, durante as reações bioquímicas, as leveduras liberam enzimas sobre os açúcares que, na maioria das vezes são incorporadas, produzindo álcool e gás carbônico, que em alguns casos é reaproveitado e utilizado no processo de gaseificação da própria bebida, presentes nas cervejas, por exemplo (PACHECO, 1996, p. 31).

Esse processo ocorre em tanques com tamanhos variados, denominados dornas (ver Figura 1, a seguir), que podem ser de madeira ou de aço, possuindo uma válvula de escape para a passagem do gás formado durante a fermentação. Ao final deste processo, as bebidas resultantes apresentam diferentes características perceptíveis pelos órgãos dos sentidos, em decorrência do tipo de matéria prima utilizada, possibilitando um teor alcoólico variando entre 7% a 16% (PACHECO, 1996, p. 31).

Figura 1 - Dornas de fermentação alcoólica



Fonte: <https://www.mapadacachaca.com.br/artigos/a-fermentacao-da-cachaca-de-alambique/>

Entre as bebidas fermentadas existentes, selecionamos os seguintes exemplos investigados neste trabalho, são elas:

a) Cerveja

A cerveja é uma bebida fermentada histórica, cujo processo de surgimento remota cerca de 8 mil anos atrás, e acredita-se que esta tenha sido desenvolvida pelos egípcios, devido a maior documentação histórica ter sido encontrada nesta civilização. A palavra cerveja, segundo Pacheco (1996, p. 48), deriva da palavra em latim *cerevisia*, que significa “grão de trigo”.

Ao longo dos anos diversos tipos de cervejas foram sendo produzidas no mundo em diferentes sociedades, confirmando a sua importância no âmbito social. Diferentes povos compartilhavam, por exemplo, o consumo da bebida no mesmo recipiente, conforme atesta Standage (2005, p. 16) ao ressaltar que essa prática nas sociedades antigas, além de ser uma forma de amizade e hospitalidade entre os povos, significava também que se podia “confiar na pessoa que oferece a bebida, pois ela demonstra que não está envenenada ou inadequada para o consumo.” (STANDAGE, 2005, p. 16).

Os egípcios, por exemplo, acreditavam que a cerveja possuía propriedades sobrenaturais, sendo esta inventada pelo deus Osíris, o deus da agricultura e da vida após a morte. Dessa forma, de acordo com a história, Osíris havia inventado a bebida por acaso quando preparou uma mistura de grãos germinado com água, e por seguinte, a esqueceu ao sol. Tempos depois a bebida fermentou-se, resultando em um mingau tão gostoso que o deus da morte resolveu passar o conhecimento para o povo imortal (STANDAGE, 2005, p. 16).

Sendo uma das bebidas mais consumidas no mundo, a cerveja que conhecemos hoje perpassou por processos de mudanças e aprimoramento ao longo dos tempos, visando melhorar o sabor, o aumento de sua produtividade e o aumento de seu consumo. Os ingredientes básicos para a sua produção incluem: cevada maltada, água, lúpulo e levedura. Para a produção da cerveja, são consideradas algumas etapas que vão desde a seleção e preparação dos ingredientes até a embalagem. Na etapa de fabricação, o amido obtido é convertido em mosto – um líquido açucarado que é submetido à fermentação, e que posteriormente é filtrado e finalizado. Entre as marcas existentes no mercado, no Brasil, as mais famosas são: Brahma, Antarctica, Skol, Kaiser, Petra, Itaipava, Heineken, de teor alcoólico variando entre 4% e 5% por volume (PACHECO, 1996, p. 35-36).

b) Champanhe

Conhecido mundialmente por ser usado em celebrações, tais como festas de fim de ano, casamentos e comemorações diversas, o champanhe é uma bebida espumante feita a partir de uma segunda fermentação alcoólica do vinho em recipientes fechados – normalmente em garrafas. A palavra champanhe deriva do francês *champagne*, que significa vinho branco espumante, fabricado na região de Champagne, na França. Tal região onde a bebida surgiu é bastante rica de diferentes variedades de uvas, sendo uma área legalmente delimitada para a produção da bebida (PACHECO, 1996, p. 37).

Segundo Don Kladstrup (2006, p. 8), com as grandes invasões na cidade de Champagne – como exemplos a Guerra dos Cem anos, a Guerra dos Trinta Anos e diversas outras lutas religiosas –, os povos romanos, por volta do ano 52 a. C., após conquistarem toda a região, tiveram grande influência histórica sobre a produção de vinho na referida localidade, pois, foram eles que plantaram as primeiras vinhas e retiraram pedras de calcária para a construção das estradas e edifícios locais. Com o passar dos anos, as minas feitas a partir da extração das pedras foram redescobertas e utilizadas séculos depois para a estocagem e envelhecimento do champanhe.

Em contrapartida, Dom Pierre Pérignon, um monge beneditino que era o responsável pelas adegas da Abadia de Hautvilleres, na França, foi quem inventou a bebida por acaso, utilizando o método de gaseificação, onde certos tipos de vinhos fermentavam novamente depois de engarrafados, devido a liberação do gás carbônico nos recipientes, por uvas da colheita precoce. Assim, ao abrir as garrafas que continham pressão, estas estouravam e o líquido contido era liberado, criando assim a primeira espumante (PACHECO, 1996, p. 37).

Nas palavras de Pacheco (1996, p. 37), o champanhe “deve suas características aos tipos de uvas, ao solo e, principalmente, aos métodos de produção das uvas e de elaboração do vinho”. Entre os ingredientes básicos para a sua produção, são utilizadas uvas tintas, porém, em alguns casos, utiliza-se uvas brancas, possuindo, ao final da produção, um teor alcoólico entre 12,5% e 15% por volume. Para a sua fabricação, o método utilizado consiste em duas fermentações alcoólicas, objetivando aprisionar o gás carbônico formado durante a fermentação.

c) Vinho

Considerada uma das bebidas mais antigas do mundo, o vinho também compartilha de uma importante história social que data os períodos do mundo antigo. Sua existência é registrada cerca de 3.000 anos a.C., sendo esta uma bebida fabricada em quase todos os países, com maior produtividade nos países da Europa ocidental, tais como Portugal, Espanha, França, Itália e Alemanha. A origem do seu nome deriva do grego “Oinos”, que originou a palavra “Enologia”, que significa estudo dos vinhos e seus derivados (PACHECO, 1996, p. 39).

Os primeiros registros que falam sobre a bebida remontam a bíblia sagrada, quando Noé, ao se salvar do dilúvio, planta o primeiro vinhedo nas proximidades do monte Ararat, e posteriormente, desde o local de seu nascimento, a cultura do consumo do vinho se espalhou

em direção a Grécia, a Anatólia (atual Turquia), e ao sul, que compreende a atual Síria, o Líbano e Israel (STANDAGE, 2005, p. 32).

Assim como a cerveja, Lima (2011, p. 83) ressalta que esta bebida não precisou ser inventada, pois, surgiu espontaneamente a partir da fermentação da uva. Pesquisas arqueológicas apontam que o primeiro vinho surgiu na região do Cáucaso (atual região da Turquia, Geórgia e Armênia), a leste do mar negro.

Na cultura grega, segundo Standage (2005, p. 37), o vinho integrava diversas ocasiões do dia a dia, bebido como acompanhamento e após refeições, em momentos especiais como celebrações de casamento, aniversários e solenidades públicas, servindo também como forma de testar o caráter de um homem, que ao bebê-lo, segundo o filósofo Platão, este mostrava a sua verdadeira identidade. E já na cultura romana o vinho tinha significado social elevado, sendo considerado uma bebida universal. Em contrapartida, nem todos tinham acesso ao líquido da mesma forma, pois este era tido como um símbolo de diferenciação social. Enquanto os mais ricos tomavam os melhores e mais finos vinhos, os mais pobres bebiam os vinhos de inferior qualidade. E ainda, “a capacidade de reconhecer e nomear os vinhos mais finos era uma forma importante de consumo conspícuo: mostrava que eram suficientemente ricos para se dar ao luxo de ter os vinhos mais finos e que tinham usado seu tempo aprendendo sobre cada um deles.” (STANDAGE, 2005, p. 47).

Portanto, o vinho é uma bebida fermentada do mosto de uvas sãs e maduras, feito a partir de leveduras, com graduação alcoólica entre 8,6% a 14% em volume. Quanto a sua classificação, de acordo com Portaria nº 229, de 25 de outubro de 1988, o vinho pode ser classificado em: a) vinho de mesa; b) vinho espumante; c) vinho licoroso, e d) vinho composto. Quanto aos tipos de vinhos, estes são divididos em: I) vinho tinto, II) vinho rosado ou rosê e III) vinho branco (BRASIL, 1988).

2.2.2. Bebidas Destiladas

Em busca de uma maior porcentagem alcoólica, o segundo processo decorrente da fermentação é a destilação. De modo geral, o processo de destilação era uma prática comum dos gregos antigos que usavam para fazer perfumes. Aristóteles já havia observado, em seus estudos, que o vapor condensado do aquecimento da água salgada não era salgado, explicando assim o processo de transformação da água do mar em potável. Mas, em contrapartida, foram os árabes que aprimoraram as técnicas gregas para criar uma nova classe de bebidas, as destiladas (STANDAGE, 2005, p. 58).

Tal processo, que envolve o aquecimento da bebida para a sua purificação e separação das impurezas presentes nos líquidos, foi desenvolvido pelo árabe Jabir ibn Hayyan, do século VIII d.C., ao aprimorar um aparato que possibilitaria a destilação – o alambique (ver Figura 2) –, destilando vinho e outras substâncias para experimento. Standage (2005, p. 59) ainda contribui ressaltando que a “palavra alambique, que se refere a um tipo de destilaria, resume bem esta combinação do conhecimento antigo com a inovação árabe. É derivada do arábico *al-ambiq*, que por sua vez descende da palavra grega *ambix*, referente ao vaso especialmente modelado para ser usado na destilação”.

Figura 2 - Alambiques de destilação



Fonte: <https://fabricadealambiquesmg.com.br/o-que-e-um-alambique-como-e-feito/>

Essa nova classe de bebidas ganhou grande repercussão por suas características medicinais. Acreditava-se que o vinho destilado teria poderes milagrosos capaz de curar doenças como: febre, paralisia, doenças nos nervos e nas articulações, problemas cardiovasculares, capaz também de melhorar a memória e proteger contra pragas. Nas palavras de Standage (2005, p. 61), “Ao final do século XIII, quando as universidades e escolas de medicina floresciam por toda a Europa, o vinho destilado era aclamado em tratados de medicina em latim como um novo remédio milagroso – *aqua vitae* ou “água da vida”.”

Outro conhecimento popular a respeito dessas bebidas é que estas tinham características sobrenaturais. Reis (2015, p. 54-55) ressalta que na antiguidade as bebidas destiladas eram conhecidas também como “bebidas espirituosas” ou “spirits” em inglês, pelo fato de que com o aquecimento da bebida o espírito – a verdadeira essência do líquido – seria retirado juntamente com o vapor resultante, apresentando características sobrenaturais. Por conta disso, algumas comunidades possuíam o hábito de derramar um pouco da bebida no

chão antes de beber para oferecer às entidades divinas, que se perdurou até os dias atuais (REIS, 2015, p. 54-55).

Os destilados, portanto, tiveram grande importância econômica e social, assim como as grandes guerras, com o surgimento das armas de fogo e com as doenças infectocontagiosas, que contribuíram para o desenvolvimento da medicina no mundo moderno. Standage (2005, p. 79) ainda contribui com esse raciocínio, ressaltando que:

Os destilados exerceram um papel na escravização e no deslocamento de milhões de pessoas, no estabelecimento de novas nações e na subjugação das culturas indígenas. Atualmente, não estão mais associados à escravidão e à exploração. Mas outros ecos de seus usos nos tempos coloniais ainda persistem. Passageiros aéreos que colocam uma garrafa de algum destilado *duty-free* em suas bagagens de mão fazem-no porque se trata de uma forma compacta de álcool suficientemente forte para sobreviver a uma longa viagem sem estragar. E, no seu desejo de evitar o pagamento de impostos, os compradores de destilados *duty-free* mantêm a tradição dos contrabandistas de rum e dos rapazes do uísque: ser contra as instituições.

A destilação, portanto, envolve a separação de líquidos – obtidos inicialmente pela fermentação – por aquecimento, tendo por base o ponto de ebulição destes, ocasionando a evaporação e posterior a condensação do vapor obtido. Nessa perspectiva, o líquido fermentado entra na coluna de destilação em aço inox ou em alambiques, onde ocorre o processo de destilação. Como os líquidos envolvidos possuem pontos de ebulição distintos, o álcool, por ser mais volátil que a água (transforma-se em vapor em 78° C; e já a água em 100° C), ao ser aquecido, é evaporado em primeiro lugar, permitindo a sua separação (em estado puro) e resfriamento, passando posteriormente para o estado líquido. Lima (2011, p. 36) pontua que “Em geral, a destilação levará a bebida a um teor alcoólico final, geralmente, entre 38% e 60%, não devendo, no Brasil, ultrapassar os 60%.” (LIMA, 2011, p. 36).

Podemos observar as variedades de bebidas destiladas a partir dos seguintes exemplos encontrados neste trabalho, que são:

a) Cachaça

Representando uma autêntica expressão da cultura brasileira, a cachaça é a bebida mais popular do país, uma vez que sua história está ligada a própria formação do território e do povo brasileiro. Sua origem reporta-se ao período de colonização do Brasil, quando os portugueses, a fim de aumentar a produtividade, exploração dos recursos nas colônias e facilitar o estabelecimento dos imigrantes, trazem a cana-de-açúcar ao país, sendo esta matéria a principal fonte para a produção deste destilado. Assim, nos antigos engenhos, os escravos se abrigavam nestes locais de produção de cana-de-açúcar e deixavam, por alguns

dias, a borra do melaço fermentar, sendo a bebida resultante deste processo consumida posteriormente (PACHECO, 1996, p. 47).

Cascudo (2006, p. 17) contribui sobre a origem da cachaça, afirmando que “A cachaça era então essas escumas caídas num tanque raso, regalo dos animais de tração. Dizia-se *espumas do caldo*. Os pequenos engenhos para rapadura e cachaça, engenhocas, banguês, almanjarras, eram movidos a bois, cavalos ou bestas, aos pares (...)”.

Souto Maior (2004, p. 9) chama atenção para a importância da cana no processo de construção da cachaça e de outros derivados, que motivou o desenvolvimento social, econômico e cultural para a formação do país, sobretudo do nordeste brasileiro onde teve grande presença, esclarecendo que:

A cana-de-açúcar, plantada no Nordeste brasileiro pelo escravo africano, irrigada com suas lágrimas, adubada com seu sangue, colhida e industrializada com seu suor, sempre foi o ponto mais alto da nossa economia, do português colonizador e do batavo invasor até os nossos dias. Transformou-se, como num passe de magia ou como acontece nos contos de fada, em açúcar, álcool, rapadura, mel, cachaça e em outros produtos indispensáveis à vida do homem (SOUTO MAIOR, 2004, p. 9).

Uma vez nascida da indústria do açúcar, a cachaça passou de *status* de bebida vulgar dos escravos africanos para um lugar privilegiado na cultura nacional, sendo esta possuidora de uma importante literatura popular de tradição oral. A depender da localidade e do momento em que é consumida, a cachaça dá coragem a quem bebe, aquece do frio, serve para limpar a boca e a garganta, abrir o apetite e é um verdadeiro remédio universal para todos os problemas.

Calasans (1951, p. 31) ainda complementa sobre as múltiplas qualidades atribuídas à *imaculada*:

A cachaça alegre os tristes
Melhora quem está doente
Faz aleijado corrê
E cego vê de repente
(CALASANS, 1951, p. 31).

Devido a sua amplitude nacional, começou a integrar também a culinária nordestina, sendo considerada quase obrigatória o seu consumo ao lado de pratos considerados “pesados”, como “a buchada, a panelada, a mão-de-vaca, o cozido, o sarapatel, a feijoada, a rabada, tanto na mesa do pobre como na do rico, juntou-se ao mel de abelha para se chamar cachimbo, servido tradicionalmente quando as mulheres (...) dão à luz.” (SOUTO MAIOR, 2004, p. 10).

De fato, esta bebida se tornou aclamada pelo povo brasileiro, pois, por estar presente desde a formação e consolidação do território do Brasil, é a mais popular entre as bebidas alcoólicas, estando presente em todos os estados e, conseqüentemente, consumida pela grande

massa, quer seja como aperitivo, acompanhamento, ou, apreciada “desgraçadamente se entregando de corpo e alma, como fazem tantos, aos caprichos da *marvada* que vicia e sabe ser, mais do que qualquer outra bebida, sobejamente tirana.” (SOUTO MAIOR, 2004, p. 11).

Considerando a sua importância social e econômica para o país, a cachaça possui uma vasta sinonímia em razão da cultura a qual está inserida, que pode ser observada na diversidade lexical da Língua Portuguesa. Todos esses títulos que esta recebe carregam por si sós a nacionalidade e a essência do povo brasileiro, usados no cotidiano das diversas camadas sociais. Branca, branquinha, moça branca, dona branca, maria branca, moça loira são algumas das nomeações que a bebida recebe como forma de enaltecer a sua “branquitude”. Registradas por Calasans (1951, p. 29), essas foram algumas das tentativas feitas para eufemizar as suas origens com o negro escravo, como forma de “melhorar” o seu *status* social. Em contrapartida, a origem do nome cachaça está ligada à Espanha, com o castelhano *cachaza*, que era o vinho de borras e que posteriormente passou para o Brasil para designar a aguardente das borras de melaço (CALASANS, 1951, p. 29).

De acordo com Waldemar Gastoni Verturini Filho (2010), podemos citar outras designações encontradas que representam essa vasta diversidade de nomes:

Considerando-se que parecia com água, denominou-se chamá-lo *água ardente*, originando a aguardente. Outro nome que lhe foi atribuído foi *cachaça* por ser originada da borra ou *cachaza* ou ainda, por que servia de alimentação para os porcos (cachaços). E, considerando-se que durante a destilação o líquido pingava sempre, surgiu o nome *pinga* (VERTURINI FILHO, 2010, p. 237).

Além dos nomes humorísticos e representativos, de acordo com histórias narradas sobre o folclore brasileiro, Calasans (1951, p. 62) nos conta que a *branquinha* também representa a personificação de uma mulher, nobre e rica, filha de um senhor do engenho, com inúmeros atributos desejáveis por qualquer homem e que tem poder sobre a vida de quem a possui.

A cachaça é moça branca
Filha de um homem que tem
Quem bebe muita cachaça
Não fala bem de ninguém
(CALASANS, 1951, p. 62).

Segundo a Instrução Normativa nº 13, de 29/06/2005, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) define a cachaça como sendo a “(...) aguardente de cana produzida, no Brasil, com graduação alcoólica de 38% a 48% (v/v) a 20° C, obtida pela destilação do mosto fermentado do caldo de cana-de-açúcar com características sensoriais

peculiares, podendo ser adicionada de açúcares até 6g/L (seis gramas por litro), expressos em sacarose.” (BRASIL, 2005).

Os processos de fabricação da cachaça, de forma geral, incluem: a) preparação, corte, separação das folhagens, transporte e armazenamento da cana-de-açúcar; b) extração do caldo e posterior a sua fermentação; c) após a fermentação, o líquido é levado à destilação, inserido em uma coluna de destilação, ou alambique, para então ser extraído como resultado a cachaça que conhecemos. Em alguns casos, a cachaça – antes de ser engarrafada e comercializada – é armazenada em barris de madeira para ser envelhecida.

b) Conhaque

O conhaque é uma aguardente vínica oriunda do processo de destilação muito famosa. Seu nome deriva da palavra em francês *Cognac*, que significa o nome de uma localidade da França, da província de Charente, onde a bebida foi originada, desde 1909 (PACHECO, 1996, p. 47).

Dessa forma, o primeiro ponto a se considerar sobre essa bebida é que esta é feita a base de vinho. Segundo Verturini Filho (2010, p. 267), como as uvas para a produção do conhaque são da variedade “branca”, em que o vinho resultante não aguentava ser transportado por longos períodos pois transformava-se em vinagre, certos agricultores, no século XVII começam a envelhecer a bebida para ganhar mais resistência, armazenando-a em barris de carvalho, criando inicialmente o primeiro conhaque.

Para a sua fabricação, é necessário seguir regras rígidas de produção, envelhecimento e comercialização. A qualidade da bebida deve-se ao fato de uma boa matéria prima, no caso das uvas utilizadas, se faz necessário, antes de tudo, um bom plantio, um clima adequado e um sistema de cultivo adaptado às necessidades da localidade. Após a produção do líquido extraído das uvas, a bebida passa por um processo de fermentação, onde são convertidos os açúcares da uva em álcool, até ser encaminhado à destilação, onde são concentrados, os quais dão as características necessárias para a produção do conhaque. Ao final, a bebida é armazenada em barris de carvalho por, no mínimo, três anos – embora a maioria das produções permaneça por quatro anos – obtendo ao final cerca de 40% a 60% de teor alcoólico por volume (PACHECO, 1996, p. 48).

c) Rum

Sendo esta considerada um dos destilados mais antigos do mundo, o rum é uma bebida originada na colônia de São Domingos, na América Central, durante a colonização espanhola, por volta do século XVI. Mundialmente, este é produzido em diversos países, tais como França, Alemanha, Reino Unido, Austrália etc., entretanto, os povos das ilhas do Caribe são os que mais produzem (PACHECO, 1996, p. 53).

Inicialmente conhecida como “mata-diabo” pelos povos Barbados, a bebida era famosa por ser extremamente forte, sendo consumida tanto pelos colonos quanto pelos escravizados. Dessa forma, o rum logo se espalhou pelas índias ocidentais, tornando-se popular entre os marinheiros e uma substituta da cerveja nos navios reais, a partir de 1655. A bebida servia como forma de encorajamento para os escravos, para suportarem as demandas exaustivas de trabalhos, e também era usada como controle social, de forma a selecionar e descartar os mais fracos. Além disso, o rum exerceu grande importância econômica, uma vez que serviu como moeda para a compra de escravos, com os quais se podia fabricar o açúcar e gerar mais lucro (STANDAGE, 2005, p. 67-68).

Esta bebida, por sua vez, é derivada da cana-de-açúcar, planta esta que se adaptou as necessidades biológicas da região da América. Apresentando aroma suave e características refinadas, a palavra rum deriva do latim *bullire*, que quer dizer “ferver”. Outra origem do nome se associa aos saqueadores piratas, com o termo inglês arcaico *rumbullion*, que significa “tumulto”, ou seja, os momentos de farra após obterem sucesso nos saques, reduzindo-se posteriormente a *rum* (LIMA, 2011, p. 109).

A produção do rum segue etapas de produção bem definidas. A etapa inicial de sua fabricação inclui a fermentação do caldo da cana-de-açúcar por meio de leveduras produzidas nos próprios laboratórios, diluído com água, e posterior adição de compostos químicos. Após a fermentação, a bebida é submetida à destilação, resultando em um líquido incolor com alto teor alcoólico, que é ratificado e armazenado em tonéis de envelhecimento, apresentando, ao final, teor alcoólico entre 36% a 54% (v/v) (PACHECO, 1996, p. 53).

d) Tequila

A tequila é uma bebida destilada tipicamente da América Central, mais especificadamente do México, produzida a partir da seiva de uma planta babosa, do gênero agave, denominada *mezcal*. O nome da bebida tem origem no nome de uma cidade localizada

no estado de Jalisco, no centro oeste do México, que fica nas montanhas da Sierra Madre e que significa “montanha de fogo.” (PACHECO, 1996, p. 55).

Considerada uma bebida de identidade nacional, o surgimento da tequila está relacionado a pré-história, quando habitantes da região central do México já cultivavam variedades da *mezcal* para elaboração de uma bebida com fins cerimoniais religiosos. Assim, com a chegada dos espanhóis ao México, ao tomarem conhecimento a respeito da destilação deixada pelos Árabes, estes elaboraram uma bebida a partir do suco fermentado da planta, ao qual chamaram, em um primeiro momento de *vinho mezcal*, passando, posteriormente para *tequila* (VERTURINI FILHO, 2010, p. 331).

Para produção da bebida, são retiradas as pencas da planta, que tem sabor amargo e picante. Após a retirada, os pedaços da planta são processados e aquecidos à vapor, cerca de 20 horas. O líquido obtido é doce e é fermentado em dornas por 3 a 5 dias, e então é submetido a destilação, resultando em uma bebida com graduação alcoólica entre 45% e 50% (v/v).

e) Tiquira

Feita a partir da mandioca, a tiquira é um destilado artesanal simples, tradicional no estado do Maranhão, porém, produzida também em alguns estados do Nordeste. Com fabricação concentra nas cidades maranhenses de Santa Quitéria, Barreirinhas e Humberto de Campos, a bebida foi desenvolvida pelos índios, na forma fermentada e posteriormente passa a ser destilada após a colonização portuguesa (VERTURINI FILHO, 2010, p. 365).

Conhecida por ser uma bebida forte que “derruba” qualquer um com duas ou três doses tomadas, a tiquira carrega consigo também uma história curiosa. Verturini Filho (2010, p. 366) ressalta sobre esse aspecto que “Dizem, no Maranhão, que quando uma pessoa toma umas doses de tiquira não é bom tomar banho ou molhar a cabeça ou os pés, pois isso acontecendo, a pessoa pode até morrer ou ficar aluado ou ruim da cabeça”.

A matéria prima da bebida é a raiz de mandioca, que é lavada, ralada e prensada até se formar uma massa com 50% de umidade, retirando também a toxicidade presente na raiz. Após, a massa é disposta e distribuída em chapas aquecidas, formando uma goma seca, denominada beiju. Posteriormente, são desenvolvidos fungos que farão a fermentação da massa em tachos de madeira, que em seguinte o líquido resultante será destilado em alambiques e, ao final, é engarrafado resultando em uma bebida com graduação alcoólica entre 36% a 54% em volume.

f) Uísque

O uísque é um destilado nobre do mosto de cereais, conhecido mundialmente. Sua origem vem dos povos célticos, que habitaram as montanhas da atual Escócia. A palavra uísque deriva da palavra gaélica *uisge-beatha*, que significa “água da vida”, e se relaciona com a crença de que a bebida possuía características medicinais (LIMA, 2011, p. 115).

As primeiras menções sobre a bebida foram feitas no ano de 1494, em um documento escocês, que se trata de uma venda de um barril de malte a um frei, John Corr, atestando sua ligação com os monges e mosteiros, pois este eram os principais produtores de bebidas alcoólicas com fins medicinais. Segundo a história, os povos celtas acreditavam e começaram a propagar uma bebida feita a base de álcool e cereais que, segundo eles, propiciava longevidade a quem bebia, dando origem posteriormente ao uísque.

Assim, com a crise devastadora que inibiu a plantação de uvas na Europa no século XIX, afetando a produção de conhaque e outros *brandies*, a produção de uísque torna-se uma opção frequente, superando as bebidas prestigiadas francesas, alavancando o mercado de bebidas destiladas (ABRABE, 2014, p. 116).

A bebida é produzida a partir da fermentação de grãos de cereais, que podem ser: a cevada, o milho, o trigo e o centeio. Os grãos passam por um processo de maltagem, em que são liberadas enzimas para a transformação do açúcar. Após esta etapa, ocorre a produção do mosto dos grãos, seguido da fermentação, apresentando, ao final, 40% a 90% de massa seca, constituída por amido. Posteriormente, ocorre a etapa de destilação, e ao final, o líquido resultante é armazenado em barris de carvalho para o envelhecimento, sendo esta a principal etapa para a formação de um bom sabor da bebida, apresentado teor alcoólico entre 38% a 54% em volume (LIMA, 2011, p. 115-116).

g) Vodca

A vodca, por sua vez, na visão de Lima (2011, p. 121), “é uma bebida destilada, elaborada a partir de cereais (trigo, aveia e cevada) ou tubérculos (batata e beterraba).” Seu surgimento está associado aos povos eslavos, que bebiam como forma de aquecimento, para suportar o frio intenso da região. Seu nome deriva do russo *vodá*, que significa água, sendo chamada de maneira carinhosa de “aguazinha”.

A bebida se tornou famosa entre os russos, possibilitando que o governo czarista aprovasse e estimulasse à venda no mercado, que era vista como uma forma de gerar lucro

para os cofres do estado. Com o acontecimento das guerras napoleônicas – que foi um conflito entre revolucionários franceses e a monarquia europeia – a vodca se tornou conhecida entre a Europa ocidental, em razão da propagação da bebida pelos soldados russos que a consumiam. Atualmente, com a sua popularização, esta se tornou o destilado mais usado na preparação de *drinques* e que mais agrada o paladar das pessoas.

Existem dois tipos de vodcas, classificadas, segundo Pacheco (1996, p. 58) em: a) vodcas neutras, da qual a marca *Smirnoff* é a sua principal representante; e as b) vodcas aromatizadas, fabricada em países da Europa, como Polônia, tendo como marca representante a *Zubrowka*.

Tecnicamente, sua produção envolve a fermentação de cereais, onde o líquido resultante é posteriormente destilado, e em seguida, são removidas algumas substâncias, aumentando, assim, a graduação alcoólica da bebida. Além disso, pode ser acrescentado aromatizantes naturais e açúcares. Ao final, a bebida deve ter graduação alcoólica de 36% a 54% em volume, a 20° C (LIMA, 2011, p. 121).

2.2.3. Bebidas Compostas

As bebidas compostas, feitas pelo processo de infusão, na visão de Pacheco (1996, p. 32) podem ser definidas como sendo bebidas “obtidas através da imersão temporária de substâncias vegetais para que lhes sejam extraídas as essências”. Este processo surgiu a partir do resultado da junção de ervas medicamentosas ao álcool, objetivando conservá-las por mais tempo. Assim, percebeu-se que as propriedades das ervas passavam para o álcool e lhes dava mais sabor, e foi então que começaram a comercializar esse tipo de bebida.

Elaine Santos Silva (2021, p. 138) ressalta que o surgimento dessa classe de bebidas está relacionado aos séculos XVIII e XIX, onde médicos e curandeiros já receitavam algumas drogas, feitas a partir da mistura de ervas e outras matérias primas juntamente com o álcool para a cura de enfermidades e males, sendo comum à sua utilização nos mosteiros da Itália e Holanda. Tais costumes culturais passava de geração em geração, chegando até o Brasil, com a prática do trabalho escravo pelos portugueses nos canaviais de cana-de-açúcar e na produção de cachaça. Silva (2021, p. 138) aponta a existência de uma bebida típica, chamada *cachimbo*, de origem indígena que é feita à base de cachaça, polpa de fruta e mel. A autora ainda complementa que a bebida era consumida para celebrar o nascimento de uma nova criança na localidade.

Para a produção destas, são envolvidas bebidas já fabricadas, obtidas pela fermentação ou destilação, e posteriormente são adicionados ingredientes que lhes vão dando outros sabores e características, como a mistura de açúcares e corantes, de modo a corrigir o paladar e a cor da bebida. No caso de algumas bebidas compostas, como os Licores, além de adicionar outras substâncias com a bebida, a mistura passa por um processo de infusão e posteriormente pela maturação – que consiste em deixar a bebida atingir seu processo de expressão máxima com o envelhecimento em garrafa (PACHECO, 1996, p. 32).

Essa é a forma básica da infusão, porém, cabe aqui ressaltar que as indústrias, de forma a particularizar seus produtos, adicionam outros ingredientes que são mantidos em sigilo. Entre as bebidas compostas existentes, podemos citar as seguintes bebidas encontradas neste trabalho, que são:

a) *Bitter*

Palavra em inglês que significa “amargo”, o *bitter* é uma bebida de gosto destacado, feita geralmente por raízes de plantas, frutas e cascas de árvores, que leva em sua composição álcool neutro. Seus principais ingredientes incluem também a laranja, a genciana e o quinino (PACHECO, 1996, p. 60).

Assim como outras bebidas, não se sabe ao certo onde os *bitters* surgiram. Na antiguidade, já se praticava a mistura de bebidas alcoólicas com folhas e raízes de plantas, semelhantes aos *bitters*, para fins medicinais, de forma a tratar problemas no estômago. A “angostura”, um *bitter* de origem venezuelana, foi criado pelo médico Johann G. B. Sieger, e era dado aos seus pacientes para tratar cólicas estomacais, sendo utilizada também pelos soldados durante a guerra da independência, em 1820, para abrir o apetite e melhorar a digestão.

No Brasil, são fabricados diversos tipos de *bitters* que se diferem de acordo com o sabor e a matéria prima utilizada na sua fabricação. Tais bebidas possuem graduação alcoólica entre 20% e 45% (v/v). Entre os *bitters* existentes no mercado, um dos mais conhecidos é o Campari, bebida seca italiana, com forte sabor de quinino, usada muita das vezes como aperitivo (PACHECO, 1996, p. 61).

b) Licor

Após a invenção do álcool e de outras bebidas tanto fermentadas quanto destiladas, surgem as primeiras bebidas alcoólicas com a mistura de ervas, denominadas licores, que possuíam sabores doces de frutas ou ervas. Segundo Pacheco (1996, p. 62), a bebida foi criada pelos alquimistas italianos com seus complexos instrumentos, “ao chegar à França, mais precisamente aos mosteiros, foram-lhe atribuídas propriedades rejuvenescedoras e medicinais, além de ser considerado uma bebida muito agradável”.

Os *hippocras* eram licores aromatizados, consumidos em grande escala até a idade média e que foram inventados por Hipócrates. Segundo Verturini Filho (2010, p. 425), a arte de produção dos licores existente atualmente é graças ao desenvolvimento científico por parte de religiosos dos séculos XIII e XIV, e que posteriormente foram aprimorados no século XV em Florença, Veneza e Turim, estendendo-se a outros povos.

Silva (2021, p. 138) pontua sobre a etimologia da palavra licor, que tem origem nas palavras em latim *liquifacere* e *liquore*, e que significam “tornar líquido” e “líquido”, respectivamente.

Para a fabricação da bebida, é de suma importância a extração de essências de plantas, cascas, raízes, sementes ou frutos, que darão um sabor agradável a quem bebe. Entre as etapas de fabricação, são consideradas três pontos de grande relevância, que são: a) infusão, em que a matéria prima é moída, juntamente com a água e submetida a cozimento para extração de sua essência, adicionando posteriormente o álcool e os demais compostos; b) destilação, para extração do álcool resultante da mistura; e c) filtração, que consiste na adição de extratos aromáticos ao álcool, que posteriormente é filtrado e corrigido com açúcar. Ao final do processo, a bebida possui teor alcoólico entre 20% e 55% (v/v) (PACHECO, 1996, p. 63).

2.3. As Bebidas Não Alcoólicas

A segunda categoria de bebidas, segundo a legislação brasileira, são as bebidas não alcoólicas. Essas bebidas, por sua vez, fazem parte do cardápio da maioria das pessoas, pois, em sua maioria, não leva álcool na sua composição, fazendo com que estas sejam consumidas por todos os públicos, quer sejam adultos quer sejam crianças.

O surgimento das diferentes bebidas não alcoólicas nas civilizações antigas perpassou por um ingrediente comum, a água. Na antiguidade, a água era a principal fonte capaz de saciar e hidratar, possibilitando a sobrevivência do homem. Com o desenvolvimento social,

outras bebidas não alcoólicas surgiram para suprir às necessidades fisiológicas básicas, à base de frutas, vegetais e plantas, estando relacionadas à localidade, o clima e os costumes locais, viabilizando o desenvolvimento dos grandes povos do passado.

O café teve grande importância social para os gregos, no século XVII, onde primava-se pela sabedoria e pelo pensamento do homem. Standage (2005, p. 61) contribui afirmando que “A propagação desse novo racionalismo pela Europa foi espelhada pela difusão de uma nova bebida, o café, que promovia acuidade e clareza de pensamento. Tornou-se a preferência dos cientistas, intelectuais, comerciantes e burocratas (...)”. A bebida era servida em lugares e estabelecimentos calmos, pois ajudava na promoção de uma boa qualidade de trabalho e rendimento a quem bebia.

O chá, por sua vez, contribuiu para a ampliação do comércio europeu com o Oriente, no século XVIII, ligado às expansões do império e da indústria. A bebida possibilitou grande lucro financeiro, custeando o avanço da companhia britânica em direção às Índias. Nas palavras de Standage (2005, p. 104), “Tendo surgido como uma bebida de luxo, o chá aos poucos tornou-se a bebida do trabalhador, o combustível para os operários das novas fábricas movidas a máquinas. Se o sol nunca desaparecia no Império Britânico, então era sempre a hora do chá, pelo menos em algum lugar.” (STANDAGE, 2005, p. 104).

Já as primeiras bebidas não alcoólicas gaseificadas foram comercializadas por um químico e farmacêutico, Thomas Henry, por volta dos anos de 1770, que aperfeiçoou uma técnica artificialmente para a produção de uma água gaseificada com minerais, utilizada como remédio, com benefícios à saúde e cura de febre, desintéria, vômito etc. Com a grande difusão e o crescente mercado dessa nova classe de bebidas em 1790, inúmeros profissionais e cientista abriram negócios para a venda dessas águas artificiais para todos os públicos na Europa, atingindo sucesso entre as pessoas. Standage (2005, p. 136) acrescenta que “Algumas das novas águas minerais artificiais eram preparadas usando-se bicarbonato de sódio – ou soda –, de modo que a expressão “água com soda” tornou-se o termo genérico para tais bebidas”.

Muito mais tarde, com o aprimoramento das técnicas de produção de bebidas gaseificadas, em 1886, John Pemberton, um farmacêutico curioso que vivia na Geórgia, combinou ingredientes por acaso ao tentar desenvolver um remédio para curar dores de cabeça, porém, em vez disso, acabou criando um líquido de cor caramelo, levando posteriormente a uma farmácia para combinar com água gasosa, criando assim a “Coca-cola”, que por acaso ganhou grande proporção mundial. A bebida se tornou um emblema nacional dos Estados Unidos e uma forte estimuladora do capitalismo mundial, estando presente nas

grandes guerras, levadas pelos soldados americanos no século XX, ajudando a transformar o referido país em uma potência mundial e um ícone da globalização (STANDAGE, 2005, p. 105).

Em decorrência do avanço tecnológico no mundo moderno, a indústria de bebidas não alcoólicas vem ampliando seu mercado atualmente, em razão dos diferentes gostos e necessidades existentes, e que está presente em quase todas as residências, bares ou restaurantes. Dessa forma, estas podem variar de acordo com a localidade e com os costumes sociais; com a quantidade de calorias; com os diferentes gostos e composições; podendo ser consumidas de forma isolada, como acompanhamento e no encerramento das alimentações (MELO, 2020, p. 28).

Sob o ponto de vista das associações que tratam sobre essas bebidas, nas investigações de Reis (2015), a Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerantes e Bebidas Não Alcoólicas – ABIR, fundada em 1995, enquadra as bebidas não alcoólicas nas seguintes categorias, que são: água engarrafada, água sem gás, água com gás, água de galão, sucos, néctares, suco concentrado, still drinks ou refrescos, refrigerantes, energéticos, sucos em pó, e chás gelados prontos para beber (*ice tea*).

Entre as bebidas não alcoólicas existentes, podemos destacar duas bebidas que estão presentes em nosso trabalho: *a) bebidas energéticas*, que são bebidas que possuem ingredientes estimulantes, como a cafeína e a taurina; e *b) refrigerantes*, que são bebidas populares no mercado e estão na lista das bebidas gaseificadas mais consumidas. As especificações de cada bebida podem ser observadas a seguir:

a) Bebidas energéticas

O consumo das bebidas energéticas tem aumentado nas últimas décadas, devido a sua fácil acessibilidade entre jovens e adolescentes. Isso ocorre pelo fato de sua composição conter estimulantes do metabolismo humano, trazendo energia para quem as consome. Segundo as pesquisas de Joelia Marques de Carvalho *et al.* (2006, p. 79), as bebidas energéticas podem ser definidas como “produtos que contém tipicamente cafeína, taurina e vitaminas, e podem conter uma fonte de energia (carboidratos), ou outras substâncias, comercializadas com propósito específico de fornecer real ou perceptiva melhoria psicológica ou efeitos na performance”.

Estas bebidas foram lançadas na década de 80, com a proposta do empresário austríaco – dono de uma empresa de cosméticos – Dietrich Mateschitz, e desde então, é crescente a sua

procura em todo o mundo. Em geral, sua composição varia de acordo com as marcas existentes, contendo os seguintes componentes químicos, que são: cafeína, taurina, vitaminas B, derivados de açúcar, como glucoronolactona, algumas plantas, incluindo guaraná, aromatizantes e corantes. Assim, sua principal função é estimular o corpo através de estimulantes do metabolismo, ativando o estado de alerta e reduzindo, assim, o sono por algum tempo.

b) Refrigerante

Conhecido mundialmente, os refrigerantes integram o grupo de bebidas refrescantes e possuem uma variedade de sabores, contendo concentrações variáveis de sucos de frutas. Seu surgimento está associado ao marco da criação da água gasosa artificial, criada pelo químico francês Gabriel Venel, em 1750, possibilitando, posteriormente, que Townseed Speakman preparasse o primeiro refrigerante em 1870, ao combinar sucos de frutas e flavorizantes com água carbonada (VERTURINI FILHO, 2010, p. 177).

A legislação brasileira, Lei nº 8.918/1.994, define o termo refrigerante como “bebida gaseificada, obtida pela dissolução em água potável de suco ou extrato vegetal de sua origem, adicionada de açúcares”. Sua composição leva as seguintes matérias primas: água, adoçante, sucos, ácidos e conservantes, gás carbônico, flavorizantes, carvão ativado e terra diatomácea.

O setor de refrigerantes no Brasil cresce a cada dia, devido à crescente popularização de consumo, apresentando, atualmente, uma variedade de sabores e marcas, sendo o tipo cola, o guaraná e os sabores de frutas os mais procurados. Sua fabricação inclui as seguintes etapas: elaboração e preparo do xarope simples, onde o açúcar é dissolvido em água quente tratada; posteriormente são adicionados conservantes e outros compostos para dar sabor a bebida; e, após esses processos o xarope composto resultante está pronto para receber o gás e então o líquido é engarrafado, rotulado e lacrado (LIMA, 2011, p. 65-66).

À vista disso, considerando o exposto acerca das bebidas, podemos constatar que conhecer este universo de líquidos que integram o ambiente social e que favorecem diversas investigações, nas áreas do folclore cultural, no âmbito da hospitalidade, dos diversos sabores e composições e sob o viés linguístico, que é o centro de nossas investigações, nos possibilitou contextualizar sobre a história, a classificação e a evolução dessas bebidas, sobretudo o reflexo dessas interações e convenções sociais sobre o sistema linguístico.

Seja com nomeações e expressões usadas em diversas línguas, os costumes acerca das bebidas se perpetuaram aos dias atuais como representação das tradições quase que

obrigatórias nas diferentes culturas. Assim, o toque das taças soa as diferentes convenções sociais, evocando saúde, sucesso, alegria, amor, celebradas no presente em momentos festivos, religiosos ou em comemorações de lazer, entre amigos e familiares que se encontram para beber.

Portanto, o propósito desta seção foi situar a respeito dos pressupostos conceituais e culturais sobre as bebidas, contribuindo para o entendimento dessa área em que se encontra inserida a nossa pesquisa, uma vez que alguns princípios são retomados no glossário deste trabalho. Portanto, na próxima seção, para melhor entendimento a respeito do léxico das línguas naturais, que é a base deste estudo, apresentamos os pressupostos teóricos que nortearam esta investigação, sobretudo as teorias que embasaram a obra lexicográfica resultante.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – ALINHAVANDO CONCEITOS

“A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura.” Joseph Schuyler Long (LONG, 1910, *apud* SACKS, 1998, p. 5).

Compreender a realidade linguística de uma comunidade de falantes significa debruçar-se sobre a visão de mundo de um povo que, por sua vez, se cristaliza por meio de signos linguísticos, o reflexo notável dos valores e costumes que vão sendo construídos ao longo dos tempos. Dessa forma, a presente seção traz investigações e contribuições teóricas sobre os estudos linguísticos, evidenciando as características funcionais/sociais que refletem o sistema, com foco no nível lexical, objeto de análise desta pesquisa.

Na primeira parte desta seção, evidenciamos as intrínsecas relações entre língua, cultura e sociedade, objetivando compreender os fatos linguísticos que são motivados e sofrem influência de uma cultura⁴, que, por sua vez, é utilizada e compartilhada por uma sociedade. Assim, a partir dessas investigações, recorreremos aos estudos de cunho lexical, tomando por base a Lexicologia e a Lexicografia. A partir do estudo dessas chamadas ciências do léxico, pudemos entender e obter subsídios teóricos e metodológicos quanto ao delineamento, recolha e tratamento do léxico em estudo que tem por finalidade a elaboração de uma obra lexicográfica. Os princípios e métodos dessas ciências contribuíram para a sistematização e organização de um glossário semibílingue⁵ multimodal⁶, trazendo contribuições sobre o fazer lexicográfico e delimitando o recorte lexical estudado a respeito das bebidas, com informações relevantes para os consulentes dessa obra.

A partir dessas contribuições, buscamos novos direcionamentos, no que concerne ao léxico da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Nesta parte da fundamentação, investigamos seu caráter de língua natural e suas características funcionais, à luz de teóricos, tais como

⁴ Partimos do princípio de que a cultura, na visão de Paula (2008, p. 259) “é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos e ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas, demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas”.

⁵ Para este trabalho adotamos o conceito de semibílingue como sendo uma obra que está a meio caminho entre o monolíngue e o bilíngue, e que contém entradas e definições em uma língua e apenas a entrada equivalente em outra língua. Assim, tomamos por base os pressupostos de obras lexicográficas semibílingues propostos por Duran e Xatara (2005), que serão descritos posteriormente no decorrer deste trabalho.

⁶ O termo multimodalidade, segundo Lew (2010) refere-se, por sua vez, a exploração de diferentes meios semióticos para além do escrito, como o imagético, por exemplo, em uma obra lexicográfica, potencializando a apreensão e interação do consulente com a informação lexical.

Quadros e Karnopp (2004), Faria-Nascimento (2009), Nascimento (2016), Felipe (2006), entre outros, que versam sobre esse assunto e são referências na área, focalizando e aplicando as teorias linguísticas para esta língua em estudo. Para tanto, foi necessário delimitar e entender as unidades mínimas que a constituem, os parâmetros linguísticos que, por se tratar de uma língua de modalidade visual-espacial, possui propriedades particulares. Estabelecendo essas características, direcionamos nossos estudos para a unidade básica do léxico da Libras, o sinal. Foi imprescindível pesquisar, para melhor compreensão, os processos de formação, expansão e a categorização lexical dessa língua, fatores esses que resultam na produtividade e diversidade lexical.

Finalmente, trazemos as contribuições dos estudos sociolinguísticos que, além de subsidiar a compreensão e análise da variação linguística, sobretudo na Libras, trazem contribuições metodológicas de investigação e coleta dos dados sob a perspectiva de campo de uma comunidade de fala, uma vez que essa disciplina investiga a língua e sua relação com o social.

3.1. Língua, Cultura e Sociedade

Entre as inúmeras discussões a respeito dos estudos linguísticos e seu processo de construção, podemos citar a intrínseca relação entre língua, cultura e sociedade. Assim, quando associamos as inúmeras línguas existentes no mundo, não podemos negar que estas são faladas e utilizadas por pessoas, indivíduos dotados de saberes construídos ao longo dos tempos. Portanto, se o homem constrói conhecimentos no universo que habita, esses traços comuns que o particularizam e o diferem de homens de outras sociedades, caracterizam suas vivências através da língua.

Assim, a partir dessa perspectiva, entendemos essa forte ligação entre esses três planos e observamos uma relação mútua entre as experiências cristalizadas no pensamento humano e verbalizadas, no nível linguístico. Portanto, analisando a partir de duas perspectivas, de um lado a importância de uma língua no processo de interação e comunicação entre povos; do outro, a necessidade de um povo para que esta língua exista, uma vez que esses elementos são construídos e partilhados socialmente. A partir dessa concepção, os postulados de Edward Sapir contribuem para entendermos esse ponto de vista. O autor ressalta que:

Toda língua tem uma sede. O povo que a fala, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, **a língua não existe isolada da cultura** (grifo

nosso), isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas (SAPIR, 1980, p. 164).

Essa relação indissociável entre língua, cultura e sociedade é produto da história da humanidade e da linguagem, e é bastante estudada e vista por diferentes perspectivas⁷, tanto sob o viés social, através dos estudos antropológicos e das ciências sociais, quanto dos estudos linguísticos, na perspectiva da descrição e expressão linguística que, por sua vez, se complementam e sustentam a ideia dessa forte conexão inseparável. Logo, retomando aos estudos de Sapir (1980, p. 171), este, por sua vez, ressalta que “O conteúdo de todas as línguas é o mesmo: é a ‘ciência’ intuitiva da experiência”. Assim sendo, podemos compreender que a tarefa de nomear é uma prática constante dos seres humanos, que vem sendo desenvolvida nos dias atuais. O autor também pontua que essas manifestações linguísticas são próprias de um determinado grupo de falantes e é uma “arte” coletiva do pensar (SAPIR, 1980, p. 171).

Uma vez que a língua é entendida como um produto das relações socioculturais do homem, Sapir (1980, p. 171) afirma que “Pode-se definir a cultura ‘o que’ a sociedade faz e pensa. A língua é um ‘como’ especialmente se pensa”. Dessa maneira, esse conjunto de percepções particulares adequa-se ao tempo e espaço em que se está inserido e está passível a mudanças, tendo em vista que “a cultura (...) é outra maneira de designar a história, é uma série complexa de mudanças nesse inventário socialmente selecionado: adições, perdas, trocas de ênfase e relação.” (SAPIR, 1980, p. 171).

Considerando essa perspectiva, nos firmamos na ideia de que a cultura é a “bússola” que nos mostra o “norte” de como devemos compreender uma língua. Assim, a partir dessa premissa, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, em seus postulados, nos traz, a partir de três concepções, a relação entre língua(gem) e cultura. Numa primeira perspectiva, a língua(gem) é entendida como “Produto de uma cultura”, pois, a partir das manifestações culturais, dos valores construídos e das tradições como práticas sociais, o homem constrói o sistema linguístico, produto do reflexo notório de todo o aspecto social materializado no processo comunicativo. Assim, nas palavras do autor, “uma língua usada por uma sociedade reflete a cultura geral da população.” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 80).

Sobre outro ponto de vista, Lévi-Strauss ressalta que a língua(gem) é “Parte da cultura”. Assim sendo, a língua se configura como um dos elementos constituintes da cultura, assim como as artes, a política, a religião, e que se liga a “um conjunto complexo que

⁷ Assim, neste trabalho, nos deteremos sobre duas perspectivas, a do caráter social e a do caráter linguístico.

compreende instrumentos, instituições, crenças, costumes e, evidentemente, língua.” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 80).

Outrossim, para Strauss a língua(gem) é “condição da cultura”. Nessa perspectiva, só existe cultura porque se tem uma língua, possibilitando ao homem a transferência de seus costumes aos seus pares, sendo esta uma condição necessária para a sobrevivência da cultura. Em suas palavras, ressalta que:

Por intermédio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; a criança é instruída e educada pela palavra, é repreendida e elogiada com palavras. De um ponto de vista mais teórico, a linguagem também se apresenta como condição da cultura, na medida em que esta possui uma arquitetura similar à da linguagem. Ambas se constroem por intermédio de oposições e correlações ou, em outras palavras, de relações lógicas. De modo que a linguagem pode ser considerada como uma fundação, destinada a receber as estruturas, às vezes mais complexas, mas do mesmo tipo que as suas, que correspondem à cultura tomada em seus vários aspectos (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 80).

Assim, essas três contribuições de Strauss não são conclusivas e não esgotam todo o entendimento sobre a correlação entre língua, cultura e sociedade. Dessa maneira, é de extrema complexidade depreender essas faces, nos possibilitando, a partir de outros vieses, compreender essas redes de valores subjetivos caracterizados pela língua(gem). Consequentemente, a partir dessa concepção da língua como resultado da manifestação cultural, não podemos esquecer que esta se adapta às necessidades sociais existentes.

Logo, a língua assume formas de manutenção e desenvolvimento humano, uma vez que não se limita às manifestações sonoras, mas abrange também as línguas de modalidade visual espacial. Nessa concepção, ressaltamos a importância de um estudo linguístico que analise uma das inúmeras línguas de sinais existentes no mundo, a Língua Brasileira de Sinais – Libras e represente um notório enriquecimento sobre a percepção dessa língua e um entendimento integrado com o seu seio social.

Em outra perspectiva, convém destacarmos também as contribuições da Linguística Geral para a interpretação dos fatos linguísticos. Vale aqui ressaltar as pesquisas de Ferdinand de Saussure, que aborda em seu trabalho a propriedade social da língua de forma implícita ao destacar que “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro.” (SAUSSURE, 2012, p. 40).

Pontuando a corrente de estudos estruturalistas, percebemos o caráter coletivo do sistema linguístico, visto que a forma de enxergar o mundo por uma sociedade interfere diretamente no modo de estruturação e utilização desse sistema. Saussure (2012, p. 46), ainda salienta que:

Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros de uma comunidade linguística. Por outro lado, o indivíduo tem a necessidade de uma aprendizagem para conhecer-lhe o funcionamento; somente pouco a pouco a criança a assimila.

O autor esclarece que "a língua é um todo por si e um princípio de classificação" (SAUSSURE, 2012, p. 41). E, ao mesmo tempo, que é vista como uma estrutura, compreendemos que é um conjunto de regras partilhadas e adquiridas no seio comum via interação e vivência da realidade entre os indivíduos. Seguindo a mesma linha de pensamento, o autor enfatiza também que "os costumes de uma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação." (SAUSSURE, 2012, p. 53). Esta face social que ressaltamos no trabalho de Saussure sobre um fator inerente ao sistema linguístico não é o foco e, conseqüentemente, não é seu objeto de análise, porém é o ponto de partida para possibilitar outras análises.

Posterior a estes estudos e contemporâneo de Ferdinand de Saussure, Antoine Meillet defendia a ideia de a língua ser um "fato social", baseado nos estudos do sociólogo David Émile Durkheim:

(...) a linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, contudo, ela é, por sua generalidade, exterior a ele (MEILLET, 1965, p. 230, *apud* CALVET, 2002, p. 13-14).

Meillet critica a visão de Saussure ressaltando que "ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável" (MEILLET, 1965, p. 166, *apud* CALVET, 2002, p. 14). O pensamento do autor vai em oposição à ideia da separação entre a abordagem interna e a abordagem externa da língua e do pensamento dissociável dos estudos sincrônicos dos diacrônicos. O teórico faz essa associação entre essas dicotomias, buscando explicar a estrutura pela história, logo, o papel da Linguística Geral consiste em "[...] determinar a qual estrutura social corresponde uma dada estrutura linguística e como, de maneira geral, as mudanças de estrutura social se traduzem por mudanças de estrutura linguística."⁸ (MEILLET, 1921, *apud* LABOV, 2010, p. 185).

Assim sendo, com base nos pressupostos apresentados, compreendemos a face social do sistema linguístico como reflexo do modo como os seres humanos percebem a realidade em que estão inseridos. Assim, entre as especificidades linguísticas existentes, as unidades

⁸ Tradução nossa de: "determine which social structure corresponds to a given linguistic structure, and how, in a general manner, changes in social structure are translated into changes in linguistic structure."

lexicais de uma língua revelam imediatamente o pensamento, as crenças, e sobretudo a cultura de um grupo social.

Portanto, baseados nesse campo de investigação dos estudos do léxico, temos a Lexicologia e a Lexicografia como importantes ciências que visam investigar, inventariar e analisar o léxico de uma língua. Posto isto, para compreensão das unidades lexicais das línguas naturais, veremos, no próximo tópico, os pressupostos teórico-metodológicos dessas duas ciências.

3.2. O Estudo do Léxico: concepções gerais

Em meio às capacidades humanas de cognição e apreensão social, o processo de nomeação vem sendo uma das etapas mais antigas observadas ao longo do tempo e que permanece até os dias atuais. Para esse processo, vale ressaltar as interações sociais contínuas como fatores de expressão e manifestação do pensamento, pelas quais o homem exprime aquilo que lhe é conhecido do mundo real. Nessa perspectiva, não podemos negar a importância de se nomear coisas, processo este que constrói o léxico das línguas naturais, que está diretamente ligado com o aspecto cultural, conforme ressalta Carlos Alberto Faraco ao destacar que “o léxico é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade entre língua e cultura.” (FARACO, 1991, p. 25).

Assim, falar de léxico é sinônimo de falar de todos os elementos que constituem uma língua, e abrange tanto as línguas orais auditivas, quanto as línguas de sinais. Dessa forma, segundo Maria Tereza Camargo Biderman, “o sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo” (BIDERMAN, 2001, p. 139). As contribuições de Biderman nos fazem refletir sobre a importância de se estudar um nível linguístico que compõe a língua, e que, notoriamente, evidências as particularidades de quem a utiliza. Sendo assim, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – as palavras.” (BIDERMAN, 1998, p. 11).

Nesse sentido, Mário Augusto do Quinteiro Vilela afirma que:

[...] o léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber

linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade (VILELA, 1994, p. 6).

Logo, entendemos que é por meio do léxico que significamos e designamos os seres, os objetos e as nossas experiências. Assim, no plano da significação, temos o conteúdo linguístico, o sentido que o falante atribui ao se deparar com um dado da realidade; e já no plano da designação, estamos tratando da nomeação que os seres humanos cristalizam para este significado real, e que é particular. Eugenio Coseriu ressalta que “o significado é sempre e exclusivamente o conteúdo dum signo linguístico (...) em seu sentido estrito: é a configuração, numa dada língua, das possibilidades da designação” (COSERIU, 1979, p. 15), e já a designação, “por sua vez, num ato de fala, é a aplicação dum significado, e não apenas determinada por este, mas igualmente por princípios gerais do pensamento e pela experiência do mundo.” (COSERIU, 1979, p. 15).

A partir dessa perspectiva é possível compreender os significados atribuídos as unidades lexicais de uma língua, uma vez que tais convenções representam uma das mais engenhosas ideias de categorizar o mundo e, simultaneamente a isto, possibilita-nos depreender os enlaces entre língua, léxico e cultura (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Diante disso, Biderman (2001, p. 81) ainda ressalta que,

Ao reunir os objetos em grupos identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais.

Contudo, pelo fato da característica heterogênea constitutiva do léxico, Biderman (1978, p. 139) ressalta que essa parte da língua “constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”. Logo, são desafiadores os estudos que envolvem o léxico, pois, embora haja inúmeras definições acerca deste, são conceituações insuficientes para descrever toda a sua totalidade. Frente a essa realidade, Biderman (2001, p. 97) afirma que “A notória dificuldade de estudar o léxico de uma língua se deve ao fato de ser este um sistema aberto, contrariamente aos demais domínios linguísticos como a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe”.

Portanto, a partir de nossas percepções, entendemos que o léxico de uma língua é dinâmico e instável, refletindo os aspectos históricos, sociais e culturais de um povo. Logo, defender a ideia da relação social desse acervo de unidades lexicais, possibilita-nos depreender que a realidade na qual os indivíduos então inseridos é algo muito particular e não pode ser generalizada, pois reflete um recorte feito por um grupo social. Pelo exposto,

notamos então, nas palavras de Sapir (1980, p. 172), essa linha de pensamento, ao afirmar que “Uma sociedade que nada sabe de teosofia, não tem nome para lhe dar; os aborígenes que não conheciam cavalos, de vista ou de ouvido, foram compelidos a criar ou importar um novo termo quando se lhes depararam esses animais”.

Por ser mutável e possuidor de uma enorme abrangência, o léxico de uma língua apresenta uma variedade de unidades lexicais à disposição de seus falantes, que são utilizadas de acordo com a necessidade comunicativa. Por isso, ao mesmo tempo em que reflete os costumes de um povo, permite-nos que, por meio de seus estudos, possamos observar como se constroem os aspectos sociais e identitários de uma comunidade linguística.

Nesses termos, a somatória de todos esses elementos, que compõem o universo lexical, na visão de Maria Aparecida Barbosa, é um conjunto que corresponde ao léxico efetivo, visto como o conjunto das unidades lexicais já atualizadas; e o léxico virtual, que corresponde à aquelas palavras que poderiam, eventualmente, ser criadas, como os neologismos (BARBOSA, 1986, p. 89). Entre essas unidades já existentes, tomando por base o léxico efetivo, a autora ressalta a existência de uma subcategoria em que se encontram o léxico passivo e o léxico ativo. O léxico passivo refere-se ao “conjunto das unidades lexicais que o falante decodifica automaticamente, como receptor do discurso de outro falante, mas que não atualiza no discurso que emite” (BARBOSA, 1986, p. 89). E já o léxico ativo corresponde ao “conjunto das lexis de codificação automática, cuja atualização em discurso exige muito menor esforço psicofisiológico do falante.” (BARBOSA, 1986, p. 89).

Desse modo, o léxico de uma língua mantém uma relação estreita com os indivíduos e com a sociedade que os usa. Assim, os falantes das línguas têm o papel de agentes que perpetuam e propagam para as gerações futuras os costumes linguísticos culturais, que são adquiridos através do processo de aquisição da linguagem e que se amplia à medida que o conhecimento de mundo é experienciado. Nesse processo, o léxico se expande em conformidade com o desenvolvimento da sociedade, mas, se torna impossível de ser adquirido em sua totalidade, uma vez que é uma entidade psíquica e um sistema aberto, que se encontra em constante evolução. Como afirma Biderman (1978, p. 158):

Incessantemente novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte de uma língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico se ampliará sempre. Por essa razão, não se poderá censurar em demasia os lexicógrafos se os seus dicionários não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexequível.

Portanto, dentre as abordagens existentes dos estudos lexicais, neste trabalho daremos enfoque à Lexicologia e à Lexicografia, que são ciências responsáveis pelo estudo, a análise e a descrição das unidades lexicais que fazem parte das práticas sociais cotidianas humanas de uma comunidade linguística, em sua dimensão comum a todos os falantes.

3.2.1. A Lexicologia

A Lexicologia é uma ciência que se interessa pelos estudos do léxico e que é entendida, na visão de Alain Polguère (2018, p. 49) como “ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas *lexias*”. Cabe, portanto a esta área, de acordo com Biderman (2001, p. 16), a análise da categorização lexical e da estruturação do léxico. Com tal característica, seu objeto de estudo é o sistema linguístico, bem como os mecanismos de criação e manutenção lexical a que a ele pertencem, ou seja, aquilo que é comum e partilhado por todos de uma comunidade linguística.

Na concepção de Coseriu (1979, p. 23), a Lexicologia é conceituada como um

[...] ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva. Na lexicologia clássica se parte da palavra, como unidade natural das línguas naturais, modernamente esta disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de subcategorização e de inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como os lexemas.

Assim sendo, os estudos da Lexicologia enquanto ciência tardaram a ser considerados pelos linguistas estruturalistas, em virtude do pensamento de que o léxico seria um sistema de comportamento irregular. Acreditava-se, nesse contexto, que o estudo da significação só poderia ser feito a partir dos estudos da psicologia, tendo por ponto de partida as situações comportamentais do indivíduo; ou até mesmo pelas ciências consideradas “concretas”. Entretanto, com o progresso da linguística estrutural, foi a partir dos estudos da fonologia, propostos por Trubetzkoy e por seu discípulo Jakobson, que esta disciplina foi desenvolvida (BARBOSA, 1986, p. 82).

Barbosa (1986, p. 82) contribui ressaltando que:

Verifica-se, no entanto, que, ao fundamentar suas proposições, a escola fonológica de Praga reformula, parcialmente, um modelo de signo linguístico de Saussure, distinguindo um significado de língua e um significado de fala, de modo que as reflexões do criador da fonologia recaem, não raras vezes, sobre as palavras e suas relações paradigmáticas e sintagmáticas (Trubetzkoy, 1970, 1-15), o que conduziria inevitavelmente ao desenvolvimento da lexicologia estrutural, de uma semântica estrutural e de uma linguística do discurso.

Nessas condições, apesar dos diferentes olhares dados a essa disciplina, seus estudos evoluíram, e hoje, podemos compreender que é de suma importância o estudo do léxico de uma determinada língua sob diferentes perspectivas, levando em conta o contexto de uso em que é empreendida a unidade lexical e as condições intra e extralinguísticas. Na concepção de Biderman (2001), esse ramo da linguística está ligado à semântica por estudar o léxico sob a dimensão significativa em que é atribuída por seus falantes, presentes em todos os níveis linguísticos. Com base nesses pressupostos, Stephen Ullmann afirma que:

A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudo dos seus significados (ULLMANN, 1964, p. 64).

Por essa razão, dentre a diversidade de formas e significados que compõem o léxico enquanto sistema, compreender suas particularidades não é algo fácil, tendo em vista sua dinamicidade. Sendo assim, os estudos que envolvem o léxico abarcam tanto a perspectiva qualitativa quanto a quantitativa, e também os estudos de natureza interdisciplinar com outras disciplinas, como por exemplo a Sociolinguística, a Psicolinguística e a Etnolinguística, haja vista a complexidade da natureza de seu objeto de estudo, que oferece importantes subsídios e instrumentos de análise para outras ciências. Logo, a partir das contribuições de Barbosa (1986, p. 84) a respeito da Lexicologia, esta evidencia algumas das tarefas atribuídas ao lexicólogo, que são:

- a) análise qualitativa dos dados lexicais;
- b) análise quantitativa desses mesmos dados;
- c) descrição da morfo-sintaxe-semântica das classes e subclasses de lexias lexicais e gramaticais;
- d) estabelecimento de uma rede semêmica e de uma rede léxica;
- e) definição da estrutura vocabular;
- f) determinação do espectro táxico e da autonomia funcional das classes sintáticas do léxico;
- g) organização de um quadro teórico da natureza e função dos modelos das unidades lexicais (BARBOSA, 1986, p. 84).

Portanto, no universo lexical presente em uma língua natural, há o compartilhamento de unidades lexicais que são acessíveis a todos os usuários da língua. Essas unidades significativas são objetos de estudo da Lexicologia que foram estudadas pelo linguista francês Bernard Pottier e são adotadas como objeto de análise deste trabalho, denominadas “lexias” – unidades lexicais memorizáveis. Para os estudos lexicológicos, alguns linguistas ⁹

⁹ Entre eles, Biderman (1984), Barbosa (1986) e Polguère (2018).

desconsideram o termo “palavra” por apresentar imprecisões e ambiguidades quanto ao seu uso. Polguère (2018, p. 151) ressalta quanto a isto que:

O termo *palavra* é, pois, de emprego arriscado em Lexicologia. Quando se trata do léxico, seria preciso ao menos, (...) ter cuidado de especificar em que sentido estamos empregando *palavra* – o que seria no mínimo fastidioso. Para evitar qualquer confusão, não utilizamos jamais *palavra* como termo linguístico técnico, preferindo recorrer a um sistema bastante rico, mas indispensável, de termos específicos: *lexia*, *forma de palavra*, *lexema*, *locução* e *vocabulo*.

Dentro dos estudos de Pottier (1973, p. 27), este distingue as *lexias* em quatro tipos, que são: *simples*, *compostas*, *complexas* e *textuais*. A primeira, a *lexia simples*, compreende as palavras isoladas de uma língua, isto é, possui característica monolexemática, apresentando apenas uma palavra simples. No segundo tipo temos a *lexia composta*, que é a combinação de duas ou mais *lexias* simples, sendo o resultado de uma interação semântica entre duas formas livres combinadas ou por uma forma livre combinada a uma forma presa. Percebemos que esta *lexia* é polilexemática, isto é, contém mais de uma palavra na sua formação. Já a terceira classificação é a *lexia complexa*, que representa uma sequência lexemática, composta por duas ou mais formas indissociáveis, em que os significados individuais de cada elemento são apagados e ressignificados em torno de uma ligação única, processo este denominado de lexicalização semântica. Este tipo de *lexia* é identificado quanto a sua significação e o limite combinatório de seus constituintes, que não podem ser alterados, acrescidos e nem comutados, para não comprometer com o significado da unidade complexa. E por último, mas não menos importante, temos a *lexia textual*, que atinge o nível de um enunciado até um texto, expressando seu carácter idiomático. Como exemplo desse tipo temos os ditados e provérbios populares e as expressões idiomáticas.

Seguindo os pressupostos apresentados por Pottier, para melhor compreensão do que estamos falando, resumimos, em um quadro geral a seguir, as classificações atribuídas às *lexias*:

Quadro 1 - Classificação das *lexias*

LEXIAS			
Simples	Composta	Complexa	Textual
Cachaça	Quebra-Jejum	Água de Cana	Água que passarinho não bebe

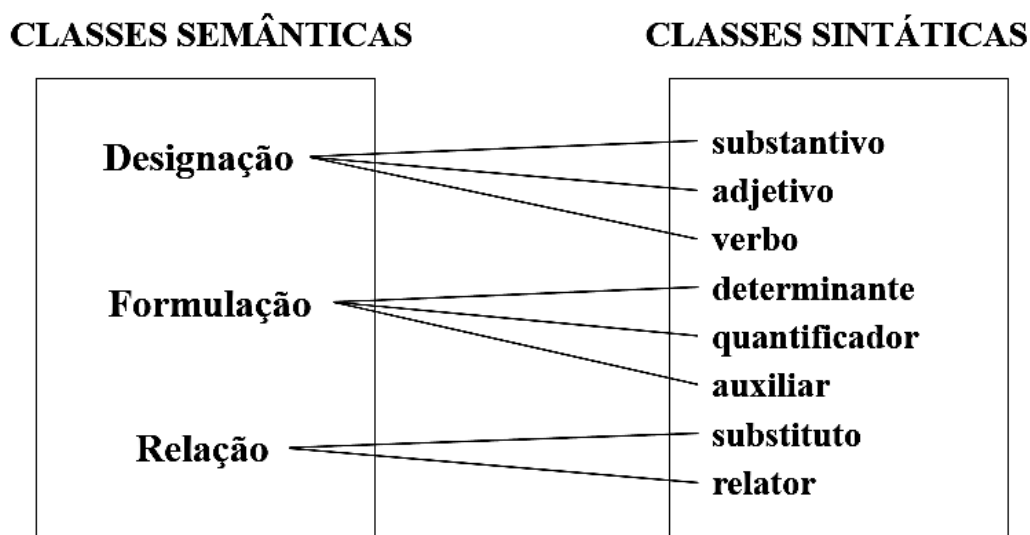
Fonte: O autor (2022)

Nessas condições, podemos analisar também às *lexias* sob a ótica da semântica, que se encontra distribuída em três grandes classes, de acordo com Barbosa (1986, p. 81), que são: a

de designação, a de relação e a de formulação. As lexias de designação são as que constituem e representam objeto do mundo real e sociocultural, sendo estas o reflexo da realidade humana que se materializa no universo semiológico. Já as lexias de relação e reformulação, têm “a função de articular as relações entre as lexias de classe de designação, no interior dos enunciados frásticos, como também certas relações interfrásticas; as lexias da classe da formulação exercem, ainda, importante papel nos mecanismos da enunciação.” (BARBOSA, 1986, p. 81).

Assim, podemos associar essas lexias com as classes sintáticas, de acordo com a figura a seguir:

Figura 3 - Relações semânticas e sintáticas das lexias



Fonte: Barbosa (1986, p. 111)

Dessa maneira, as unidades lexicais podem se agrupar e se estruturar através de elementos dispostos no sistema linguístico, que podem ser analisados sobre dois eixos. No eixo paradigmático, denominado eixo das substituições, observamos as possíveis comutações num mesmo plano do enunciado, no contexto intrafrástico. Já no segundo eixo, o eixo sintagmático, encontram-se as possibilidades das combinações das palavras em cadeias, com variáveis de significação que resultam em diferentes sentidos (BARBOSA, 1986, p. 81).

Assim, tais definições são de suma importância para o estudo e compreensão do léxico, pois, essa classe de lexias de designação faz parte do *corpus* de análise desta pesquisa, que são as denominações para as bebidas aqui investigadas, contribuindo para os estudos sistemáticos do léxico tanto da Língua Portuguesa quanto da Língua Brasileira de Sinais, enquanto representação da visão de mundo dos seus usuários.

3.2.2. A Lexicografia

Tomando por partida outra interpretação de análise e descrição do léxico, chegamos aos estudos da Lexicografia, sendo esta a ciência¹⁰ que se ocupa com a elaboração de obras lexicográficas, como os dicionários¹¹, como tradicionalmente é conhecida. Para José Horta Nunes (2006, p. 150), a Lexicografia pode ser definida como “um saber linguístico de natureza prática, tendo em vista a aquisição de um domínio de língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso”.

Do ponto de vista histórico, a Lexicografia precede os estudos da Lexicologia. Tal fato é justificado quando observada a evolução histórica dessa ciência, pois na antiguidade era comum a sua prática nas civilizações do Oriente, todavia, esta era entendida como uma “técnica/arte” que foi desenvolvendo paulatinamente seus campos de estudo. Posteriormente, no século XX, passa a ser analisada sob a ótica da linguística moderna e então é vista com o labor científico, alcançando significativo espaço no âmbito das ciências do léxico.

A partir dessas considerações, Maria da Graça Krieger (2006, p. 164) confirma a importância da lexicografia ao longo dos tempos para as sociedades em geral:

Em relação à sua antiguidade, a lexicografia é o domínio de maior tradição dentre as ciências do léxico. Tal tradição está diretamente relacionada à sua vertente aplicada, viés que justifica sua clássica concepção de ser arte, tomada no sentido grego, de técnica de fazer dicionários. Essa prática de ordenar alfabeticamente o conjunto de itens lexicais de um idioma e de agregar informações sobre seu conteúdo e uso, compondo obras de referência linguística, é uma atividade que vem de muitos séculos. Já existia nas culturas mais antigas do oriente, embora as primeiras obras tivessem particularidades organizacionais distintas dos dicionários atuais (KRIEGER, 2006, p. 164).

Entendida, nesses termos, a Lexicografia se destina à elaboração de obras lexicográficas, análise de dicionários já existentes, dos estudos teóricos e metodológicos para sua estruturação e ao debate sobre os principais problemas relacionados à sua produção. Sendo assim, tem por finalidade a estruturação e descrição das unidades lexicais e a elaboração de informações sobre estas.

¹⁰ Para nós, tanto a Lexicologia quanto a Lexicografia se configuram como ciências, pois, possuem um objeto e um método de investigação científica delimitado, objetivando a construção e compreensão do conhecimento. Assim, é importante salientar que alguns autores, em contrapartida, ora adotam o termo disciplina, ora adotam o termo ciência para se referir a estes dois campos, como: Coseriu (1979) e Welker (2011).

¹¹ Embora alguns autores deem enfoque para a produção de dicionários, quando se referem a Lexicografia, convém aqui ressaltarmos que nosso objetivo não é elaborar um dicionário, mas sim utilizar os pressupostos teóricos referentes a este e adaptar para a nossa obra lexicográfica, o glossário semibílingue multimodal, por entendermos que esta ciência se destina a elaboração de diferentes tipos de obras lexicográficas. Logo, concebemos que o glossário, portanto, é uma obra que registra as unidades lexicais de uma área específica, de ordem sistemática, com informações de definição, informações gramaticais, notas e sistema de remissivas.

Assim, de modo geral, seu campo de atuação objetiva descrever e compilar o léxico tendo por base o discurso de uma comunidade linguística. Como ciência, investiga também as unidades lexicais constituintes do sistema, assim como a Lexicologia, porém, com foco no registro e na sistematização do acervo lexical em obras de referência. Polguère (2018, p. 239) ressalta também que esta área de estudo contribui para a “elaboração de representações (=modelos) dos léxicos”.

Este ramo da linguística está dividido em duas categorias: a Lexicografia prática, que tem como função analisar o léxico de uma língua tendo como produto desses estudos a produção de dicionários, vocabulários e glossários; e a Lexicografia teórica ou Metalexicografia, que visa investigar os problemas relacionados à produção e ao desenvolvimento de dicionários, sua funcionalidade e seu uso em uma determinada sociedade, focando nos aspectos históricos e funcionais.

De acordo com Barbosa (1986, p. 85), o objeto de estudo da Lexicografia seria a língua e a cultura, uma vez que é necessário investigar o sistema linguístico à luz de teorias linguísticas, de forma a nortear as diretrizes metodológicas a serem adotadas na produção da obra resultante; ao mesmo passo que este produto é destinado e contribui para um grupo de pessoas que possuem um conjunto de valores compartilhados socialmente, ou até mesmo contribuem para a definição de certas áreas do saber, como a história, a geografia e as ciências jurídicas.

Desse modo, cabe ao lexicógrafo, conforme afirma Barbosa (1986, p. 85), a tarefa de:

(...) classificar as lexias de um grupo sócio-histórico-cultural, segundo critérios e normas lexicográficas propriamente ditas. Desse modo, o produto do trabalho lexicográfico manifesta-se em vários tipos de obras, como sejam: a) Dicionários monolíngues; b) Dicionários bilíngues ou plurilíngues; c) Dicionários de sinônimos e de antônimos; d) Dicionários inversos; e) Dicionários analógicos; f) Dicionários enciclopédicos; g) Vocabulários; h) Glossários; i) Vocabulários de frequência; j) *Thesaurus*; k) Vocabulários específicos, como, por exemplo, os vocabulários técnico-científicos.

Nessa perspectiva, dentre as formas de classificação dos repertórios lexicográficos, estes, por sua vez, variam de acordo com a natureza e a função de tratamento dado ao léxico, que deve obedecer a critérios rigorosos e, principalmente, deve atender seu público alvo. Para Lídia Almeida Barros (2004, p. 143), as obras lexicográficas, em geral, são classificadas enquanto: *dicionário (de língua)*, *dicionário terminológico*, *glossário*, *enciclopédia* e *léxico*, e se diferenciam quanto à finalidade da obra, o público alvo e a sua organização interna.

Portanto, o glossário é a obra lexicográfica que mais se enquadra no presente trabalho, considerando sua propriedade de agrupar as lexias de uma área específica do léxico, baseadas

no nível da fala/sinalização. Krieger e Finatto (2004, p. 51) conceituam o glossário como um “repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem pretensão de exaustividade”.

Acerca do glossário, Enilde Leite de Jesus Faulstich (2010, p. 178) contribui que este repertório apresenta, dentro da sua estrutura interna, uma organização sistemática, por ordem alfabética, seguidas de informações gramaticais, definição, remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. Tal concepção aqui é tomada por base para a construção do modelo de glossário aqui resultante.

Assim, os modelos lexicográficos tradicionais evoluíram e possibilitaram a criação de novas perspectivas de obras lexicográficas que são de suma importância para atender às necessidades socioculturais atuais. Nessas considerações, baseados nesta evolução, trataremos do modelo de glossário semibilíngue multimodal, dialogando com o par linguístico Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais. Em vista disso, de acordo com Sandra Patrícia de Faria do Nascimento (2009), os “repertórios semibilíngues são aqueles que não trazem as mesmas informações nas duas línguas lexicografadas. A definição, por exemplo, aparece apenas em uma das línguas envolvidas. A outra língua pode apresentar somente equivalente(s) de entrada.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 15).

De modo geral, o termo semibilíngue, de acordo com Magali Sanches Duran e Claudia Maria Xatara (2005, p. 48), foi proposto por Lionel Kernerman, em 1986, para descrever um novo conceito de dicionário, tendo por base o contexto de duas línguas. Nesse cenário, surge uma nova perspectiva de obras lexicográficas, que em seu início, visava atender às necessidades de aprendizes de línguas estrangeiras no século XX (DURAN; XATARA, 2005, p. 48).

A principal característica das obras semibilíngues é que estas apresentam a entrada, definições e demais elementos que constituem o verbete em uma língua e apenas a entrada equivalente na língua materna do público-alvo, sendo, portanto, consideradas obras híbridas, que estão a meio caminho entre o monolíngue e o bilíngue (DURAN; XATARA, 2005, p. 49-50).

Tal modelo, proposto por Kernerman (1986), representou um avanço para os estudos lexicográficos, pois atende às especificidades de falantes que estão em contato com duas línguas, no caso da nossa obra, pessoas surdas e pessoas ouvintes (sinalizantes ou aprendizes de Libras). Assim, por exemplo, a obra oportuniza a sinalizantes da Libras decodificarem em português e a falantes da Língua Portuguesa decodificarem em Libras, auxiliando na interpretação dos dados lexicais.

Outro fator que também contribuiu para o advento de novos modelos lexicográficos está associado com o surgimento da era digital, com a invenção das obras digitais. Mariana Daré Vargas Campos e Odair Luiz Nadin (2020, p. 108) ressaltam que “Desde a última década do século XX, a ciência da Lexicografia vem sendo impactada pelo fenômeno da globalização e das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), tornando-se, indiscutivelmente, parte da Era da Informação”.

As mudanças sociais com o advento do computador e consequentemente, a popularização da internet no mundo moderno possibilitaram a criação de obras eletrônicas que facilitam o acesso pelos consulentes. Tais recursos deram vez aos *e-books*, aos textos digitais e, sobretudo, aos dicionários de línguas eletrônicos, dividindo espaço com as obras impressas. Álvaro David Hwang (2010, p. 43) atesta essa ideia contribuindo que:

O advento da informática surge como um outro grande momento da história da Lexicografia. Ele permitiu o surgimento da Nova Lexicografia, que corresponde à Lexicografia informatizada e traz consigo uma verdadeira transformação nas condições de trabalho dos lexicógrafos (facilidade, rapidez e novas possibilidades de produção material dos dicionários), mas também uma evolução nas formas de pensamento e nas práticas lexicográficas atuais.

Diante dessas inovações, percebe-se que as obras lexicográficas se adaptaram às novas tecnologias, baseadas na rapidez de circulação da informação e na fácil localização, que podem ser encontradas, por exemplo, em *sites* e em plataformas digitais. Essas obras incorporam os elementos tradicionais das obras impressas e podem agregar também elementos interativos, com a inclusão das mídias digitais. Além disso, é possível acrescentar às obras impressas o *QR Code* que nos direciona a um espaço digital, utilizando o smartphone, podendo ser consultado a qualquer hora e em qualquer lugar e principalmente, promovendo o acesso à informação de forma instantânea.

Outrossim, em consonância com a evolução histórica das obras lexicográficas e, buscando acompanhar a expansão tecnológica do mundo moderno, surge também a Lexicografia Multimodal que favorece a construção de obras de referência com recursos imagéticos, possibilitando tanto a sua consulta impressa quanto eletrônica. Para Robert Lew (2010), a Lexicografia Multimodal compreende a área da Lexicografia que se ocupa da elaboração de diferentes obras lexicográficas que agregam diversos meios semióticos, além do verbal, possibilitando acesso mais adequado e eficiente à informação lexicográfica.

Essa perspectiva é considerada interdisciplinar, de acordo com Ângela Dionísio (2005, p. 160), pois explora diferentes meios semióticos, considerando, para além do texto verbal

escrito, imagens, cores e vídeos, que revelam, por sua vez, as relações sociais que estão cada vez mais ligadas à recursos visuais.

Nesse ponto de vista, Dionísio (2014, p. 48-49) acrescenta que o termo multimodalidade envolve textos verbais conectados a outros modelos semióticos, relacionados a diferentes tipos de apreensão de significados e construções linguísticas. Ainda de acordo com a autora, as “abordagens multimodais têm proposto conceitos, métodos e perspectivas de trabalho para a coleção e análise de aspectos visuais, auditivos, corporificados e espaciais da interação dos ambientes, bem como da relação entre os mesmos.” (DIONÍSIO, 2014, p. 48-49).

Sendo assim, o emprego de elementos multimodais apresenta contribuições significativas às obras lexicográficas, em especial, para o glossário semibilíngue multimodal aqui proposto. A combinação das palavras, imagens e vídeos possibilita a consulta e o aprendizado das unidades lexicais por parte das pessoas surdas através da escrita da Língua Portuguesa, possibilitando associar a grafia da entrada com o sinal equivalente em Libras, registrado tanto na forma de imagem como de vídeo. Consequentemente, este produto pode ser utilizado como base para a criação de novos materiais de ensino e obras lexicográficas semibilíngues para sinalizantes surdos e ouvintes, pois, apresenta as definições, informações gramaticais e informações a respeito das bebidas dispostas em português, e o sinal equivalente se encontra em sua primeira língua, servindo como ponte entre as informações escritas e as especificidades tridimensionais da língua de sinais.

Do ponto de vista metodológico, toda obra lexicográfica com o rigor científico deve ser elaborada a partir de princípios de organização e um planejamento criterioso, tendo por base um bom suporte teórico, conforme as contribuições de Cleci Regina Bevilacqua e Maria José Bocorny Finatto (2006, p. 45):

No seu entendimento fundamental, a obra lexicográfica, quando sua elaboração estiver associada a um trabalho de linguistas aplicados, terá, em geral, uma vinculação com três elementos básicos. Esses elementos são: a) um corpus de referência; b) uma dada concepção de gramática e de língua; c) uma concepção determinada de descrição do significado.

Além disso, uma obra lexicográfica, como um glossário semibilíngue multimodal, não tem apenas a função de “tirar dúvidas”, ou apenas servir de consulta para os seus consulentes, de modo que estes verifiquem a grafia correta de alguma palavra, por exemplo, mas abrange inúmeras funcionalidades que possibilitam, também, prever a consulta de informações culturais a respeito do universo conceitual ao nosso redor. Desse modo, a organização de uma

obra deve atender a princípios como a autenticidade e representatividade, levando em conta as especificidades de seus usuários.

Certamente, considerando a relevância dos pontos apresentados, é possível notar que existem elementos que constituem os glossários. De modo geral, a obra lexicográfica apresenta dois pilares fundamentais: a macroestrutura e a microestrutura. Para Barros (2004, p. 151), a macroestrutura está relacionada às características gerais do repertório através das informações em verbetes. E já a microestrutura corresponde “a organização dos dados contidos no verbete.” (BARROS, 2004, p. 156).

Cristiane Batista do Nascimento (2016, p. 92), em sua tese de doutorado¹², apresenta como etapas importantes de organização de um glossário¹³ semibilíngue Libras-Português os seguintes passos:

- a) recolha das unidades lexicais para composição de fichas lexicográficas;
- b) criação de fichas lexicográficas em LP das unidades selecionadas;
- c) busca de definições das unidades lexicais em obras lexicográficas de referência;
- d) reformulação das definições extraídas de materiais lexicográficos e terminográficos existentes e adaptação da linguagem ao público-alvo;
- e) organização das unidades lexicais em campos temáticos;
- f) pesquisa e identificação das unidades lexicais em Libras;
- g) filmagem dos sinais;
- h) armazenamento das unidades lexicais;
- i) criação das ilustrações das unidades lexicais e revisão;
- j) desenho do modelo do glossário;
- k) descrição da composição fonológica das unidades lexicais;
- l) registro dos dados e;
- m) divulgação do glossário.

¹² A proposta de Nascimento é descrita em sua tese, intitulada: “Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital”. Segundo a autora, a “proposta de glossário ilustrado semibilíngue do Meio Ambiente, em mídia digital, recebeu o nome de “Glossário Ilustrado do Meio Ambiente Libras-Português” (GIMALP). O GIMALP tem como público-alvo surdos do Ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano, na faixa etária de 11 a 14 anos. As características dessa obra lexicográfica foram pensadas para atender às singularidades do público mencionado e, por isso, procuramos inserir no glossário os elementos considerados essenciais que são: a presença da Língua de Sinais Brasileira, o uso de recursos visuais para explorar e desenvolver a visualidade e, sempre que possível, adaptar a Língua Portuguesa a uma linguagem mais corrente, já que para os consulentes do GIMALP, a LP é uma segunda língua (L2). Esses são os três pontos fundamentais na concepção dessa obra.” (NASCIMENTO, 2016, p. 166).

¹³ É oportuno enfatizar que, embora este glossário se refira a uma obra terminológica, utilizamos este apenas para ilustrar um modelo lexicográfico semibilíngue Língua Portuguesa-Libras, uma vez que não encontramos, que seja do nosso conhecimento, uma obra da natureza que nos propomos a investigar voltada à perspectiva lexicológica.

As informações sistematizadas do verbete elaborado pela autora podem ser observadas a partir da figura a seguir:

Figura 4 - Modelo de verbete do GIMALP



Fonte: Nascimento (2016, p. 188)

Em suma, podemos compreender que as bases da Lexicologia e da Lexicografia contribuem tanto para a compreensão do universo lexical que nos está disponível para o seu uso, quanto para as possibilidades de tratamento e elaboração de obras de referência, com as quais atendam as demandas sociais existentes. Com base nos estudos apresentados, veremos, no próximo tópico, os pressupostos que nortearam a análise da Língua Brasileira de Sinais, focando em seu sistema léxico e nos processos de criação e expansão deste.

3.3. A Língua Brasileira de Sinais: mecanismos de criação e expansão lexical

Sendo parte fundamental das linguagens humanas, o universo lexical das línguas representa as trocas de informações que foram se consubstanciando através de signos linguísticos, evoluindo, assim, até formar os sistemas complexos que conhecemos hoje, como vimos no tópico anterior. Assim sendo, dentre as línguas faladas no Brasil, como o Português brasileiro, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, sendo esta também objeto de estudo desta dissertação, constitui-se como uma língua natural e complexa, que surgiu da necessidade básica do homem de se comunicar e registrar saberes.

Em se tratando da Libras, descrever suas particularidades linguísticas em um trabalho de cunho lexicológico e lexicográfico implica contribuir para o entendimento deste meio de

comunicação, sobretudo dos diferentes processos de criação e expansão lexical, que é a base para o entendimento das unidades maiores, como os constituintes frasais e as orações complexas. Portanto, neste tópico, nosso objetivo é mostrar os fatores produtivos de formação e expansão dos sinais que constituem a Libras, à luz dos dados deste trabalho, levando a uma reflexão sobre a unidade lexical das línguas de sinais, o sinal.

Segundo a legislação brasileira, a Lei nº 10.436/2002 reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. Em seu Art. 1º, parágrafo único, a Libras é definida como uma “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002, p. 01).

De modo geral, vale ressaltar o tardio interesse dos estudos linguísticos voltados para as línguas de sinais, tendo em vista o pensamento errôneo perpetuado nas sociedades de que estas se configuravam como um conjunto de gesto e pantomimas, sem regras internas, ou até mesmo que não poderiam expressar conceitos complexos e abstratos. Audrei Gesser, com base nos estudos de Oliver Wolf Sacks, confirma este pensamento afirmando que “As línguas de sinais, como se vê, vieram a ser contempladas cientificamente apenas nos últimos quarenta anos: ‘antes, sinal não era visto, mesmo pelos sinalizadores, como uma língua verdadeira, com sua própria gramática’.” (SACKS, 1990, p. 76 *apud* GESSER, 2009, p. 13-14).

Atualmente, são crescentes as pesquisas que as descrevem como sendo línguas, pois, como já comprovado, possuem uma organização interna e sistemática que possibilita a interação, a expressão e a concretização do pensamento entre seus sinalizantes. Uma das suas principais características gerais, que as diferem das línguas orais auditivas é que estes sistemas são articulados visualmente no espaço de sinalização e percebidos por meio da visão (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 29-31).

Lucinda Ferreira-Brito (1997), em consonância com essa linha de raciocínio, ressalta em suas investigações que as línguas de sinais

(...) usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos “fonológicos”, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais (FERREIRA-BRITO, 1997, p. 20).

Ao passo em que as pesquisas linguísticas foram sendo desenvolvidas no mundo, um dos pontos convergentes está relacionado com o estatuto linguístico dessas línguas. Sobre

essa óptica, é necessário ressaltar que não é por meio de uma lei ou um dispositivo legal de regulamentação que uma língua ganha o *status* de sistema linguístico, mas a lei apenas reconhece algo que já foi consolidado e discutido socialmente. No Brasil, essa caracterização atribuiu a estes sistemas o título de língua a partir dos estudos de grandes pesquisadoras da área, como Ferreira-Brito (1995, 1997) e Quadros e Karnopp (2004) que, a partir de uma investigação descritiva, analisaram essa língua de sinais com um enfoque linguístico, fundamentados nas pesquisas da teoria gerativista de Avram Noam Chomsky. Porém, anterior a isto, sabe-se que as línguas de sinais só passaram a ser reconhecidas dessa maneira em 1960, com os estudos do americano William C. Stokoe¹⁴ que analisou a composição da American Sign Language – ASL, e percebeu que esta era formada por meio da combinação de unidades menores isoladamente sem significado, comprovando, assim, a complexidade destas línguas, observadas nas capacidades de se formular sentenças complexas das mais variadas.

Segundo Saussure (2012), as línguas naturais são sistemas constituintes de uma forma particular, que são regidas por regras gramaticais internas, que as diferencia de outros sistemas que fazem parte da linguagem. Independentemente da modalidade linguística (espaço-visual ou oral-auditiva), as línguas apresentam como aspectos estruturais os seguintes níveis linguísticos, a saber: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Essa concepção, descrita no estruturalismo saussuriano, proporcionou inúmeras discussões sobre a unidade básica de uma língua, denominada primariamente por *palavra*. Nessa perspectiva, Saussure (2012, p. 108) ressalta que “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica”.

A partir dessa concepção, de se relacionar o signo linguístico¹⁵ através de duas faces, o significado e seu significante, podemos associar este também com a unidade básica das línguas de sinais, o sinal. Essa linha de pensamento suscita um ponto importante em questão, que a partir da ligação entre um conceito concreto da realidade com uma representação psíquica, que constituem o signo, o sinal seria uma representação nas línguas de sinais de um conceito gravado na mente humana e manifestado visualmente na sinalização (a imagem acústica nas línguas orais). Logo, é possível representar essa associação a partir da figura 5 a seguir:

¹⁴ STOKOE, William C. **Sign Language structure**. Silver Spring: Linstok Press, 1960.

¹⁵ Na teoria saussuriana, o signo linguístico é constituído por uma associação inseparável entre um conteúdo, denominado significado, e uma forma linguística, denominada significante. (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Figura 5 - Conceito de significante e significado nas Línguas de Sinais



Fonte: O autor (2022)

Portanto, o sinal refere-se a uma unidade de significação linguística manifestada visualmente. Faulstich (2014) apresenta, com base no glossário sistêmico de léxico terminológico, o conceito de sinal: “Sinal. 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural – sinais - é a que aparece na composição língua de sinais”.

Podemos, então, afirmar que o conjunto de sinais da Libras é parte integrante do léxico desta, que na visão de Quadros e Karnopp (2004, p. 88), seguindo a concepção teórica de Brentari e Padden (2001)¹⁶, o léxico das línguas de sinais é composto pelo “léxico nativo” e o “léxico não nativo”. O léxico nativo, compreende, por sua vez, os sinais próprios da Língua Brasileira de Sinais, que representam conceitos da realidade e são convencionados e usados socialmente, formados por unidades menores; e também formado pelos classificadores¹⁷. Já o léxico não nativo envolve os empréstimos linguísticos, ou seja, as palavras emprestadas da Língua Portuguesa, que são soletradas manualmente através do alfabeto datilológico¹⁸ e representadas com a estrutura linguística da Libras.

¹⁶ BRENTARI, Diane; PADDEN, Carol A. **Native and Foreign Vocabulary in Sign Language**: a Lexicon with Multiple Origins. In: BRENTARI, Diane. (Ed.), *Foreign vocabulary in sign languages: a cross-linguistic investigation of word formation*. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

¹⁷ Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 93), “(...) são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos”.

¹⁸ Conjunto de configurações de mãos que representam o alfabeto da Língua Portuguesa.

Nesse sentido, o léxico da Libras representa um conjunto de unidades lexicais sinalizadas – ULS convencionadas que são estruturadas internamente dentro do sistema linguístico por um conjunto de regras e que serve de base para outros níveis linguísticos. A partir destas considerações, baseados nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), apresentamos, a seguir, algumas concepções teóricas sobre as estruturas léxicas da Libras, com foco em dois níveis linguísticos¹⁹: o fonológico e o morfológico.

3.3.1. O Enfoque Fonológico

No nível fonológico²⁰, como o termo fonologia faz referência às línguas orais auditivas, que são articuladas através dos sons, muitos estudiosos se questionaram sobre a existência de unidades menores presentes nas línguas de sinais, e quanto à aplicação desse termo a essas línguas, por se tratarem de sistemas de modalidade visual especial. Em contrapartida, Stokoe (1996, *apud*, QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48), ao constatar a presença de unidades menores sem significado que compunham os sinais, propôs o termo “quirológia”, do grego “mãos”, referente aos estudos das combinações mínimas. O autor e outros pesquisadores, em trabalhos posteriores, utilizaram os termos “fonema” e “fonologia” abarcando as línguas de sinais, possuidoras dos mesmos constituintes das línguas orais. Quadros e Karnopp (2004 p. 47) ressaltam, a partir desta perspectiva, que a “Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios”.

Nessa concepção, Stokoe (1960) desenvolveu um esquema de análise linguística para decompor os sinais e investigar as unidades menores que os constituem, convencionando chamar de parâmetros principais, que se articulavam, visualmente, em três partes, que são: (I) *a configuração de mão (CM)*; (II) *a locação (L)* e (III) *o movimento (M)*. Assim, as

¹⁹ Apesar da Língua Brasileira de Sinais possuir outros níveis de estruturação linguística, optamos por nos deter, apenas nestes dois níveis, por acharmos ser o suficiente para refletirmos sobre os estudos do léxico da Libras, entendendo suas unidades mínimas que formam os sinais, para então compreendermos os processos que geram e motivam a expansão do léxico, ratificando pesquisas nessas áreas em questão e olhando para os dados do nosso trabalho.

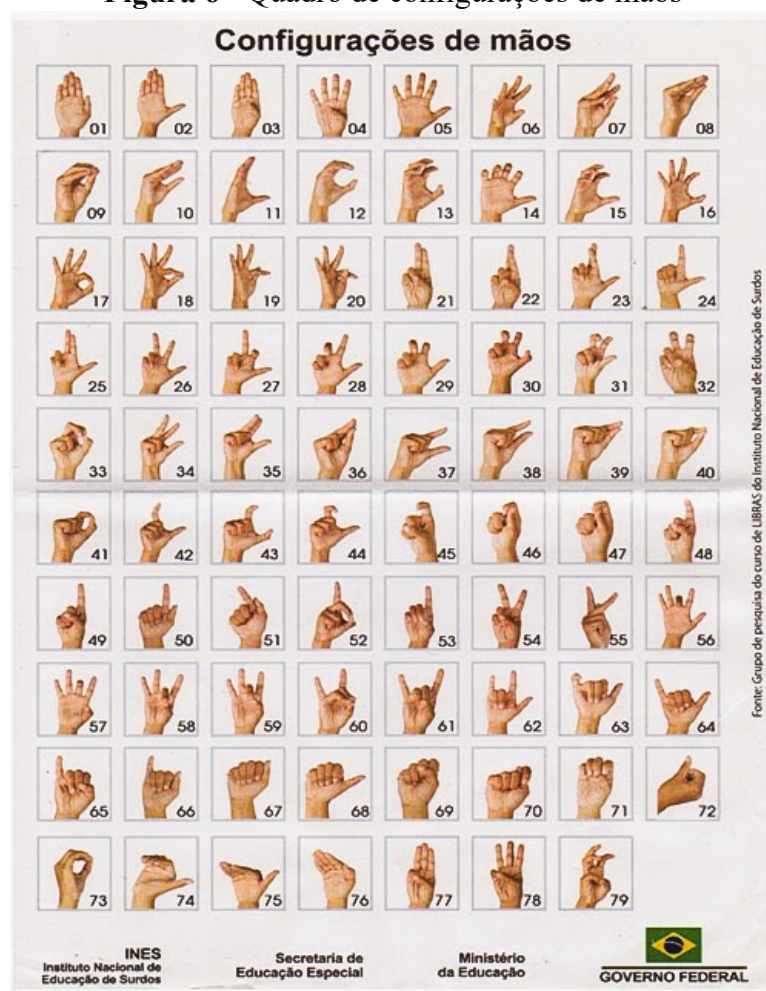
²⁰ Convém aqui ressaltarmos que utilizamos o termo fonologia por entendermos que as línguas de sinais compartilham dos mesmos princípios linguísticos subjacentes às línguas orais, no sentido de que são compostas por unidades menores sem significado que se constituem em um feixe de traços distintivos, e por ainda não ter uma terminologia definitiva desses estudos voltados para as línguas de sinais. Nessa perspectiva, o termo fonologia está sendo empregado por ser amplamente difundido e utilizado pela comunidade acadêmica, e por entendermos que o ponto principal desse tópico no trabalho é apenas apresentar e situar sobre as unidades mínimas que constituem os sinais.

possibilidades de formação de um sinal são derivadas da combinação desses parâmetros, que, caso modificados, alteram o significado do signo linguístico.

O primeiro deles, a *configuração de mão*, é definido como a forma como as mãos se apresentam no momento de realização do sinal. Dessa forma, as mãos representam articuladores primários de fundamental importância que se movimentam no espaço de sinalização e que podem representar algumas letras que compõem o alfabeto da Língua Portuguesa e também exprimir as mais diversas possibilidades de enunciação.

Nesse sentido, quanto à execução dos sinais, estes podem ser realizados com uma ou com as duas mãos, podendo permanecer ou mudar de uma configuração de mão para outra, durante a articulação de um sinal. Quando isso ocorre, há uma alteração nas configurações dos dedos deslocados, ocorrendo um movimento interno das mãos (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 63). Segundo o quadro do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, estão registradas cerca de 79 configurações de mãos pesquisadas, conforme podemos observar na figura 6 a seguir.

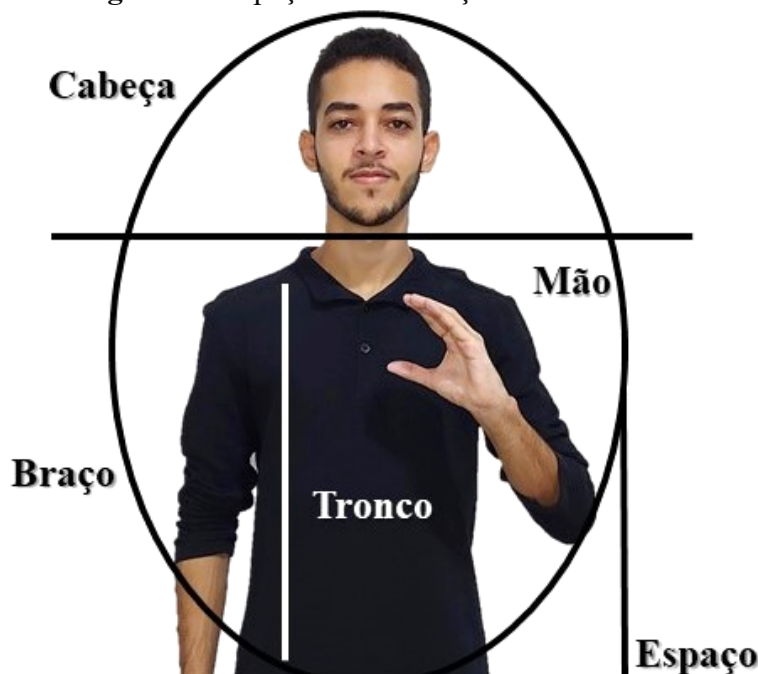
Figura 6 - Quadro de configurações de mãos



Fonte: <http://charles-libras.blogspot.com/2014/10/configuracoes-de-mao.html>

O segundo parâmetro é a *locação*, “aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57). Esta pode abranger as partes do corpo ou pode ser representada no espaço neutro – região localizada na frente do emissor, conforme mostra a figura 7 a seguir.

Figura 7 - Espaços de realização dos sinais



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 57)

Este espaço abrange todas as áreas de alcance das mãos em que os sinais são executados, representando um número finito de locações dentro do espaço de enunciação. O quadro a seguir descreve as possíveis locações, com base nos estudos de Ferreira-Brito e Langévin (1995)²¹ (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57-85).

²¹ FERREIRA-BRITO, Lucinda. LANGEVIN, Remi. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

Quadro 2 - Categorias do parâmetro locação na língua de sinais brasileira, segundo Ferreira-Brito e Langévin (1995)

LOCAÇÕES (Ferreira-Brito e Langévin, 1995)	
CABEÇA	TRONCO
Topo da testa	Pescoço
Testa	Ombro
Rosto	Busto
Parte superior do rosto	Estômago
Parte inferior do rosto	Cintura
Orelha	Braços
Olhos	Braço
Nariz	Antebraço
Boca	Cotovelo
Bochecha	Pulso
Queixo	
MÃO	ESPAÇO NEUTRO
Palma	
Costa das mãos	
Lado do indicador	
Lado do dedo mínimo	
Dedos	
Ponta dos dedos	
Dedo mínimo	
Anular	
Dedo médio	
Indicador	
Polegar	

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 58)

Já o terceiro parâmetro, o *movimento*, Quadros e Karnopp (2004, p. 54), com base em Klima e Bellugi (1979)²², conceituam como “um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde movimentos internos das mãos, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço”. Este parâmetro é de extrema importância para a distinção de unidades lexicais, como a classe dos nomes e verbos. Esses traços fazem referência ao tipo, direcionalidade, maneira e frequência do movimento (ver Quadro 3, a seguir) (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57-85).

²² KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

Quadro 3 - Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira, segundo Ferreira-Brito (1990)

CATEGORIAS DO PARÂMETRO MOVIMENTO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (Ferreira-Brito, 1990)	
TIPO	- <i>Contorno ou forma geométrica</i>: retilíneo, helicoidal, semicircular, sinuoso, angular, pontual; - <i>Interação</i>: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado; - <i>Contato</i>: de ligação, de agarrar, de deslizar, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar; - <i>Torcedura de pulso</i>: rotação, com refreamento; - <i>Dobramento de pulso</i>: para cima, para baixo; - <i>Interno das mãos</i>: abertura fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).
DIRECIONALIDADE	Direcional - <i>Unidirecional</i>: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para lateral superior direita, para lateral superior esquerda, para específico ponto referencial; - <i>Bidirecional</i>: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda; - Não-direcional
MANEIRA	Qualidade, tensão e velocidade. - Contínuo - De retenção - De refreado
FREQUÊNCIA	Repetição - Simples - Repetido

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 56)

O segundo grupo de parâmetros estudados, posteriores ao modelo do Stokoe, são os secundários. Por conseguinte, foram incorporados aos estudos das menores unidades sem significado que compõem um sinal: (IV) *a orientação da mão (OR)*; e (V) *as expressões não-manuais (ENMs)* – expressões faciais e corporais.

A *orientação da mão (OR)* é definida com base no sentido em que a palma da mão aponta no momento de realização do sinal. Esta, no que lhe concerne, foi analisada e incluída no grupo de parâmetros por Battison (1974)²³ e outros pesquisadores (Bellugi, Klima e Siple, 1975)²⁴, com base na presença de mudanças significativas dos sinais e, consequentemente, possibilitando a alteração de significado, por apenas uma mudança da palma da mão, que podem ser: para cima; para baixo; para dentro; para fora; para o lado – contralateral e ipsilateral (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59-85).

As *expressões não manuais (ENMs)* têm valor significativo nas línguas de sinais, que vai desde marcar construções sintáticas à diferenciação de unidades lexicais. O movimento da

²³ BATTISON, Robbin. **Phonological deletion in american sign Language**. Sign Language Studies, v.5, 1979.

²⁴ BELLUGI, Ursulla; KLIMA, Edward; SIPLE, Patrícia. **Remembering in signs**. Cognition, v.3, 1975.

face, dos olhos, da cabeça ou do tronco fazem parte do quadro de expressões não manuais, relacionados às construções sintáticas, marcação de sentenças interrogativas (sim ou não), topicalizações, orações relativas, concordâncias e foco. Quanto à diferenciação dos constituintes lexicais, marcam referência específica, advérbio, grau ou aspecto, referência pronominal etc. Conforme quadro 4, a seguir, as expressões são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60).

Quadro 4 - Quadro de expressões não-manuais da língua de sinais brasileira

Expressões não-manuais da Língua de Sinais Brasileira (Ferreira – Brito e Langevin 1995)	
ROSTO	
<i>Parte superior</i>	
Sobancelhas franzidas	
Olhos arregalados	
Lance de olhos	
Sobancelhas levantadas	
<i>Parte Inferior</i>	
Bochechas contraídas	
Lábios contraídos e projetados e sobancelhas franzidas	
Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha	
Apenas bochecha direta inflada	
Contração do lábio superior	
Franzir do nariz	
CABEÇA	
Balanceamento para frente e para trás (sim)	
Balanceamento para os lados (não)	
Inclinação para frente	
Inclinação para o lado	
Inclinação para trás	
ROSTO E CABEÇA	
Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobancelhas franzidas, cabeça projetada para trás e olhos arregalados	
TRONCO	
Para frente	
Para trás	
Balanceamento alternado dos ombros	
Balanceamento simultâneo dos ombros	
Balanceamento de um único ombro	

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61)

Assim, com base nos parâmetros acima, e, baseados no conceito de que os sinais são formados a partir de unidades menores, podemos ilustrar os parâmetros a partir da figura a seguir, com o sinal da denominação “cachaça” em Libras.

Figura 8 - Parâmetros fonológicos

Fonte: O autor (2022)

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 78), a construção linguística de novos sinais da Língua Brasileira de Sinais possui caráter regular e sistemático, havendo algumas restrições físicas e linguísticas, próprias desses sistemas que se articulam por meio de sinais, impostas pelo sistema perceptual (a visão) e pelo sistema articulatório (a fisiologia das mãos) na organização e combinação das unidades mínimas.

Ainda seguindo as autoras, no que tange às características restritivas de natureza de percepção da visão, a relação da precisão visual é de maior alcance na área da face, pois, está diretamente ligada à região de maior fixação dos olhos de quem recebe a informação, caracterizando, nessa área, a percepção dos pequenos detalhes e diferenças das configurações de mãos, da locação e do movimento dos sinais. E quando nos referimos a uma área inferior a esta, como as regiões do tronco e acima da cabeça, a percepção dessas características é menos precisa, pois estas áreas dependem mais da percepção periférica do que da visão central para a apreensão linguística. Tais restrições linguísticas indicam a complexidade que a região da face tem no sistema linguístico como um todo, pois, por estar diretamente ligada à visão central, apresenta maiores possibilidades de construção de sinais do que no tronco, por exemplo, pois este último depende da região periférica da visão (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 78).

Além disto, existem restrições que são motivadas pelo sistema articulatório, como a região das mãos para a produção dos sinais, em que há maiores possibilidades com as seguintes disposições: quando um sinal é feito apenas com uma mão; quando um sinal é feito com as duas mãos, sendo ambas ativas; e quando um sinal é feito com uma mão ativa e a

outra mão passiva, servindo apenas de base para a locação. Nas configurações de mãos onde há a realização das duas mãos, Battison (1978, *apud* QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 79) evidencia duas restrições fonológicas, que são: a) a condição de simetria que, caso as duas mãos sejam movimentadas na produção de um sinal, é necessário que a CM seja a mesma para ambas as mãos, o local de articulação o mesmo, e o movimento dever ser alternado ou simultâneo; b) condição de dominância: caso as mãos sejam executadas com diferentes CM, uma mão executa o movimento, no caso a mão ativa, e a outra seve como base, a mão passiva, restringindo-se a um conjunto menor de CM.

3.3.2. O Enfoque Morfológico

Além dos parâmetros fonológicos, Quadros e Karnopp (2004) aprofundaram suas pesquisas nos âmbitos dos estudos morfológicos das línguas de sinais. A morfologia é um ramo da Linguística que intenta investigar a estrutura interna dos signos, a formação e a categorização destes, ou seja, das unidades maiores com significado – os morfemas – e de seus aspectos constituintes relacionados à distribuição, classificação e derivação de novos signos. Desta forma, o nível morfológico da Libras é tão complexo e estruturado assim como o das línguas orais, com particularidades em sua formação. Logo, em sua composição, o universo lexical dessa língua é formado por um conjunto de sinais resultantes da combinação de unidades mínimas com significado e que pertencem a categorias lexicais ou classes de palavras: substantivo, verbo, adjetivo, pronome, artigo, numeral, preposição, conjunção, interjeição e advérbio.

Tais concepções são de fundamental importância para entendermos os estudos da morfologia da Libras, sobretudo da menor unidade de análise desta, o morfema – palavra esta que deriva do grego *morphé* e significa forma. Este elemento representa partes que, quando ordenadas, formam um sinal, sendo alguns, por si sós, possuidores da capacidade de formar sinais sozinhos, e já outros, por sua vez, quando regidos por regras morfológicas e semânticas podem constituir esta unidade e formar um significado, somente quando estiverem juntos de outros morfemas. Assim, os morfemas podem ser classificados como presos, que não ocorrem de forma isolada e que compreendem, de modo geral, os prefixos e os sufixos, e os morfemas constituintes das palavras, denominados morfemas livres. Faria-Nascimento (2009) nos apresenta uma nova classe para os estudos morfológicos da Libras, os morfemas-base, que são “constituintes de unidades lexicais sinalizadas com o estatuto morfológico de radical, sobre os quais é possível construir uma infinidade de termos do mesmo campo semântico” (FARIA-

NASCIMENTO, 2013, p. 96). Na concepção da autora, os morfemas-base constituem os sinais e partes destes, possuindo a função base para criação de diversas outras lexias.

Sendo assim, no tocante às estruturas internas que formam o léxico da Libras, Faria-Nascimento (2009) afirma que todas as línguas apresentam um fundo lexical – denominado “*lexicón*” – composto por estruturas linguísticas internas organizadas. O *lexicón*, então, é um conjunto de regras abstratas que se combinam entre si “num processo dinâmico de atualização e enriquecimento das línguas, organizam-se de forma a aceitarem ou a rejeitarem a proposição de um vocabulário novo, um neologismo. Por esse motivo, é possível dizer que nenhum neologismo é arbitrário: parte do *lexicón*.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 110).

Faria-Nascimento (2009, p. 110) acrescenta ainda que:

O *lexicón*, então, é constituído, além dos constituintes, dos recursos que uma língua tem para a construção infinita de vocábulos, candidatos ao preenchimento de todas as lacunas lexicais e terminológicas dessa língua. Além de oferecer as regras de organização interna do léxico e dos termos, também oferece as possibilidades de associação dos termos entre si, com todos os componentes gramaticais e restrições que a língua comporta (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 110).

Logo, segundo a autora, as entidades morfológicas que compõem o *lexicón* da Libras são: a) os *parâmetros*, menores unidades com significado na língua de sinais que, quando combinados, formam os sinais; b) os *classificadores*, que são unidades lexicais sinalizadas (ULs) compostas por parâmetros e que apresentam significados complexos; c) *morfemas-base*, que são base para a formação de neologismos e favorecem a construção de sinais do mesmo campo semântico; d) as *unidades lexicais sinalizadas* emprestadas de outras línguas de sinais; e) os *elementos prototípicos*, que representam unidades lexicais sinalizadas e possuem real valor na representação de determinada categoria de palavras; f) as *metonímias e os conceitos metafóricos*; g) os *ícones linguísticos* que são motivados pela forma; h) e os *empréstimos linguísticos das letras da Língua Portuguesa* (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 111-112).

Posto isto, os mecanismos de criação e expansão de novos sinais envolvem diversos processos combinatórios. Para Barbosa (1981, p. 174), “a criação é o resultado da combinação de elementos mais simples existentes na língua. Desse modo, a criação consiste essencialmente no modo de relação entre esses elementos”.

No âmbito da língua corrente, os novos signos criados refletem a capacidade linguística que os falantes possuem para ampliar o sistema, de forma intencional, por meio de regras internas dispostas pelo sistema, que possibilitam a construção de novos sinais. Após esse processo de criação, as unidades lexicais resultantes, denominadas de neologismos, são

incorporadas as regras da língua, agrupando-se aos elementos já existentes, resultando, assim, na alteração do funcionamento e crescimento do léxico desta. Esses neologismos, por sua vez, ao serem usados por uma comunidade de falantes, podem permanecer na língua, motivados pelo uso e grande distribuição linguística, ou tendem ao desaparecimento, caso não tenham boa aceitabilidade.

Considerando os diferentes processos de formação e expansão de sinais existentes, elencamos os seguintes mecanismos que dão suporte para entendermos o *corpus* em Libras deste trabalho: (a) *processo por derivação*; (b) *processo por composição*; (c) *processo por flexão*; (d) *processos semânticos*; e (e) *processos por empréstimos linguísticos*.

3.3.2.1. Processo por Derivação

O processo por *derivação* representa um mecanismo de grande produtividade lexical nas línguas de sinais, pela sua característica de criação de um sinal com base na adição de um prefixo ou um sufixo a um morfema base, ou até mesmo na possibilidade de se atribuir um outro significado a um sinal já existente a partir da mudança de uma unidade mínima, por exemplo o movimento, resultando na alteração de uma classe gramatical para outra.

Na derivação, este processo considera o acréscimo de um afixo, que pode ser um sufixo ou um prefixo, à um radical ou à uma base para a formação de uma nova palavra, que é um dos processos de derivação mais típicos de todos. Quanto ao sufixo, este representa o determinador da categoria lexical da palavra resultante, a partir da estrutura [base+sufixo]. Já no caso do prefixo, este determina a alteração semântica da palavra resultante, tendo por base a estrutura [prefixo+base]. Em um outro caso particular, temos a derivação parassintética, onde há a junção simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base, sendo o prefixo o indicador da alteração semântica e o sufixo a categoria morfológica a que esta nova palavra pertence, tendo por base a estrutura [prefixo+base+sufixo]. Podemos ilustrar os seguintes casos com os exemplos a seguir: *sufixação* – felizmente, onde [feliz] é o radical + [mente] o sufixo; *prefixação* – infeliz, onde o [in] é o prefixo + [feliz] o radical; e por último a derivação *parassintética*, observada na palavra *infelizmente*, sendo o [in] o prefixo + [feliz] o radical + [mente] o sufixo (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 102).

Na Libras, um dos casos mais comuns a serem observados na derivação consiste na junção da base de um sinal já existente com o acréscimo de um movimento, por exemplo a repetição, para a derivação de nomes tendo por base a classe dos verbos. Quadros e Karnopp (2004, p. 96-97) afirmam que o movimento do verbo é longo, porém, o movimento dos nomes

derivados consiste em serem repetidos e encurtados, conforme o exemplo da figura a seguir com o verbo “beber” e o substantivo “bebida”, em que a configuração das mãos, a locação e a orientação das mãos dos sinais são a mesma, mas o movimento, no segundo exemplo, apresenta a sua reduplicação, mudando o significado do sinal e sua classe gramatical.

Figura 9 - Sinal do verbo “beber” e do substantivo “bebida” em Libras



Fonte: O autor (2022)

Observamos, nesse caso, a repetição do morfema base nos dois exemplos, e temos a classe do substantivo como produto, a partir da reduplicação da estrutura segmental do verbo, enquanto se mantém as outras unidades base. Faria-Nascimento (2009, p. 97) pontua também que “A estrutura base que equivale ao morfema-base, à base-presença ou a radicais é construída, normalmente, por CM, OP e PA. O produto é resultado das derivações sufixais, ou seja, à base associa-se a outra mão com CM, OP, PA e os demais parâmetros: Mov., EF e EC (...)”.

3.3.2.2. Processo por Composição

A *composição* configura-se como um processo de formação lexical bastante rico nas línguas, de modo geral, e quando estamos tratando a respeito da Libras há a formação de um novo sinal tendo por base a junção de duas unidades lexicais já existentes. O sinal composto resultante representa um único conceito, de forma autônoma, que pode ser diferente das concepções expressas pelas suas formas isoladas.

Quanto à forma, existem dois processos por composição: por justaposição e por aglutinação, que segundo Cunha e Cintra (2017, p. 119), podem formar uma nova unidade lexical a partir da junção de dois ou mais radicais. O primeiro, a justaposição, é formado por elementos, porém, cada um apresentando sua integridade. Neste caso, podemos identificar o elemento justaposto pela unidade lexical [beija-flor]. No segundo processo por composição, a aglutinação, os elementos se unem tornando-se apenas um novo componente. Assim, podemos observar um composto aglutinado a partir da unidade lexical [aguardente = águ(a) + ardente].

Quadros e Karnopp (2004, p. 102-105), com base nos estudos desenvolvidos por Liddell (1984)²⁵ a respeito da formação de compostos da Língua Americana de Sinais, apresentam regras morfológicas observadas como resultados de suas investigações, que ajudam a verificar o modo como essas regras, quando aplicadas, possibilitam a criação de novos sinais, que podem ser por: contato, sequência única e por antecipação da mão não dominante. A primeira regra, a do contato, tem relação com a composição de dois sinais quando juntos para formar um novo composto e o primeiro elemento ou o segundo tenha algum tipo de contato, seja no corpo ou na mão não dominante, este é mantido no resultado dessa composição. A segunda regra, a de sequência única, por sua vez, diz respeito aos sinais que quando isolados apresentam movimentos internos, porém, quando juntos formam um sinal composto e as repetições de cada unidade tende a desaparecer na composição resultante. Por fim, a regra da antecipação da mão não dominante, relaciona-se a dois sinais quando são combinados para formar um composto a mão passiva do sinalizador antecipa o segundo sinal da composição.

Outro olhar dado às concepções da formação de sinais por composição pode ser classificado sob três perspectivas, segundo Felipe (2006, p. 207), que se configuram quanto:

- a) *Justaposição de duas unidades lexicais* – dois sinais que formam uma terceira forma livre;
- b) *a Justaposição de um classificador com uma unidade lexical* – nesse processo os classificadores não marcam o gênero, porém, funcionam como um clítico. São exemplos desse processo os sinais: coisa-pequena^PERFURAR “alfinete”; coisa-pequena^APLICAR-NO-BRAÇO “agulha”; DORMIR^pessoa+ “alojamento”; e por fim, c) *Justaposição da datilologia da palavra, em português, com o sinal* – “que representa a ação realizada pelo substantivo que, na sede semântica da ação verbal, seria seu caso instrumental (FELIPE, 2006, p. 207). Exemplo: COSTURAR-COM-AGULHA^ A-G-U-L-H-A “agulha”.

²⁵ LIDDELL, Scott K. **Thing and believe**: sequentiality in american sign Language. Language, v.60, 1984.

Para exemplificar o processo de composição em Libras, temos a seguir a imagem 12 com a unidade lexical “bebida energética”, sinal composto formado pela junção do substantivo “bebida”, acrescido do substantivo “energia”, que juntos representam um novo conceito diferente das unidades isoladas:

Figura 10 - Sinal de “bebida energética” em Libras



Fonte: O autor (2022)

3.3.2.3. Processo por Flexão

O processo por *flexão* apresenta características muito particulares e que pode, por exemplo, se configurar de certo modo em uma língua e em outras não. Podemos então associar o processo de flexão como sendo responsável pela forma como certas palavras e sinais de um sistema linguístico se enquadram e se adaptam em contextos enunciativos específicos. Para Maria Carlota Rosa (2000, p. 124-125), a flexão “diz respeito às categorias que, presentes numa dada palavra morfossintática, terão de ser levadas em conta pela sintaxe”.

Esse processo tem como função principal a marcação de características distintivas de ocorrência nas classes de palavras e categorias gramaticais. Quanto a esse processo verificável nas línguas de sinais, Quadros e Karnopp (2004) elencam, com base nos estudos iniciais a respeito da ASL propostos por Klima e Bellugi (1979), os seguintes processos de flexão que eram observados a partir dos significados complexos dos sinais, classificando-os nas seguintes categorias: *pessoa* (*deixes*), relacionado à flexão das referências pessoais do verbo; *número*, flexão que apresenta o modo singular, o dual, o plural e o múltiplo; *grau*, apresenta

distinções quanto ao “menor”, “mais próximo” etc.; *modo*, flexão que apresenta diversas distinções, como exemplo o grau de facilidade; *reciprocidade*, flexão que indica relação ou ação mútua; *foco temporal*, flexão que indica aspectos temporais, como “aumento”; *aspecto temporal*, flexão que indica distinções de tempo; e aspecto distributivo, relacionado a distinções como “cada”, para “todos”, etc. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 111-112).

No tocante à Libras, os distintos processos que se enquadram dentro da flexão estão classificados, de acordo com a proposta feita por Quadros e Karnopp (2004, p. 11-115), através das seguintes categorias: a) *pessoa ou deixes*– que deriva do grego e significa “apontar”, representa a flexão utilizada para estabelecer no espaço as referências pessoais que são utilizadas pelos verbos com concordância. A apontação faz a marcação no espaço, estabelecendo os diferentes tipos de pessoas presentes no discurso, como exemplo temos as formas [ENTREGAR PARA MIM] e [ENTREGAR PARA ELE]; b) *número* – é a forma que evidencia a flexão do verbo de acordo com os referentes presentes no discurso, podendo marcar o singular, o dual, o trial e o múltiplo. Podemos exemplificar esse tipo de flexão com o exemplo a seguir: [ELE-ENTREGAR-LIVRO = Ele entregou o livro para alguém]; c) *aspecto distributivo* – flexão esta que está relacionada com a associação da flexão de número com os verbos com concordância: [ENTREGAR-PARA-ELES (forma exaustiva) = a ação é repetida exaustivamente]; e d) *aspecto temporal* – flexão que se relaciona com a distribuição temporal, exclusivamente, sem a flexão de número: [CUIDAR (forma incessante) = ação realizada incessantemente].

Os processos flexionais observáveis na Libras evidenciam os mecanismos de modificação interna dos sinais, e relacionam-se com as categorias gramaticais. Assim, a partir dos pontos apresentados, observamos e ressaltamos as inúmeras possibilidades, que não se restringem a apenas estas, dos processos específicos de formação dos sinais, evidenciando uma das possibilidades desta língua de se adaptar, através da flexão, ao enquadramento dos sinais nos mais diversos contextos que exigem certos padrões.

3.3.2.4. Processos Semânticos

Seguindo os pressupostos teóricos de Margarita Correia e Gladis Maria de Barcellos Almeida (2012), é notório, no âmbito linguístico, que a criação de novos elementos linguísticos envolve também a reutilização dos já existentes, a partir do processo de recriação de sentido, possibilitando, a uma unidade lexical, a capacidade de carregar mais de um significado, que pode ser empregado em contextos distintos. A esse fenômeno denominamos

de polissemia, sendo este considerado um dos fenômenos de maior inovação lexical que contribui para a economia de palavras e sinais de uma língua, pois são considerados a atribuição de novos significados a formas já existentes.

Entre os mecanismos semânticos que geram a polissemia de uma língua, Correia e Almeida (2012, p. 63) nos trazem duas concepções relacionadas a esses processos, que, em uma primeira perspectiva, há aqueles que estão diretamente ligados ao sistema linguístico, apresentando carácter sistemático as unidades com particularidades comuns; já o segundo está relacionado com os modos de percepção e conceptualização da realidade, que, por sua vez, são influenciados pelos fatores cognitivos ligados a perspectiva extralinguística, que se aplicam de forma pontual.

Segundo os estudos de Jorge Bidarra e Tânia Aparecida Martins (2012), no que se refere à Libras, há uma necessidade em se analisar os fenômenos de ambiguidade lexical, sobretudo no âmbito da morfologia dos sinais, de modo a entender como estes itens idênticos apresentam significados distintos dependendo do contexto discursivo. Podemos exemplificar o mecanismo de polissemia na Libras a partir da unidade lexical “cavalo”, que, caso esteja no contexto do mundo animal, o sinal representa um vertebrado, mamífero, que faz parte do grupo dos equinos, porém, quando esta unidade lexical é usada no contexto das bebidas, há duas possibilidades de significação, sendo a primeira a marca de uma cerveja, a “Schin”, e se estiver no conteúdo da bebida uísque, refere-se a marca “White horse”, como apresentado na figura 11, a seguir.

Figura 11 - Sinal polissêmico em Libras, que se refere ao animal “Cavalo”, a cerveja “Schin” e ao uísque “White horse”



Fonte: O autor (2022)

Outro ponto a se observar na Libras sobre processos semânticos é a presença da metáfora e da metonímia como mecanismos que possibilitam a criação de novos sinais que não se restringem a apenas recursos discursivos e estilísticos. Esses dois processos motivam a compreensão da realidade, permitindo, assim, a conceptualização de elementos abstratos e não comuns.

Na visão de Correia e Almeida (2012, p. 64), a metáfora pode ser conceituada como um “mecanismo semântico através do qual se nomeia uma entidade A por meio do nome da entidade B, tendo por base a existência de uma relação de semelhança ente as entidades A e B”, ou seja, as características em comuns são levadas em conta, como a forma, a função, a cor, a textura etc. Podemos exemplificar a metáfora em Libras a partir do sinal de [atingir o coração = apaixonado], que em seu sentido literal, revela a possibilidade de uma pessoa que está sendo atingida por uma flexa – sinal realizado na região do coração –, e já em seu sentido metafórico significa dizer que ela está apaixonada.

No que se refere à metonímia, Correia e Almeida (2012, p. 64) a conceituaram como sendo um “mecanismo semântico do qual se nomeia uma entidade A por meio da entidade B, tendo por base a existência de uma relação de continuidade entre as entidades A e B, isto é, tendo por base o fato de, na realidade extralinguística, ambas as entidades serem apreendidas como sendo contínuas”. Na Libras, de acordo com Albres (2012, p. 68), a metonímia é um mecanismo que tem função referencial, podendo ser observada sob duas perspectivas: a primeira está relacionada com uma ação que motiva a criação de um sinal, sendo o sinal o seu reflexo, apresentando o movimento semelhante; no segundo caso, uma característica física motiva a criação de um sinal.

Outra característica também de fácil observação nas línguas de sinais é que estas apresentam características icônicas, ou seja, pelo fato de serem línguas visuais espaciais, torna-se mais fácil a apreensão de características visuais em seu sistema de construção linguística. Tal propriedade não as torna línguas exclusivamente icônicas, assim como muitos pensam, mas, o sinal tende a ser arbitrário também, podendo ser motivado por convenções sociais. Strobel e Fernandes (1998) ressaltam essa característica enfatizando que:

A modalidade gestual-visual-espacial pela qual a LIBRAS é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o “desenho” no ar do referente que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. A grande maioria dos sinais da LIBRAS são arbitrários, não mantendo relação de semelhança alguma com seu referente. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 5).

No mundo real, as características físicas de objetos, a qualidade das coisas, pessoas e a própria perspectiva mimética das ações humanas, podem motivar a criação de signos linguísticos em Libras, visto que esta é uma língua visual espacial, tornando-se mais fácil a incorporação de elementos visuais à sua estrutura linguística. Esse processo é altamente produtivo, uma vez que possibilita, junto com as expressões faciais, corporais, e os elementos visuais, a construção de significados motivados visualmente, juntamente com as bases morfológicas dessa língua. Se observamos o sinal de “torre de cerveja” (ver Figura 12), percebemos que este apresenta o formato icônico do objeto, sendo o sinal realizado com as duas mãos, com o movimento retilíneo, fazendo relação com a altura e o diâmetro do item, simbolizando uma representação mental que construímos acerca deste.

Figura 12 - Sinal de “torre de cerveja” em Libras



Fonte: O autor (2022)

Esse processo envolve características cognitivas, pois está relacionado com a visão de mundo particular de uma comunidade linguística. Nessa perspectiva, indivíduos de distintas sociedades tendem a apreender a iconicidade de forma diferente, em virtude das diferenças culturais. Os estudos de Faulstich (2007, p. 155) vão ao encontro desta afirmativa, ressaltando, com base no filósofo Peirce, que “a iconicidade em Libras é um fenômeno de cognição, posto que uma palavra em Libras, sob a perspectiva do “objeto dinâmico”, é um signo complexo, e a significação é um processo que se dá em cadeia de interpretantes de diferentes tipos”.

3.3.2.5. Processos por Empréstimos linguísticos

Finalmente, apresentaremos as sequências de expansão lexical por empréstimos linguísticos, que se difere dos outros processos por não ser de formação lexical. Sabe-se que este fenômeno tem impactos significativos nas línguas em geral, pois, essa importação de unidades lexicais de uma língua para outra se configura como um processo de violação da construção lexical habitual, em que os elementos emprestados não estão presentes na língua alvo e normalmente apresenta uma estrutura morfofonológica distinta da estrutura linguística inicial, resultando em uma influência de uma língua sobre outra. Logo, a palavra “empréstimo”, que deriva do termo em francês *emprunt*, denota, na visão de Correia e Almeida (2012, p. 70) tanto o “processo de transferência de uma unidade lexical de um registro linguístico para outro dentro da mesma língua (“empréstimo interno”), ou de uma língua para outra (“empréstimo externo”)”, quanto a unidade resultante deste processo de transferência.

No Brasil, pelo fato de a Língua Portuguesa estar há mais tempo no território e ter um maior número de falantes, esta interfere, diretamente, na construção lexical da Libras, por estarem em contato direto, uma vez que são faladas em uma mesma localidade. Dessa forma, as representações gráficas da escrita da Língua Portuguesa influenciam nas produções dos sinais em Libras, ocasionando a perda das marcas originais das unidades lexicais importadas da língua inicial, gerando mudanças na língua de chegada. Tal influência pode ocorrer de várias maneiras, sendo que o canal de maior percepção destes empréstimos se dá através das configurações de mãos, que podem representar as letras das palavras em português.

Para Correia e Almeida (2012, p. 71), no caso dos estrangeirismos, as unidades lexicais emprestadas podem conservar as características da língua de origem; ou podem sofrer adaptações no sistema linguístico de chegada, nos mais distintos níveis de estruturação linguística. Um exemplo presente na Libras é a importação de um sinal de uma outra língua de sinais, a ASL, com a unidade lexical [I love you = Eu amo você], que permanece inalterada, mantendo suas marcas iniciais.

Faria-Nascimento (2009) classifica os empréstimos linguísticos presentes na Libras em:

- a) *empréstimo por transliteração* – “refere-se à representação, em língua de sinais, de palavras ou parte de palavras de línguas orais por meio do uso agrupado de CMs equivalentes à representação de letras do alfabeto de dada língua oral, em um PA específico.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 61).

- b) *empréstimo por transliteração pragmática (datilológicos)* – “são, na maioria dos casos, provisórios, posto que a tendência da língua é preencher a lacuna lexical e terminológica com termos constituintes, a priori, típicos do seu *lexicón*.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 62).
- c) *empréstimos por transliteração lexicalizada (semi-datilológicos)* – A soletração rítmica, outro nome dado a este fenômeno, refere-se a uma unidade lexical emprestada em que, “normalmente, tem um ritmo diferente daquele da datilologia pragmática, pois, no processo de lexicalização da datilologia, ela incorpora características linguísticas da língua que acolhe o empréstimo.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 65-66).
- d) *empréstimo por transliteração da letra inicial* – Conhecido como processo por inicialização, “o empréstimo por transliteração da letra inicial, aparentemente, refere-se ao uso exclusivo da letra inicial de uma palavra em língua oral como motivação para a construção da UL em LSB.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 66).
- e) *empréstimo da ‘configuração’ visual dos lábios* – “Diz respeito à pista visual referente a uma dada unidade fonológica articulada pelos falantes de línguas orais simultaneamente à articulação do referente equivalente em LSB.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 67).
- f) *empréstimo semântico* – “identifica-se com um ‘empréstimo disfarçado’ cuja natureza é semântico-cultural, pois, ao ser traduzido, carrega, da língua de origem para a língua que o adota, todo o contingente semântico e cultural do lexema ou da expressão decalcada.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 68).
- g) *empréstimo estereotipado* – “refere-se àqueles termos que se estabelecem na LSB a partir da cópia do formato global de um objeto, de um símbolo gráfico convencionado (...).” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 68).
- h) *empréstimo cruzado* – “consiste no emprego de um significante x’ decalcado na LSB para denominar um significante y’ que mantém como única relação, com o referente que designa, a semelhança visual de seu significante na língua de origem.” (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 69).

Para exemplificar esta concepção dos empréstimos linguísticos em Libras, podemos ver a imagem a seguir com o sinal da marca de refrigerante “fanta”, onde o signo linguístico é um empréstimo por transliteração da letra inicial “F” em Língua Portuguesa.

Figura 13 - Sinal da marca de refrigerante “Fanta” em Libras



Fonte: O autor (2022)

3.4. A Sociolinguística: variação e mudança linguística

Uma característica geral à todas as línguas naturais é que estes sistemas são dinâmicos, sistemáticos, previsíveis e são motivados por fatores que refletem e resultam na sua heterogeneidade. Nesse contexto social, surge a sociolinguística como importante ramo da linguística geral, que se caracteriza por estudar a língua em seu aspecto social e, sobretudo, investigar as múltiplas formas linguísticas que se equivalem semanticamente, mas que se apresentam através de formas distintas nos diferentes níveis linguísticos, quer seja no nível semântico-lexical, no nível fonético-fonológico, no morfossintático e no domínio pragmático.

Assim, as investigações dessa ciência se consolidaram no século XX como campo autônomo e interdisciplinar – embora outros linguistas anteriores a esta data já desenvolviam pesquisas nessa área, como Meillet (1866-1936) e Bakhtin (1895-1975) –, ganhando notoriedade nos anos 60 com os estudos dos linguistas Uriel Weinreich, Marvin Herzog e William Labov, uma vez que os métodos de investigação tanto da corrente estruturalista, proposta por Saussure, quanto gerativista, proposta por Chomsky, não abarcavam e davam conta das possíveis influências externas ao sistema linguístico. Os autores propõem um modelo de estudo sistemático que tem se ocupado das pesquisas a respeito da variedade linguística, analisando os fatores que a influenciam e, os condicionadores internos e, sobretudo, externos que as ocasionam.

Nessa perspectiva, a variação linguística é vista como uma propriedade regular inerente às línguas, e estas não são mais vistas como modelos homogêneos pois, são

constituídas pelas experiências de seus falantes, sendo, portanto, estes possuidores da competência linguística e discursiva para lidar com regras variáveis. Logo, Labov (2008, p. 21) ressalta que:

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

De uma maneira geral, o objeto de estudo da Sociolinguística é a variação que ocorre dentro da língua, evidenciada na fala de uma comunidade linguística e condicionada por fatores que vão além das possibilidades do indivíduo. Seus estudos têm como base o vernacular, ou seja, o estudo natural da fala que não é monitorada, que mais representa o cotidiano e a interação social do falante. Assim, Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (2019, p. 11) ressaltam que cabe a esse ramo científico:

[...] investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático [...] No conjunto de variáveis internas, encontram-se fatores de natureza fonomorfosintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais [...] No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva (MOLLICA; BRAGA, 2019, p. 11).

Mollica e Braga (2019, p. 10) destacam alguns temas pertinentes que são de interesse dos estudos sociolinguísticos, que são: a investigação da variação e da mudança linguística; o estudo do contato entre as línguas; o multilinguismo; temas como o surgimento e a extinção linguística; e questões relativas às políticas linguísticas. As autoras pontuam também que:

Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em progresso de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação (MOLLICA; BRAGA, 2019, p. 10).

A partir desse esquema geral, é perceptível a existência de formas linguísticas concorrendo em um mesmo espaço para representar um mesmo referente. Esse fenômeno é conhecido como variação linguística. Ou seja, como o próprio nome sugere, é o processo pelo qual duas ou mais formas linguísticas ocorrem em um mesmo contexto de uso e com o mesmo valor de verdade.

Tais formas encontradas nas comunidades são denominadas de variantes linguísticas. Fernando Tarallo (2007, pág. 8) ressalta, com base nos textos de Labov, que as variantes são

as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com um mesmo valor de verdade”. Desse modo, para duas ou mais formas sejam consideradas variantes, são necessários dois requisitos a serem analisados: as formas concorrentes precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto de uso; e devem manter o mesmo significado (COELHO *et al.*, 2015, p. 17).

O conjunto dessas variantes, que representa o lugar ou o aspecto no sistema linguístico que se encontra em variação é denominado variável linguística, que pode ser de natureza interna ou externa à língua. No grupo de variáveis internas ao sistema linguístico, se encontram os fatores de ordem fono-morfo-sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais; já no grupo de variáveis externas ao sistema linguístico encontramos os fatores como idade, sexo, ordem social, etnia, renda econômica, profissão etc. Para exemplificar e evidenciar a existência do fenômeno de variação na Língua Portuguesa, temos o uso dos pronomes de segunda pessoa “tu” e “você”, ou seja, as pessoas tendem a escolher uma das possibilidades (variantes), uso que pode variar por questões internas à língua, por fatores sociais, geográficos, culturais, entre outros (variáveis) (MOLLICA; BRAGA, 2019).

Quanto à sistematização e estudo dessa variação, é necessário observar três condições necessárias postuladas por Labov (2008) para que, de fato, uma variável linguística seja escolhida como objeto de estudo. Primeiro, é necessária que apareça com frequência na fala espontânea e natural do falante; segundo, deve ser estrutural, integrado a um amplo sistema de unidades funcionais; e por último, “a distribuição do traço deve ser altamente estratificada, ou seja, deve sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade (LABOV, 2008, p. 26).

No que tange à variação, esta pode ocorrer tanto por fatores internos, quanto por fatores externos ao sistema linguístico. Se tratando da variação vista de dentro do sistema linguístico, tal propriedade pode atingir diferentes níveis linguísticos, a saber: *variação lexical*, “a mesma realidade é representada, conforme a região, por palavras diferentes” (COELHO *et al.*, 2015, p. 23); *fonológica*, quando, durante a fala, há alguma alteração de algum fonema no interior da palavra, como no caso do fenômeno conhecido como “rotacismo” (troca da consoante [l] pela consoante [r]); *morfofonológica, morfológica e morfossintática* “aquela alteração que ocorre num morfema da palavra” (COELHO *et al.*, 2015, p. 26); *sintática*, onde os termos constituintes de uma sentença podem se alterar, mudando de posição, porém, sem alteração de significado; e *variação discursiva*, que ocorre no aspecto da construção textual/discursiva de sentenças.

Quanto à variação que é vista de fora do sistema linguístico, observa-se, pois, a presença de forças que agem externamente às línguas e que projetam marcas estilístico-sociais, e que caracterizam uma comunidade de fala. Sobre esse aspecto da variação, Coelho *et al.* (2015, p. 37) destaca as seguintes classificações:

- a) *Variação diatópica, regional ou geográfica* – refere-se à variação responsável pelas diferenças linguísticas relacionadas ao espaço físico, observáveis entre falantes de localidades diferentes.
- b) *Variação diastrática ou social* – relaciona-se a um conjunto de fatores que são condicionados socialmente e influenciam no modo de utilização dessa língua, pertencendo à identidade dos falantes e a organização sociocultural da comunidade de fala. São exemplos desses condicionadores a classe social, idade, sexo, grau de escolaridade, o nível socioeconômico e a situação ou contexto social.
- c) *Variação diafásica ou estilística* – esse tipo de variação é o resultado da adequação da fala do indivíduo em diferentes situações de comunicação que se relacionam com fatores de natureza pragmática e discursiva.
- d) *Variação diamésica ou variação na fala e na escrita* – variação relacionada a diferentes meios ou códigos, que, no contexto da sociolinguística, refere-se à fala e a escrita.

A respeito das línguas de sinais, um dos fatores essenciais que estamos tratando também é acerca das relações entre língua e sociedade. Karnopp (2004, p. 6-7) ressalta que “A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata, de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade linguística se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais”. Assim, as concepções dos estudos sociolinguísticos voltados para a Libras nos fazem refletir sobre a dinamicidade desta língua, sobretudo nas diferentes formas linguísticas que nomeiam objetos e coisas, distribuídas nas diferentes estratificações sociais, que aqui nos interessa. Sobre as variações linguísticas, Karin Lilian Strobel e Sueli Fernandes (1998) consideram o fenômeno linguístico presente na Língua Brasileira de Sinais, o que reafirma, mais uma vez, seu caráter natural, que podem ser observados nas diferenças regionais, nas diferenças sociais e nas mudanças linguísticas históricas.

Tratando a respeito da perspectiva regional²⁶, esse plano reflete o modo como cada realidade, distribuída em diferentes locais geográficos, constroem e registram seus sinais. Assim, é possível observar, no plano lexical, essa variedade de formas linguísticas se alternando e se expressando em razão do espaço geopolítico. Como exemplo, observamos, a partir da figura 14, a seguir, o conceito de “cerveja” e as possibilidades de variantes usadas em São Luís e no Rio de Janeiro.

Figura 14 - Variantes da denominação “cerveja” em Libras

São Luís

Rio de Janeiro



Fonte: O autor (2022)

Na concepção da variação regional, encontramos uma variedade de sinais, que são motivados, quanto ao seu uso, pelas diferenças sociais presentes em uma comunidade. Assim, falar deste aspecto está intimamente ligado como o modo como as camadas sociais se expressam linguisticamente. Em uma sociedade tão complexa, constituída por diferentes pessoas que utilizam a Libras, as variáveis sexo/gênero, idade, escolaridade, grau socioeconômico, dentre outras, exercem, ativamente, e influenciam no modo como seus usuários se expressam. Posto isto, levando em conta as fronteiras sociais, por meio desta variação, é possível perceber as diferentes estratificações sociais no nível linguístico, e observar até as variantes de prestígio e as variantes estigmatizadas. Assim, podemos exemplificar com as variantes para a marca da cerveja “Antarctica” em Libras, utilizadas em São Luís, conforme imagem a seguir.

²⁶ Embora este trabalho não tenha por objetivo investigar o aspecto diatópico do léxico das bebidas, pois, consideramos apenas a variedade utilizada em São Luís – MA, a título de ilustração, optamos por exemplificar que existem diferenças regionais quanto à utilização desta língua.

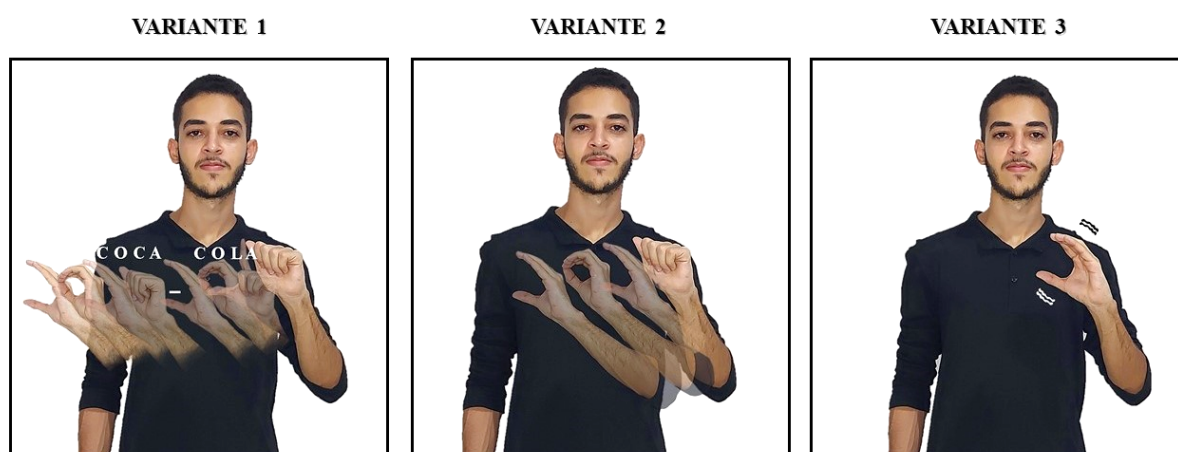
Figura 15 - Variantes da marca de cerveja “Antarctica” em Libras



Fonte: O autor (2022)

Uma outra questão importante a ser ressaltada neste estudo está ligado ao dinamismo linguístico. Neste sentido, é evidente que as mudanças do sistema linguístico não acontecem de forma imprevista. Em uma perspectiva diacrônica, podemos observar as diferentes transformações que as línguas sofrem e que geram mudanças em razão do fator temporal. Assim, sendo objeto de estudo também da linguística histórica, este tipo de variação, vista a partir de uma perspectiva macro, demarca como as modificações na língua ocorrem, ou seja, como uma variante concorrente, em uma mesma sincronia linguística, pode prevalecer sobre a outra, progressivamente. Logo, podemos observar na Libras, a partir do exemplo a seguir, a evolução histórica da marca de refrigerante “Coca-Cola”, possuindo três variantes de sinais.

Figura 16 - Variantes da denominação “Coca-Cola” em Libras



Fonte: O autor (2022)

Frente a estes pontos analisados, podemos compreender que as investigações acerca das teorias e bases metodológicas da sociolinguística para este trabalho contribuem significativamente para a investigação da fala natural, sobretudo do léxico dos sinais coletados que representam o lugar a que estes pertencem. E para além disto, faz-nos perceber que, a diversidade linguística mostra o quão rica uma língua é, e evidenciada na diversificação real e espontânea, que não é prevista nas gramáticas normativas, que são utilizadas por pessoas e devem ser respeitadas por todos, minimizando, assim, o preconceito linguístico existente.

Portanto, conforme evidenciado nesta seção a respeito das teorias que nortearam essa investigação, descreveremos, na seção seguinte, os procedimentos metodológicos adotados para a recolha e análise do *corpus* obtido, e apresentaremos como produto desta dissertação, o glossário semibilíngue multimodal Português-Libras das bebidas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

“Vemos e ouvimos e temos outras tantas experiências porque os hábitos linguísticos da nossa comunidade nos predispõem a certas escolhas de interpretação.” Edward Sapir (1958, p. 162).

Apresentamos nesta etapa o percurso metodológico utilizado para a elaboração desta dissertação. Desta forma, embora esta investigação esteja alicerçada aos paradigmas da Lexicologia e da Lexicografia, partindo da perspectiva descritiva da lexia, fizemos uma interseção com a Sociolinguística, a fim de nortear este trabalho quanto à coleta dos dados da forma mais natural possível, observados sob duas óticas – uma língua sinalizada e outra oral auditiva –, por entender que esta disciplina contribui para a investigação e compreensão de uma comunidade de fala em seu estado real de uso, sobretudo dos aspectos sociais que a particularizam.

Como etapa inicial, fizemos um levantamento bibliográfico em dicionários, livros, dissertações, teses e artigos, a fim da comparação, conhecimento e análise de trabalhos na área. Considerando que esta fase percorreu as demais, tendo em vista a necessidade de conhecermos a fundo o campo teórico das bebidas desde o início até a concretização da pesquisa de campo, investigamos materiais bibliográficos, que se encontram divididos em três categorias: *a) materiais de cunho linguístico*, que compreende as áreas da Lexicologia, da Lexicografia, da Sociolinguística e dos estudos linguísticos voltados para a Língua Brasileira de Sinais; *b) materiais de cunho conceitual das bebidas*, que compreende livros, manuais de fabricação de bebidas e obras que versam sobre esse universo conceitual, focando nas composições e processos de produção que diferem cada bebida; e, posteriormente, as *c) obras lexicográficas*, tais como dicionários e glossários para investigação e constatação de registro das lexias dessa área em estudo.

Por conseguinte, apresentamos o passo a passo utilizado na recolha do *corpus* obtido, bem como os parâmetros utilizados para a compilação e organização do glossário semibilíngue multimodal resultante deste trabalho, dividido em duas partes: a metodologia da pesquisa de campo e a metodologia de organização do glossário. Logo, de modo geral, utilizamos uma série de etapas metodológicas, objetivando o refinamento dos dados, a saber: i) pesquisa bibliográfica; ii) elaboração dos instrumentos de pesquisa; iii) pesquisa de campo; iv) levantamento e preenchimento dos dados em fichas; v) registro dos dados e organização do glossário com o *corpus* obtido.

4.1. Metodologia da Pesquisa de Campo

A presente pesquisa alinha-se aos pressupostos metodológicos da pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, pois, esse tipo de investigação, em especial, contempla o estudo linguístico aqui elaborado, que intentou conhecer e fazer um recorte de uma parcela do léxico da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, conhecimento este adquirido e utilizado naturalmente por indivíduos do município de São Luís – MA. Segundo Godoy (1995, p. 58), a abordagem qualitativa possibilita “a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, para compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo”.

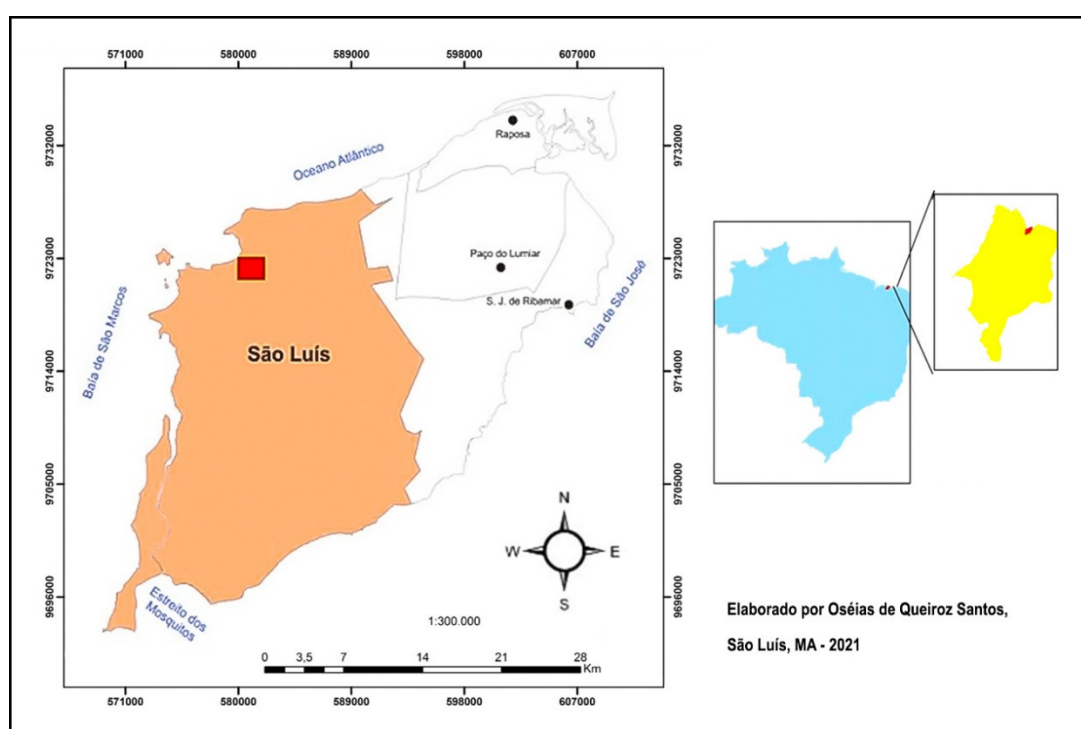
No tocante à característica descritiva desta investigação, Gil (1999, p. 46) ressalta que este tipo de abordagem “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”. Assim sendo, para realização da pesquisa de campo, adotamos a metodologia de investigação da Sociolinguística, com as contribuições de Tarallo (2007) que, baseado nos pressupostos de Labov, enfatiza uma teoria na qual entende e interpreta a língua tomando por ponto de partida a influência dos fatores sociais de uma comunidade de fala. Logo, é de interesse da Sociolinguística o discurso vernacular, ou seja, “a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los.” (TARALLO, 2007, p. 19).

Portanto, nossas investigações são centradas nos sinais utilizados pelos sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais e sua equivalência em Língua Portuguesa, ou seja, na fala espontânea utilizada no cotidiano, que nos possibilitou a recolha dos dados que fazem parte do glossário semibilíngue multimodal resultante. A escolha de tal área se deu, preliminarmente por nós, de forma empírica, ao constatar, em um primeiro momento, a existência de um léxico que representa as denominações para as bebidas e, verificarmos a inexistência de trabalhos de cunho lexicológico e lexicográfico por exemplo, no Maranhão, após pesquisas científicas aprofundadas, comprovando a necessidade de investigação de tal área.

4.1.1. A região pesquisada

O município de São Luís (ver Figura 17, a seguir), capital do estado do Maranhão, foi escolhido por nós como *locus* de investigação deste estudo por não haver trabalhos desta natureza que descrevam o léxico das bebidas nesta localidade em questão, sendo uma forma de valorização da cultura maranhense em trabalhos de cunho lexical que envolvam a Libras e a Língua Portuguesa e, também, pela diversidade de formas linguísticas que ainda não são registradas e nem compiladas em obras lexicográficas.

Figura 17 - Mapa do município de São Luís



Fonte: O autor (2022)

Conhecido como “Upaon-Açu”, “Atenas Brasileira”, “Ilha do Amor”, entre tantas outras denominações que recebe, o município em estudo faz parte da mesorregião norte maranhense, no golfo maranhense, situado na grande ilha de São Luís, a ilha de Upaon-Açu, entre as baías de São José de Ribamar e São Marcos, fazendo parte também da ilha os municípios de Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa.

Sua área territorial é de 831,7 km², possuindo densidade demográfica de 1.215,69 hab/km², segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010). Possui uma população bastante diversificada, resultado este de uma construção histórica da mistura de povos que se iniciou pela fundação do município, em 1612, pelos franceses, posteriormente pela invasão por holandeses, e por fim, sua colonização pelos portugueses.

Estimado em 1.014.837 de habitantes na referida localidade (dados do IBGE de 2019), este é o município mais populoso do estado, sendo o 4º da região nordeste e o 15º do Brasil. Quanto ao quantitativo de pessoas surdas no município, possui cerca de 6.517 pessoas, segundo dados do censo do IBGE de 2010. Entre as principais atividades econômicas predominantes, estão: a) setor primário, temos a agricultura, a pecuária, o extrativismo e a aquicultura; b) setor secundário, as indústrias; e c) setor terciário, temos o comércio e o transporte. Portanto, desenvolver uma pesquisa em uma região importante – tanto economicamente quanto socialmente – para o estado do Maranhão nos traz grandes contribuições para compreensão da realidade linguística vivenciada na referida localidade.

4.1.2. Métodos e Procedimentos

Como método de investigação deste trabalho, assumimos a posição de *pesquisador-participante*, utilizando a pesquisa *in loco*, de modo individual direto, que consiste em analisar de perto o estudo do léxico utilizado pelos sinalizantes surdos em São Luís do Maranhão, de forma a não interferir na naturalidade da situação comunicativa. Logo, aproximamos a pesquisa junto a realidade social da comunidade estudada, objetivando minimizar os efeitos negativos que uma entrevista causa à naturalidade da coleta dos dados, fundamentados nos pressupostos apresentados por Tarallo (2007, p. 20).

Tal abordagem consiste na necessidade do pesquisador em coletar dados de caráter natural de comunicação, através da participação direta com os informantes, no momento da entrevista, norteado por um roteiro de perguntas que instiguem as experiências destes sobre o tema em estudo, de forma interativa, reduzindo, assim, a força exercida pela presença de uma câmera, por exemplo, para registro das informações.

Assim, Tarallo (2007, p. 21) ressalta ainda que:

Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em suas peculiaridades. Seu objetivo será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade de falantes e sobre os informantes que a compõem. A palavra “língua” deverá ser evitada a qualquer preço, pois o objetivo é que o informante não preste atenção na sua própria maneira de falar (TARALLO, 2007, p. 21).

Portanto, as vantagens de tal abordagem são úteis no sentido de que favorece a recolha de um maior número de unidades lexicais da fala não monitorada e espontânea dos informantes, sem que haja uma intimidação pela comunidade em estudo.

4.1.3. Delimitação e Constituição dos *Corpora*

Os *corpora* deste trabalho foram compostos por dois *corpus*, que são:

a) corpus de análise – compostos por textos sinalizados com as denominações para as bebidas, recolhidas de entrevistas feitas com informantes surdos, nascidos e residentes da localidade investigada e consumidores tanto de bebidas alcoólicas quanto não alcoólicas; e textos escritos, constituído por pesquisas e trabalhos sobre o universo conceitual das bebidas, para recolha de informações específicas desse campo em estudo que serviram de base para a construção das definições do glossário e para a inclusão de notas que complementassem o entendimento da lexia (entrada). Para a composição do *corpus* escrito, selecionamos as seguintes obras: *Manual do Bar*, de Pacheco (1996); *Perfil dos principais componentes em bebidas energéticas*, de Carvalho *et al.* (2006); *Bebidas alcoólicas*, volume 1, de Verturini Filho (2010a); *Bebidas não alcoólicas*, volume 2, de Verturini Filho (2010b); *Tecnologia de bebidas*, de Lima (2011) e *Aguardente nas Capitais do Nordeste*, de Aragão (2014). Os critérios de seleção desse *corpus* foram: para o *corpus* de textos sinalizados, optamos por entrevistas com informantes surdos que são representativos da comunidade linguística em estudo; para o *corpus* escrito, pautamos nossas escolhas por textos e manuais de bebidas que fazem a descrição desse campo em estudo.

b) corpus de referência – composto por textos escritos, como obras lexicográficas – dicionários e glossários – que deram suporte na verificação das unidades lexicais já registradas e na recolha de informações relevantes a serem incluídas no glossário semibilíngue multimodal, como a classificação gramatical e a etimologia das lexias em LP, por exemplo. As obras escolhidas foram: o “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos”, de Capovilla (2017); o “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez”, de Honora e Frizanco (2009); e o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, de Houaiss (2009). Escolhemos tais obras lexicográficas pelo fato de serem grandes compilações em suas respectivas áreas e por desfrutarem de grande credibilidade tanto socialmente quanto academicamente.

4.1.4. O Universo da Pesquisa

O universo desta pesquisa, portanto, constitui-se das lexias que compõem o léxico das bebidas utilizadas pelos sinalizantes surdos da Língua Brasileira de Sinais e sua correspondência em Língua Portuguesa. O critério de escolha dos itens investigados foi

pautado nas bebidas mais conhecidas e consumidas na cidade investigada, sendo itens integrantes da realidade social dos informantes e que, a partir de nossas experiências empíricas e pesquisas anteriores realizadas com a comunidade surda em estudo, foi constatado que possuem um sinal específico em Libras, uma vez que não estamos trabalhando com a criação de sinais para as denominações.

Para melhor compreensão das unidades lexicais pesquisadas, delimitamos, por meio de dois campos conceituais – concomitantemente com a recolha do *corpus* – um quadro conceitual, a partir da rede semântica das lexias, permitindo-nos ver com clareza os significados e suas respectivas convenções linguísticas, bem como melhor sistematicidade de organização dos dados, que são: *a) bebidas alcoólicas* e *b) bebidas não alcoólicas*. Assim, para cada campo conceitual, delimitamos um domínio principal em questão, que são os tipos de bebidas²⁷, e dentro dessa classificação encontram-se duas subáreas, que são as marcas²⁸ e as embalagens²⁹ das bebidas, conforme o Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 - Quadro conceitual das bebidas

BEBIDAS ALCOÓLICAS		
BEBIDAS – TIPOS	MARCAS	EMBALAGENS
Cachaça Cachaça Temperada	Pitu Ypióca 51	–
Cerveja	Antártica Bohemia Brahma Budweiser Devassa Eisenbahn Heineken Itaipava Magnífica Petra Schin Skol Stella Artois	Garrafa de vidro Grade de Cerveja Lata Long Neck Torre
Conhaque	Domus São João da Barra	–

²⁷ Neste trabalho concebemos o campo tipos de bebidas como os diferentes líquidos, alcoólicos ou não alcoólicos, destinados a ingestão humana, que se diferem quanto a composição, os processos de fabricação, o cheiro, os diferentes sabores e colorações. Baseados na classificação apresentada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2014), delimitamos os tipos de bebidas em: a) as bebidas alcoólicas: cachaça, cerveja, champanhe, conhaque, drinque (batida e caipirinha), outras (Campari, Frangelico, Ice e Martini), rum, tequila, tiquira, uísque, vinho (branco, rosado e tinto) e vodca; e b) as bebidas não alcoólicas: bebida energética, outras (Guaraná da Amazônia e Milk shake) e refrigerante.

²⁸ Refere-se as diferentes identificações visuais gráficas que representam e identificam uma bebida, podendo incluir, geralmente, um nome, um símbolo, um desenho ou uma combinação desses elementos. Assim, no campo das marcas, desconsideramos a marca da empresa que fabrica a bebida e levamos em conta apenas a marca do produto.

²⁹ Refere-se aos recipientes nos quais as bebidas são armazenadas, no caso das embalagens primárias, que podem ser de plástico, de vidro e outros materiais; referindo-se também as embalagens de transporte, como a grade de cerveja, que é uma embalagem final fornecida para o armazenamento e transporte adequado da bebida.

Champanhe	— ³⁰	—
Drinque (Batida e Caipirinha)	—	—
Outras ³¹ (Campari, Frangelico, Ice e Martini)	—	—
Rum	Montilla	—
Tequila	—	—
Tiquira	—	—
Uísque	Black & White Johnnie Walker Old Parr White Horse	—
Vinho Vinho Branco Vinho Rosado Vinho Tinto	São Braz Três Coroas	Garrafa de vidro com rolha
Vodca	Absolut Brazlowa Orloff Sky	—
BEBIDAS NÃO ALCOÓLICAS		
BEBIDAS – TIPOS	MARCAS	EMBALAGENS
Bebida energética	Burn Fusion Monster Red Bull TNT	—
Outras (Guaraná da Amazônia e Milk shake)	—	—
Refrigerante	Coca-Cola Fanta Laranja Fanta Uva Guaraná Antarctica Guaraná Jesus Guaraná Kuat H2OH! Pepsi Psiu Sprite	Garrafa de plástico Garrafa de plástico de 1L Garrafa de plástico de 2L Garrafa de plástico de 250ml Garrafa de Vidro Lata

Fonte: O autor (2022)

4.1.4.1. Amostragem

A amostragem deste trabalho é constituída por 8 (oito) informantes surdos, sinalizantes da Libras, nascidos e residentes no município de São Luís – MA, por julgamos ser um número suficiente de entrevistados, possibilitando a recolha dos dados, bem como a obtenção de um maior número de informações detalhadas e representativas. Procuramos escolher informantes que fazem a ingestão tanto de bebidas alcoólicas quanto não alcoólicas,

³⁰Nos itens marcados por travessão, não encontramos equivalência lexical em Libras referentes a essas marcas e embalagens de bebidas assinaladas, embora tenhamos investigado em todos os casos.

³¹O item denominado “outras” foi assim nomeado para agrupar bebidas que não se encaixavam em nenhuma das outras classificações, que compreende diferentes tipos de bebidas e marcas de bebidas.

ou seja, que estão em contato direto com os líquidos estudados, uma vez que não encontramos nenhum surdo que trabalhe especificamente no ramo das bebidas, quer seja na venda, em bares e restaurantes ou em empresas e fábricas de bebidas.

4.1.4.2. Critérios de Seleção dos Informantes

Os informantes participantes desta pesquisa foram escolhidos com base nos seguintes critérios de seleção:

- a) indivíduos surdos;
- b) sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais;
- c) sexo – homens e mulheres;
- d) idade – maiores de 18 anos de idade até 65 anos;
- e) naturalidade – ludovicenses;
- f) Consumir tanto bebidas alcoólicas quanto não alcoólicas.

4.1.4.2.1. Perfil dos Informantes

Quanto ao perfil dos informantes escolhidos, estes são pertencentes à comunidade surda ludovicense, uma vez que achamos fundamental surdos que representassem o Maranhão para cumprirmos com nosso objetivo de elaborar um glossário com a variedade linguística sinalizada no Município em estudo. Dessa forma, todos os informantes nasceram e residem na referida localidade e, não passaram mais de um terço da vida fora da cidade de origem. Para melhor compreensão, temos, a seguir, o Quadro 6 com o perfil dos informantes selecionados.

Quadro 6 - Características dos informantes selecionados

INFORMANTES	CÓDIGO ³²	IDADE	SEXO
Informante I	I.1M.	23	Masc.
Informante II	I.2F.	24	Fem.
Informante III	I.3M.	26	Masc.
Informante IV	I.4F.	30	Fem.
Informante V	I.5M.	43	Masc.
Informante VI	I.6F.	40	Fem.
Informante VII	I.7M.	58	Masc.
Informante VIII	I.8F.	65	Fem.

Fonte: O autor (2022)

³² Para a identificação dos informantes, utilizou-se a seguinte codificação: I.1M. – Informante, número do informante, sexo.

4.1.4.2.2. Estratificação do *Corpus*

Tendo por base as informações definidas desse estudo, delimitamos o nosso *copus* nas seguintes classificações:

- a) número de informantes: 8 informantes
- b) sexo: i) homens: 4 informantes
ii) mulheres: 4 informantes
- c) faixa etária: i) 18 a 30 anos: 4 informantes
ii) 40 a 65 anos: 4 informantes

Assim sendo, optamos pela seguinte organização – quatro informantes de cada sexo, sendo dois informantes da primeira faixa etária e dois da segunda faixa – para termos um panorama da distribuição das lexias nas diferentes estratificações sociais aqui delimitadas. Dessa forma, definimos as seguintes faixas etárias, por entendermos que essa diferença de dez anos entre uma faixa e outra facilita ver com clareza a influência da idade sobre o uso do léxico, possibilitando-nos registrar as unidades lexicais utilizadas por diferentes gerações.

4.1.4.3. Instrumentos de Pesquisa

- a) **Questionário Semântico-lexical:** Para a realização das entrevistas, utilizamos um questionário semântico-lexical – QSL para nortear a recolha dos dados de forma espontânea. O questionário é composto por 32 perguntas estruturadas, sendo as quatro primeiras perguntas gerais e o restante são perguntas específicas, cuja aplicação contou com o uso de imagens das bebidas e um protótipo de um cardápio, contendo a escrita em Língua Portuguesa para fornecer subsídio na confirmação das lexias, contemplando as unidades correspondentes às bebidas (ver APÊNDICE A).
- b) **Ficha do Informante:** Ficha elaborada contendo dados de identificação pessoal (nome, idade, sexo, escolaridade, profissão), se nasceu surdo ou não e quando aprendeu Libras (Ver APÊNDICE B).
- c) **Ficha da Localidade:** Contempla informações importantes sobre a localidade em estudo e que nos ajudou a compreender as suas particularidades geográficas e culturais. A ficha utilizada foi recolhida do projeto Atlas linguístico do

Maranhão³³ (ALiMA), escolhida por nós tendo em vista que o projeto já possui registrado informações pertinentes sobre o Município estudado (ver ANEXO A).

- d) Ficha lexicográfica:** Contém informações de natureza documental e linguística, de modo a contemplar informações gerais e pertinentes sobre as lexias investigadas, de acordo com as necessidades do trabalho (ver APÊNDICE C).

4.1.4.4. Aplicação dos Instrumentos de Pesquisa

Para a realização dos inquéritos, utilizamos um *smartphone* e um tripé para registro dos dados que, por se tratar de uma pesquisa com informantes surdos sinalizantes da Libras, fez-se necessário a filmagem para que pudéssemos recolher e posteriormente analisar os sinais obtidos. Nesta etapa principal de recolha de informações, tivemos em mãos o questionário semântico-lexical, que norteou a aplicação das entrevistas, juntamente com imagens das bebidas e a ficha dos informantes, para o registro de informações pessoais dos entrevistados.

Antes de iniciarmos a coleta dos dados por meio das entrevistas, foi necessário, inicialmente, a elaboração de uma pesquisa de campo piloto, com o propósito de conhecermos as especificidades da comunidade em estudo, delimitarmos as lexias a serem investigadas e elaborarmos os instrumentos que posteriormente serviriam de base para o norteamento dos inquéritos definitivos. Assim, ao aplicarmos um teste piloto com dois informantes surdos – um homem e uma mulher –, constatamos, em um primeiro momento que, somente as perguntas não eram suficientes para que os informantes nos dissessem as unidades lexicais que estávamos investigando. Dessa forma, quando reaplicamos o inquérito com os mesmos informantes, apresentamos imagens sobre as bebidas e um protótipo de cardápio (ver figura 18), organizado por nós, contendo a escrita das lexias analisadas, sendo esta a forma mais fácil encontrada para o andamento das entrevistas, pois, os surdos são pessoas que percebem o mundo por meio da visão, e ainda, é com esse gênero textual que estes se deparam no

³³ Projeto do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, é vinculado ao Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e objetiva descrever a realidade linguística do português falado no Maranhão, visando a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que particularizam a variedade linguística falada no Estado. Iniciado em 2002, o ALiMA baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística contemporânea, isto é, a perspectiva pluridimensional dos atlas modernos, priorizando a variação diatópica e suas implicações sociais. O projeto cobre todas as mesorregiões do Estado, distribuído em 16 municípios representativos de inquérito, com dados coletados *in loco*, com 68 informantes, dos dois sexos, distribuídos igualitariamente em duas faixas etárias, que vai de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, e por dois níveis de escolaridade – fundamental e universitário (apenas na Capital).

cotidiano quando vão em bares, restaurantes etc., tornando-se mais fácil o reconhecimento das bebidas e a apresentação das lexias que conheciam.

Figura 18 - Protótipo do cardápio

O cardápio é dividido em nove seções principais:

- O LÉXICO DAS BEBIDAS - CARDÁPIO**
 - BEBIDA ENERGÉTICA**: Red Bull, TAT, Burn, Monster, Fusion, Vulcano.
 - CATUABA**: Setragem.
 - CACHAÇA**: Pitã, 51, Ypióca, Praianinha, Capatira, Cachaça Temperada, Caninha do Engenho, Cachaça Seleta, Santa Bananinha.
- CERVEJA**: Skol, Skol Beats, Antártica, Petra, Budweiser, Stella Artois, Bohemia, Brahma, Itaipava, Schin, Corona, Heineken, Magnifica, Pilsen, Eisenbahn.
- CONHAQUE**: São João da Barra, Bonus.
- GIN**: Tanqueray.
- OUTRAS**: ICE, H2O, Guaraná da Amazônia, Milkshake, Frangelico, Campari.
- REFRIGERANTE**: Coca-Cola, Coca-Cola Zero, Fanta Laranja, Fanta Uva, Sprite, Guaraná Antártica, Guaraná Knut, Pepsi, Jesus, Sakita, Psim, Soda, Baré.
- Drinks**: Caipirinha, Batida, Martini.
- UÍSQE**: Johnnie Walker - Red Label, Johnnie Walker - Black Label, Old Pure, White Horse, Jack Daniels, Black & White.

Fonte: O autor (2022)

Posteriormente, após analisarmos as particularidades da comunidade em estudo, passamos para a aplicação dos inquéritos definitivos. Dessa forma, foi explanado o objetivo do trabalho para cada informante, sendo apresentado um termo de consentimento livre e esclarecido (ver APÊNDICE D), com a assinatura do pesquisador e as informações legais de autorização e utilização dos dados, garantindo a preservação da imagem e do nome deste, de acordo com os preceitos éticos.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, na residência de alguns dos informantes – local este de maior comodidade e naturalidade –, e na Associação do Surdos do Maranhão – ASMA. A princípio, começávamos perguntando sobre as atividades de lazer que estes gostavam de fazer e guiávamos para os programas que envolviam bebidas de modo geral, detalhando para perguntas mais específicas e apresentando imagens para reconhecimento e confirmação das unidades lexicais, a fim de coletar todas as denominações conhecidas para cada tipo de bebida, conforme um exemplo a seguir de recorte³⁴ de um inquérito realizado.

INQ. – Quando você sai com seus amigos, o que você costuma beber?

INF. – Ah, depende muito. Se for para um bar, eu gosto de beber cerveja (Apresentação do sinal em Libras). Uma bem geladinha é muito boa.

INQ. – Essa bebida aí é essa bem aqui da foto? (Apresentação de uma imagem).

³⁴ É importante ressaltarmos que, nos recortes de inquéritos apresentados neste trabalho, foi utilizado a tradução das respostas em Libras, apresentadas pelos informantes, para a Língua Portuguesa na modalidade escrita.

INF. – Isso.

INQ. – Existem várias marcas dela, né? Qual a que você mais gosta de beber?

INF. – Eu gosto da “Petra”, “Budweiser”, da “Magnífica” (Apresentação dos sinais das marcas das bebidas em Libras).

INQ. – Me mostra elas aqui nessas fotos.

INF. – São essas aqui. (Apontação para as marcas citadas).
(Informante III, Masculino – I.3M.).

Após a coleta de todos os dados, os vídeos foram arquivados em um notebook para que pudessem ser transcritos e analisados. Assim sendo, considerando o nosso foco de elaborar um glossário semântico-lexical, nos detivemos apenas nas lexias para as denominações das bebidas investigadas, que foram registradas por meio de fichas lexicográficas.

4.1.4.5. Critérios de Seleção das lexias

Por se tratar de uma investigação de denominações já utilizadas no cotidiano pelos sinalizantes surdos, foram selecionadas lexias para as denominações das bebidas investigadas, que são utilizadas no Município em estudo, que apresentam um certo grau de ocorrência mínima e que pertencem à classe morfológica dos substantivos, por serem nomeações de objetos do mundo real. Dessa forma, foram selecionadas 81 lexias em LP, que resultaram em 126 sinais equivalentes em Libras, considerando também os casos de variação lexical encontrados.

Para a validação das lexias, apresentamos os sinais a um comitê de surdos, composto por um professor surdo da Universidade Federal do Maranhão, dois alunos também da mesma instituição e dois representantes da Associação dos Surdos do Maranhão. Nessa etapa, foram apresentados os sinais à comissão, onde estes informaram e selecionaram as unidades lexicais que conheciam e são representativas da localidade, desconsiderando as formas não usadas em São Luís, faladas em outra localidade, mas que, por ventura, apareceram como respostas no momento das entrevistas.

4.1.4.6. Registro dos Dados

O registro dos dados possibilitou-nos o agrupamento de informações significativas para composição dos verbetes do glossário, sendo utilizada uma ficha lexicográfica para cada lexia analisada.

A ficha elaborada nesta pesquisa tem por base o modelo de ficha proposta por Faulstich (2010), com adaptações feitas por nós para contemplar tanto as especificidades da Libras quanto as necessidades da pesquisa. A ficha contém os tópicos a seguir:

- a) **código** – informação atribuída à ficha indicando ordem de preenchimento, iniciais do autor, ano e página. Exemplo: lexia – *cerveja*, código 1OQ2021/1;
- b) **lexia (entrada)** – unidade lexical em estudo;
- c) **campo conceitual** – campo lexical em que a lexia é enquadrada, se é uma bebida alcoólica ou não alcoólica;
- d) **classe gramatical** – classe gramatical e gênero pertencente em LP;
- e) **definição em português** – definição das lexias investigadas elaboradas com base nas informações extraídas do *corpus* de análise escrito;
- f) **sinal equivalente em Libras** – lexia equivalente em Libras;
- g) **indicação de dicionarização ou não do sinal em Libras** – caso o sinal seja dicionarizado, indicar o dicionário e o autor, de acordo com os dicionários selecionados para a pesquisa, que são: “Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos”, de CAPOVILLA (2017); e o “Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez”, de HONORA e FRIZANCO (2009). Os códigos adotados nas fichas são: LD (Lexia Dicionarizada) e LND (Lexia Não Dicionarizada);
- h) **descrição dos parâmetros da mão esquerda** – descrição fonológica das unidades mínimas que constituem o sinal da mão esquerda, tais como Configuração de Mão (CM)³⁵, Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (OP) e Expressões Não Manuais (ENMs);
- i) **descrição dos parâmetros da mão direita** – descrição fonológica das unidades mínimas que constituem o sinal da mão direita, tais como Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (OP) e Expressões Não Manuais (ENMs);
- j) **variantes**³⁶ – nos casos onde encontramos mais de uma equivalência em Libras para uma mesma lexia (entrada) em LP.

³⁵ Entre as inúmeras nomenclaturas existentes na academia para referir-se aos parâmetros da Libras, optamos por utilizar as seguintes convenções – Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação da Palma (OP) e Expressões Não Manuais (ENMs) –, por entendermos serem mais adequadas à nossa proposta, baseadas nos trabalhos de Quadros e Karnopp (2004) e Faria-Nascimento (2009).

³⁶ No caso das variantes lexicais, selecionamos a lexia principal, em meio às formas concorrentes, a partir da presente recorrência nas entrevistas.

k) notas – Informações linguísticas e/ou enciclopédicas para complementação das informações da definição;

Para a realização da descrição fonológica dos sinais, adaptamos o quadro de configurações de mãos proposto por Faria-Nascimento (2009), que conta com 75 configurações de mãos, segundo o critério adotado pela autora que vai da mão mais fechada para a mais aberta, para melhor compreensão das lexias apresentadas (ver Figura 19).

Figura 19 - Quadro de configurações de mãos



Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Faria-Nascimento (2009, p. 177-183)

4.2. Metodologia de Organização do Glossário

Para a organização do repertório, seguimos as seguintes etapas metodológicas, que são: seleção das lexias para composição do glossário e delineamento da macroestrutura e microestrutura. Portanto, a obra lexicográfica resultante deste estudo está disposta em dois campos conceituais – *bebidas alcoólicas e bebidas não alcoólicas* –, dividida entre os tipos de bebidas, e dentro desse domínio encontram-se uma subdivisão contendo as marcas de bebidas e as embalagens.

Dessa forma, o glossário semibilíngue multimodal é de natureza linguística, sistematizado em duas línguas, a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, sendo a entrada e demais informações contidas no verbete na modalidade escrita da primeira língua e apenas o sinal equivalente na segunda língua, na forma de fotografia e de vídeo, por ser uma língua visual espacial. Quanto às entradas que formam o glossário, são nomeações que estão relacionadas ao léxico das bebidas, compostas por unidades lexicais representativas do município de São Luís – MA, constituídas apenas por substantivos.

4.2.1. Macroestrutura

A macroestrutura desta obra, portanto, diz respeito à organização dos elementos que constituem o verbete, em linhas gerais. Para Faulstich (1998, p. 3) “A macroestrutura é também chamada de paralexigrafia, porque compõe o aparato de ordenação do texto”. Nesta pesquisa, adotamos o caráter semasiológico de organização do glossário, partindo-se da lexia para a sua definição, utilizando a metodologia alfassistemática, ou seja, as unidades estão distribuídas em ordem alfabética contínua em seus respectivos campos conceituais delimitados, organizadas de forma temática, onde são divididas por tipos de bebidas e, dentro dessa categoria, encontram-se as marcas e embalagens de bebidas relacionadas. O critério de escolha da organização em ordem alfabética das lexias, distribuídas entre as bebidas alcóolicas e as não alcoólicas, foi escolhido por nós por considerarmos ser mais fácil a sua consulta pelo público delimitado, formado tanto por pessoas surdas quanto por pessoas ouvintes (sinalizantes, não-sinalizantes e aprendizes da Libras). A grafia das lexias-entrada obedece à ortografia regular da Língua Portuguesa, com base nas convenções lexicográficas comuns.

Nas relações de significação estabelecidas entre as lexias (entradas) em Língua Portuguesa e suas equivalências em Libras no glossário, optamos por abrir quantos verbetes fossem necessários para cada equivalência encontrada, como é de costume no tratamento homonímico, mesmo que não seja uma prática comum em obras lexicográficas, que adotam o caráter polissêmico, agrupando todas as acepções em um único verbete. Dessa forma, nos casos em que há mais de uma equivalência em Libras, ou seja, diferentes sinais encontrados para uma mesma lexia em Língua Portuguesa, que correspondem a variantes lexicais, optamos por constituir entradas independentes cada, embora não sejam casos de homônimos. Nesses exemplos há uma numeração na entrada, em ordem crescente, obedecendo à ordem da lexia mais frequente para a menos frequente.

Outro caso recorrente, no tocante à Libras, diz respeito a um mesmo sinal para se referir a duas bebidas diferentes. Sendo assim, os sinais se encontram em verbetes distintos, por serem bebidas diferentes, pois, consideramos como ordem de organização o nome da entrada principal em LP.

4.2.2. Microestrutura

A microestrutura corresponde, de modo geral, a um conjunto organizado das informações contidas no verbete. Portanto, o glossário semibílingue multimodal é organizado a partir da seguinte microestrutura, baseado no modelo proposto por Ribeiro (2013), adaptado às necessidades da pesquisa:

VERBETE = ENTRADA EM PORTUGUÊS + SINAL EQUIVALENTE EM LIBRAS + CONFIGURAÇÃO DE MÃO DO SINAL + QR CODE (COM O VÍDEO DO SINAL EQUIVALENTE) + LINK (COM O VÍDEO DO SINAL EQUIVALENTE) + REFERÊNCIAS GRAMATICAIS + INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO + DEFINIÇÃO + ILUSTRAÇÃO ± NOTAS ±.

Assim, os elementos constituintes do verbete possuem as seguintes características:

- a) **Entrada em Português (+)** – Lexia propriamente dita em português, apresentada em caixa alta.
- b) **Sinal Equivalente em Libras (+)** – Lexia equivalente em Libras, apresentada na forma de fotografia. Sua escolha se deu pela recorrente presença nos contextos de ocorrência das entrevistas.
- c) **Configuração de Mão do Sinal (+)** – Apresenta apenas o parâmetro configuração de mão do sinal, para melhor visualização e entendimento da unidade lexical apresentada em foto. Optamos apenas pela descrição da Configuração de Mão (CM), uma vez que os outros parâmetros são observados com mais facilidade através do vídeo presente.
- d) **QR Code (Com o Vídeo do Sinal Equivalente) (+)** – Apresenta um *QR Code* que possibilita o seu escaneamento usando a câmera do celular e que direciona para o vídeo do sinal, apresentado na plataforma *YouTube*, que é uma plataforma de compartilhamento de vídeos. Escolhemos a apresentação do sinal³⁷ nesta plataforma pelo fato desta ser gratuita, muito conhecida e usada socialmente, e de fácil acesso.

³⁷ Os vídeos dos sinais podem ser consultados também diretamente no *link* do canal deste trabalho no *YouTube*, que é: <https://www.youtube.com/channel/UCbHMuL6OXMPHrhOuPM0iDQQ/featured>.

- e) **Link (Com o Vídeo do Sinal Equivalente) (+)** – Apresenta o Link que também direcionará para o vídeo do sinal equivalente em Libras, possibilitando ao público que não possui o leitor de *QR Code* consultar diretamente do computador ou outro dispositivo eletrônico;
- f) **Referências Gramaticais (+)** – Categoria gramatical e indicativo do gênero a que pertence a lexia em LP. Deve vir em *itálico*. Indicado nas seguintes abreviações:
- Substantivo feminino = S.f.
 - Substantivo masculino = S.m.
 - Substantivo de 2 gêneros = S. 2g.
- g) **Indicação de Dicionarização (+)** – Para indicar se o sinal em Libras está dicionarizado tendo por base os dicionários de referência deste trabalho. Assinalado após a categoria gramatical, vem apresentado em *itálico*. Indicado nas seguintes abreviações:
- SDDC – sinal dicionarizado em Dicionário Capovilla (2017);
 - SDHF – sinal dicionarizado em Honora e Frizanco (2009);
 - SND – sinal não dicionarizado.
- h) **Definição (+)** – A definição final das lexias foi elaborada tendo por base o *corpus* de análise escrito sobre bebidas, definidos neste trabalho, que são: *Manual do Bar*, de Pacheco (1996); *Perfil dos principais componentes em bebidas energéticas*, de Carvalho *et al.* (2006); *Bebidas alcoólicas*, volume 1, de Verturini Filho (2010a); *Bebidas não alcoólicas*, volume 2, de Verturini Filho (2010b); *Tecnologia de bebidas*, de Lima (2011). Portanto, as definições representam e descrevem o conteúdo da unidade lexical, apresentando orações curtas e objetivas, para facilitar o entendimento do público consulente. Para mantermos um padrão, as definições apresentam as mesmas uniformidades sintático-semânticas, com as seguintes características:
- Bebidas alcoólicas – bebida + tipo de bebida + composição + graduação alcoólica;
 - Bebidas não alcoólicas – bebida + tipo de bebida + composição.
- i) **Ilustração (±)** – Fotos das marcas e das embalagens das bebidas a que se referem às entradas e alguns tipos de bebidas.
- j) **Notas (±)** – Notas linguísticas (NL), com informações referentes aos dados linguísticos de forma geral, como a etimologia da lexia, o processo de formação e informações encontradas na obra lexicográfica de referência que, no caso da Língua

Portuguesa, utilizamos o “Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, de Houaiss (2009); e Notas enciclopédicas (NE), com informações técnicas e culturais que acrescentam entendimento da unidade lexical em estudo. No caso das notas enciclopédicas, utilizamos as mesmas obras estabelecidas que embasaram na elaboração das definições.

Para melhor compreensão e interpretação dos dados contidos no verbete, vejamos um exemplo de dois tipos de estruturas de verbetes encontrados nesta proposta de glossário. No primeiro caso, observamos, a seguir, a estrutura do verbete principal, que se encontra a definição e demais elementos sobre a lexia-entrada³⁸.

LEXIA X CATEGORIA GRAMATICAL; INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO

Sinal equivalente em Libras

CM – configuração de mão do sinal

QR CODE com o vídeo do sinal equivalente

LINK que apresenta também o vídeo do sinal equivalente

Definição

NL – Nota Linguística

NE – Nota Enciclopédica

Ilustração

No segundo exemplo, a seguir, encontra-se a estrutura do verbete para os casos das variantes, onde há mais de uma equivalência em Libras para um mesmo conceito em Língua Portuguesa, e nos casos das marcas e embalagens, onde não apresenta definição e notas. Neste verbete é apresentado uma ilustração para melhor entendimento da lexia a que se refere.

LEXIA Y INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO

Sinal equivalente em Libras

CM – Configuração de Mão do sinal

QR CODE com o vídeo do sinal equivalente

LINK que apresenta também o vídeo do sinal equivalente

Ilustração

³⁸ No caso do tipo de bebida denominado *outras*, no campo das bebidas alcoólicas, que foram agrupadas diferentes marcas que se referem a diferentes tipos de bebidas que não se encaixavam em nenhuma das outras categorias delimitadas, optamos por registrá-las e enquadrá-las nos verbetes principais, por entendermos a necessidade da definição no verbete sobre o tipo de bebida que cada marca se refere.

5 A VARIEDADE LEXICAL DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO – OLHANDO PARA OS DADOS

“[...] em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade [...]” Tânia Maria Alkmim (2000, p. 39).

Aqui, chegamos aos resultados obtidos nesta pesquisa. Para melhor compreensão das informações apresentadas, trazemos um levantamento indicado por meio de gráficos e algumas discussões dos dados coletados nos 8 inquéritos que compõem o *corpus*, realizados com os informantes surdos selecionados, classificados em: quantitativo de lexias registradas; indicação de dicionarização; classificação gramatical das lexias; distribuição morfológica dos processos de formação e expansão dos sinais catalogados; a variação lexical e a distribuição dos sinais na perspectiva diasssexual e diageracional.

Considerando a diversidade lexical dos sinais das bebidas analisados em São Luís do Maranhão, que representam a visão de mundo dos sinalizantes da Libras, de acordo com a classificação geral de sinais, coletou-se um total de 126 lexias, distribuídas em:

I. Bebidas Alcoólicas

a) Cachaça

- Cachaça (1) - Cachaça (2) - Cachaça (3) - Cachaça (4) - Cachaça (5) - Cachaça (6) - Cachaça temperada	*Marcas - Pitú (1) - Pitú (2) - Ypióca - 51
---	--

b) Cerveja

- Cerveja (1) - Cerveja (2)	*Marcas - Antártica (1) - Antártica (2) - Antártica (3) - Bohemia (1) - Bohemia (2) - Brahma - Budweiser - Devassa - Eisenbahn - Heineken (1) - Heineken (2) - Itaipava - Magnífica (1)	*Embalagens - Garrafa de vidro (1) - Garrafa de vidro (2) - Grade de Cerveja (1) - Grade de Cerveja (2) - Lata - Long Neck - Torre (1) - Torre (2)
--	---	---

	- Magnífica (2) - Magnífica (3) - Petra (1) - Petra (2) - Petra (3) - Schin - Skol - Stella Artois	
--	---	--

c) Champanhe

- Champanhe (1) - Champanhe (2)

d) Conhaque

- Conhaque	*Marcas - Domus (1) - Domus (2) - São João da Barra
------------	---

e) Drinque

- Drinque - Batida - Caipirinha

f) Outras

- Campari - Frangelico - ICE - Martini

g) Rum

- Rum	*Marcas - Montilla (1) - Montilla (2)
-------	--

h) Tequila

- Tequila (1) - Tequila (2) - Tequila (3)

i) Tiquira

- Tiquira (1) - Tiquira (2)

j) Uísque

- Uísque (1) - Uísque (2) - Uísque (3)	*Marcas - Black & White - Johnnie Walker - Old Parr - White Horse
--	--

k) Vinho

- Vinho (1) - Vinho (2) - Vinho Branco - Vinho Rosado - Vinho Tinto	*Marcas - São Braz - Três Coroas	*Embalagens - Garrafa de vidro com rolha
---	---	--

l) Vodca

- Vodca (1) - Vodca (2) - Vodca (3)	*Marcas - Absolut - Brazlowa - Orloff - SKY
---	--

II. Bebidas Não Alcoólicas**m) Bebida energética**

- Bebida energética (1) - Bebida energética (2) - Bebida energética (3) - Bebida energética (4)	*Marcas - Burn - Fusion (1) - Fusion (2) - Monster (1) - Monster (2) - Red Bull - TNT (1) - TNT (2)
--	--

n) Outras

- Guaraná da Amazônia (1) - Guaraná da Amazônia (1) - Milk shake (1) - Milk shake (2)
--

o) Refrigerante

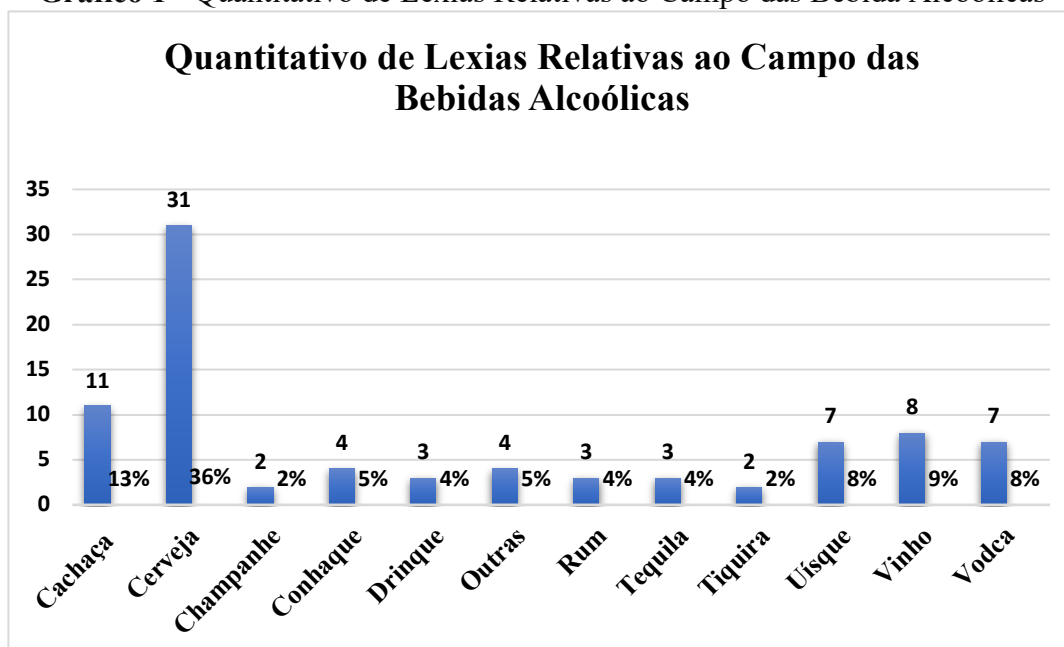
- Refrigerante	*Marcas - Coca-Cola (1) - Coca-Cola (2) - Fanta Laranja (1) - Fanta Laranja (2) - Fanta Uva (1) - Fanta Uva (2) - Fanta Uva (3) - Guaraná Antarctica - Guaraná Jesus - Guaraná Kuat - H2OH! (1) - H2OH! (2) - Pepsi - Psiu (1) - Psiu (2) - Sprite	*Embalagens - Garrafa de plástico (1) - Garrafa de plástico (2) - Garrafa de plástico de 1L - Garrafa de plástico de 2L - Garrafa de plástico de 250ml - Garrafa de Vidro (1) - Garrafa de Vidro (2) - Lata
----------------	---	--

Das lexias catalogadas, observamos que os dados ratificam a ideia defendida neste trabalho de que o léxico é um verdadeiro espelho social, pois materializa sentimentos,

experiências, coisas e objetos presentes em uma comunidade linguística, de acordo os postulados de Biderman (2001, p. 13-14), ao ressaltar que “[...] o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto os símbolos, ou signos linguísticos, se reportam ao universo referencial”.

E se tratando apenas das *Bebidas Alcoólicas*, de acordo com o gráfico 1, a seguir, registramos 85 sinais, que representa 67% dos dados totais, distribuídos entre 12 bebidas, que inclui os tipos de bebidas, as marcas e as embalagens.

Gráfico 1 - Quantitativo de Lexias Relativas ao Campo das Bebidas Alcoólicas



Fonte: O autor (2022)

Conforme observado no gráfico, a bebida com o maior número de unidades lexicais coletadas foi a *Cerveja*, com 31 sinais que, em dados percentuais, representa 36% dos dados coletados, incluindo neste tipo de bebida, além das denominações para se referir a “bebida alcoólica amarela, as vezes escura e até preta, com espuma branca e que vende em bar”, sinais de marcas e embalagens. A segunda bebida com o maior quantitativo de lexias registradas foi a “bebida alcoólica feita à base da cana-de-açúcar”, a *Cachaça*, com 11 sinais (13%), que representa os sinais que denominam a bebida e que inclui um sinal para uma variedade da bebida, a *Cachaça temperada*, que é muito comum sua venda e consumo na localidade em estudo. Registramos também sinais referentes a algumas marcas presentes no mercado, que corresponde a 5 sinais dos 11 registrados.

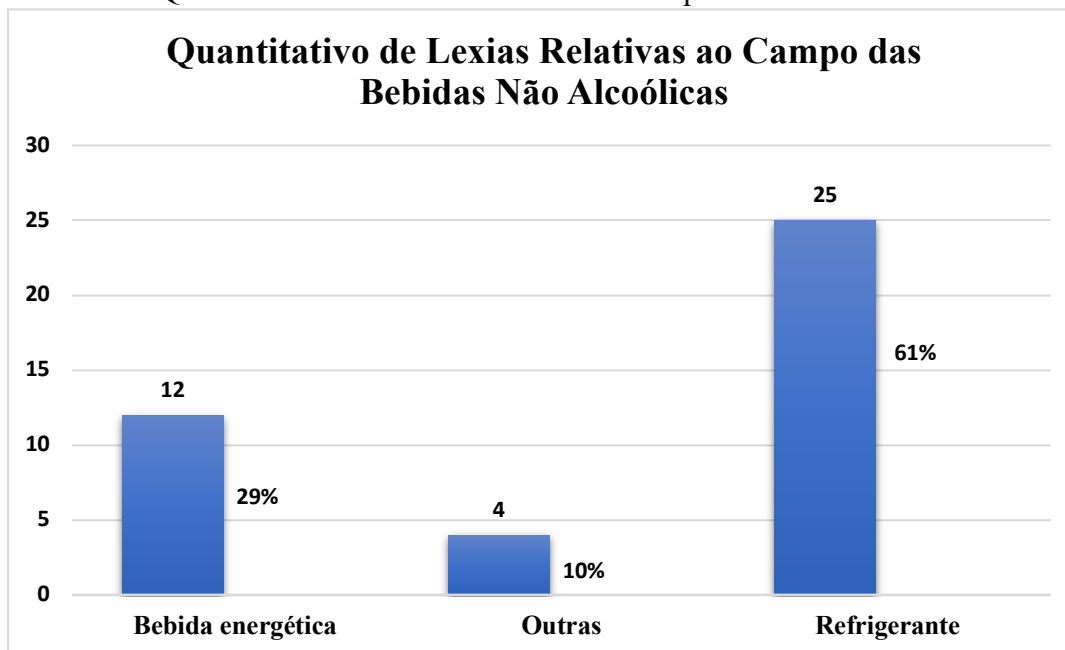
Outra bebida registrada que apresentou um quantitativo considerável de sinais foi o *vinho*, sendo este o terceiro tipo de bebida com mais sinais catalogados. A respeito deste, que é uma “bebida alcoólica que é feita a partir da fermentação da uva”, registramos 8 sinais

(9%), que inclui os sinais que denominam a bebida; algumas variedades encontradas da bebida, como o *Vinho branco*, o *Vinho rosado* e o *Vinho tinto*; e algumas marcas e um tipo de embalagem específica, que é a *Garrafa de vidro com rolha*. Coletamos, ainda, 7 sinais para a bebida *Uísque*, que inclui os sinais que denominam a bebida e alguns sinais referentes a marcas da bebida; e 7 sinais para a bebida *Vodca*, com o mesmo quantitativo de sinais, 7 unidades lexicais (8%), incluindo os sinais que nomeiam a referida bebida e as denominações para as marcas encontradas.

Por conseguinte, registramos, com o mesmo quantitativo de sinais, as denominações para o *Conhaque*, com 4 sinais (5%) para o referido tipo de bebida e algumas marcas; e 4 sinais (5%) para o tipo *Outras*, que agrupa quatro diferentes bebidas, como o *Campari* (1 sinal), o *Frangelico* (1 sinal), a *ICE* (1 sinal) e o *Martini* (1 sinal). Além disso, compilamos os sinais para *Drinque*, 3 sinais (4%), que inclui a *Batida* e a *Caipirinha*; a bebida *Rum*, com também 3 sinais (4%); e a *Tequila*, com 3 sinais (4%). Por último, apresentando o menor quantitativo de unidades lexicais, registramos, com relação a denominação *Champanhe*, 2 sinais (2%); e a *Tiquira*, com também 2 sinais (2%).

O gráfico 2, a seguir, apresenta o quantitativo de lexias relativas ao campo das *Bebidas Não Alcoólicas*, com 41 sinais, representando 33% dos dados lexicais totais.

Gráfico 2 - Quantitativo de Lexias Relativas ao Campo das Bebidas Não Alcoólicas



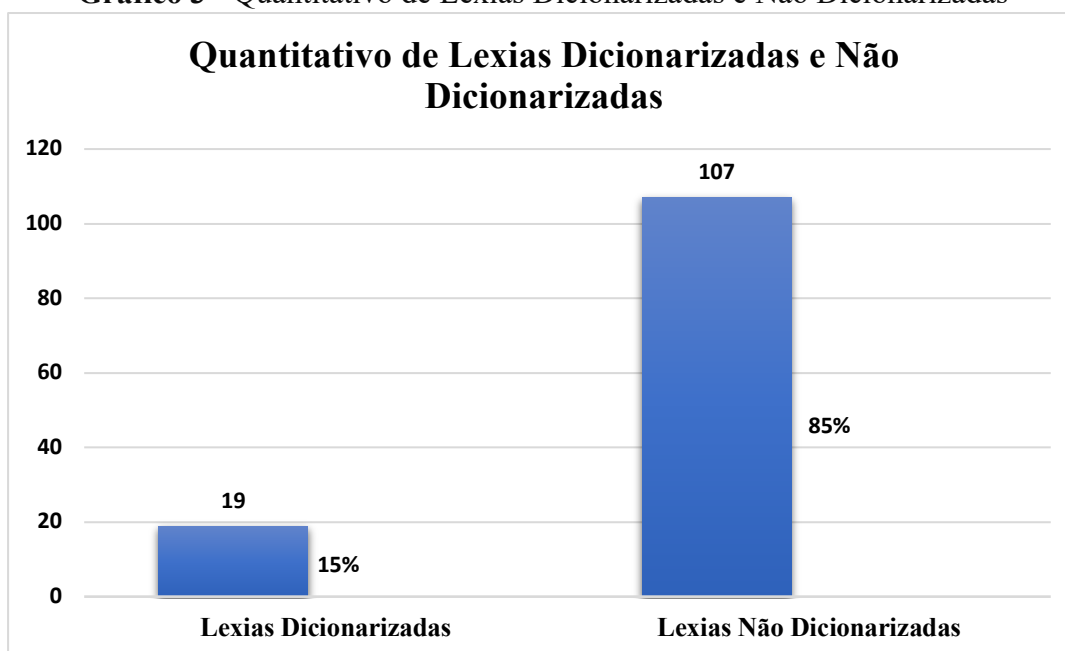
Fonte: O autor (2022)

De acordo com o gráfico, no campo das *Bebidas Não Alcoólicas* encontramos 3 tipos de bebidas, incluindo também as marcas e as embalagens. A primeira denominação, o *refrigerante*, que representa a bebida gaseificada “que normalmente é servida em aniversários

e que acompanha o bolo”, notamos que esta apresenta o maior quantitativo de lexias inventariadas neste campo conceitual, com 25 sinais (61%), divididos entre o sinal para denominar a bebida e as marcas e embalagens relacionadas a esta. A segunda denominação se refere a “bebida que se compra em supermercados e também nos comércios, que deixa a pessoa acordada, alerta”, a *bebida energética*, com 12 sinais (29%), que incluem os sinais para o tipo da bebida e também algumas marcas encontradas. Por fim, no que diz respeito ao tipo *Outras*, que inclui dois tipos de bebidas, que são o *Guaraná da Amazônia* e o *Milk Shake*, registramos 4 sinais nesse segmento, que representa 10% dos dados totais das *Bebidas Não Alcoólicas*.

Quanto à dicionarização das lexias, foram consideradas lexias dicionarizadas as que foram encontradas registradas em pelo menos um dos dicionários de base utilizados nesta dissertação. De acordo com o Gráfico 3, a seguir, encontramos dicionarizadas 19 unidades lexicais, que corresponde a 15% dos dados totais; e já com relação às lexias não dicionarizadas o quantitativo é superior, com 107 sinais não catalogados, que corresponde a 85% dos dados.

Gráfico 3 - Quantitativo de Lexias Dicionarizadas e Não Dicionarizadas



Fonte: O autor (2022)

É interessante observar, a partir da leitura do Gráfico 3, com relação às lexias não dicionarizadas que o quantitativo baixo de registro nas obras lexicográficas evidencia a importância desse estudo voltado para o registro da diversidade lexical da Libras, visto que as obras de referência consultadas não dão conta de registrar a maior parte dos sinais coletados até aqui, o que contribui para a difusão, o conhecimento e, conseqüentemente, o uso da

língua. Outra característica observada é que a baixa porcentagem de registro se deve ao fato dos dicionários, por exemplo, não terem por objetivo registrar as denominações para as marcas, pois, se voltam para o registro das expressões mais gerais das línguas. Em contrapartida, nos dicionários específicos da Libras, que são o Dicionário Capovilla (2017) e o Dicionário Honora e Frizanco (2009), encontramos registros de marcas, visto que estas denominações são frequentemente usadas pelos sinalizantes surdos e, por não haver registros em libras – geralmente as marcas são patenteadas no idioma oficial do país onde são registradas, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa –, os dicionários acabam dando conta dessas nomeações.

Em relação ao quantitativo de lexias dicionarizadas por obras lexicográficas, considerando os 19 sinais encontrados dicionarizados, que em alguns casos se encontram em apenas umas das obras de referência ou estão registrados em ambas as obras, de acordo com o Gráfico 4, a seguir, o dicionário Capovilla, por ser uma obra mais atual e de grande credibilidade acadêmica, possui o maior quantitativo de lexias registradas, com 15 sinais registrados (58% dos dados relacionados as lexias dicionarizadas), sendo este o dicionário de maior amplitude específico da Libras; já o Dicionário Honora e Frizanco possui um quantitativo de dicionarização inferior, apresentando 11 sinais registrados (42%). É oportuno destacar que encontramos outros registros de bebidas, marcas e embalagens de bebidas catalogadas em ambos os dicionários que, não foram consideradas por não serem denominações usadas na localidade em estudo.

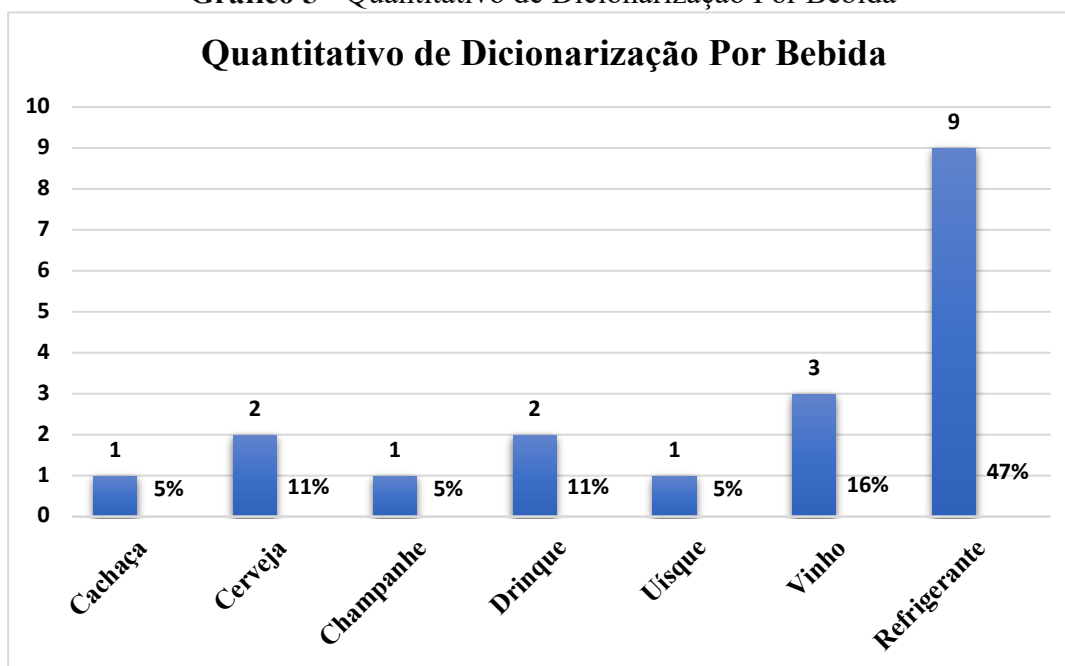
Gráfico 4 - Quantitativo de Dicionarização por Obra Lexicográfica



Fonte: O autor (2022)

Já o Gráfico 5, a seguir, apresenta o quantitativo de dicionarização por bebida (incluindo as marcas e embalagens), considerando os 19 sinais encontrados registrados.

Gráfico 5 - Quantitativo de Dicionarização Por Bebida



Fonte: O autor (2022)

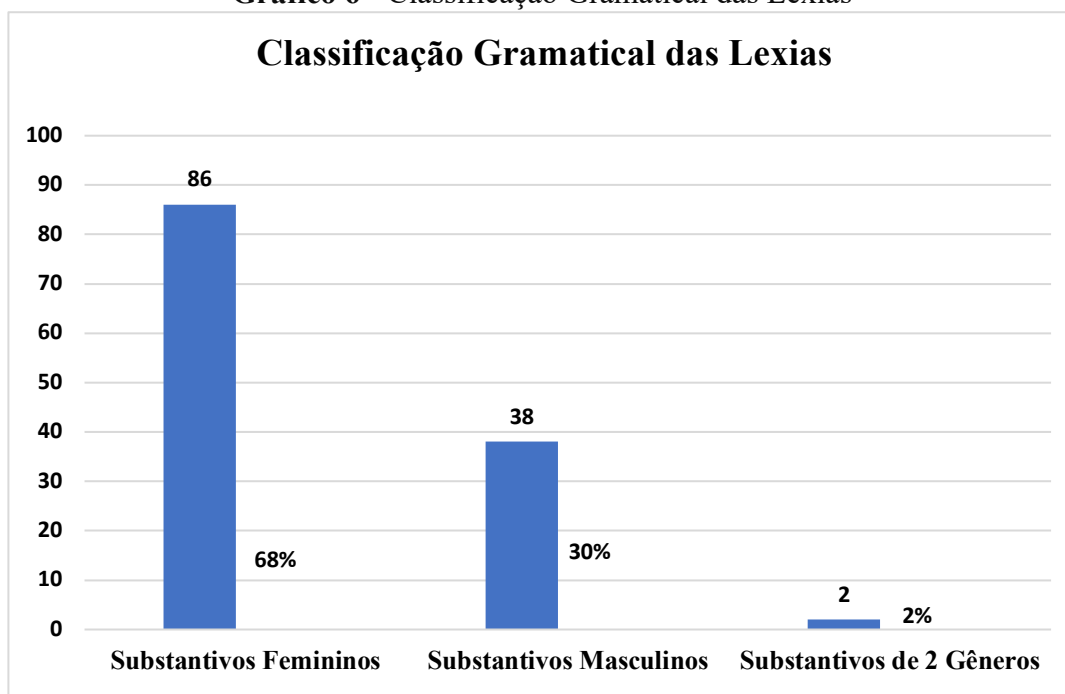
Observando os dados, percebemos que as denominações referentes ao *refrigerante* apresentaram um maior *quantitativo* de lexias registradas, com 9 sinais dicionarizados (47%). À respeito ainda dessa bebida, é oportuno destacarmos um caso interessante que nos chamou à atenção, em relação a uma marca específica de refrigerante, a *coca-cola* que, assim como nesta pesquisa onde registramos duas equivalências, encontramos duas entradas no dicionário Capovilla (2017) para se referir a bebida, porém, a unidade lexical *coca-cola* (1), que assume o verbete principal no dicionário, de acordo com os nossos dados é a lexia menos utilizada pelos sinalizantes surdos de São Luís (assumindo um verbete para variantes), e já a forma *coca-cola* (2), que está catalogada em um segundo verbete, no nosso trabalho assume o verbete principal, com um maior quantitativo de uso. A partir disso podemos compreender que nem sempre o que é tido como o “padrão”, descrito nos dicionários gerais de línguas é o que realmente é falado no uso social da língua, como é o caso do exemplo observado, em que o dicionário prioriza uma forma principal, com a definição e os demais elementos sobre aquele conceito, mas que, em se tratando da variedade sinalizada em São Luís, não está de acordo com a realidade linguística social dos sinalizantes surdos da Libras.

A segunda bebida com o maior quantitativo de sinais dicionarizados foi o *vinho*, com 3 lexias (16%) catalogadas; em seguida temos as bebidas *cerveja* e *drinque*, sendo ambas com

2 sinais catalogados, correspondendo, cada, a 11% dos dados totais em percentuais; e por últimos temos as bebidas *cachaça*, *champanhe* e *uísque* com 1 sinal (5%) registrado para cada bebida.

No tocante à classificação gramatical das lexias, o Gráfico 6, a seguir, apresenta a distribuição destas em substantivos *femininos*, *masculinos* e de *dois gêneros*, já que estamos tratando especificamente de nomeações, sem a presença de outras classes gramaticais.

Gráfico 6 - Classificação Gramatical das Lexias



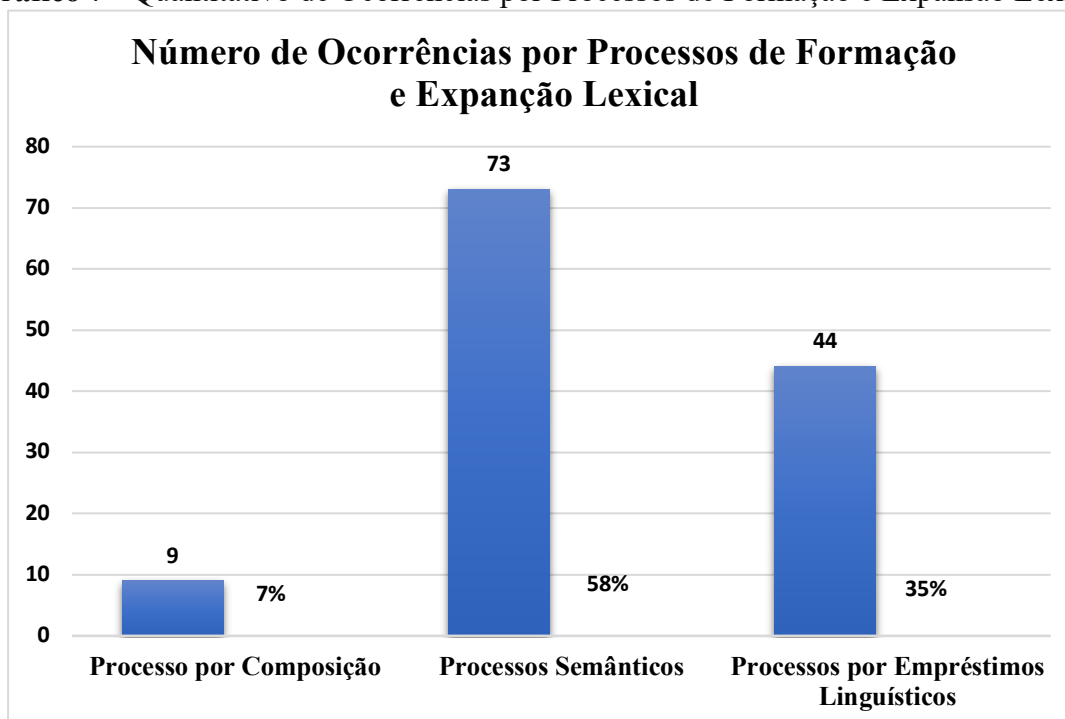
Fonte: O autor (2022)

Das 126 lexias analisadas, num universo de substantivos, registramos 86 lexias do gênero feminino, o que corresponde a 68% dos dados totais; 38 lexias pertencem ao gênero masculino, representando 30% dos dados; e, por último, 2 lexias de dois gêneros, representando 2% dos dados, pertencentes tanto ao gênero feminino quanto ao masculino, que é a denominação *champanhe*. Um fato importante a se considerar diz respeito a um conhecimento popular relacionado à *cachaça*, que de acordo com Souto Maior (2004, p. 10), a “branquinha” representava uma mulher poderosa, “marvada”, companheira dos negros africanos no trabalho e “filha do senhor do engenho”, explicando o fato da maior quantidade de lexias relacionadas a esta bebida serem substantivos do gênero feminino, pois são nomeações que representam as qualidades de uma mulher.

E se tratando dos processos de formação e expansão lexical em Libras observados, de acordo com o Gráfico 7, a seguir, apresentamos o quantitativo de ocorrências com base nos mecanismos de formação e expansão neológica, conforme explanado na fundamentação

teórica deste trabalho, objetivando agrupar os sinais catalogados em seus respectivos processos aqui delimitados³⁹, que são: *processo por composição*; *processos semânticos*; e *processos por empréstimos linguísticos*.

Gráfico 7 - Quantitativo de Ocorrências por Processos de Formação e Expansão Lexical



Fonte: O autor (2022)

Dos 126 sinais analisados, o maior quantitativo de lexias, que corresponde a 73 sinais (58% dos dados totais), são formados pelos *processos semânticos*. Dos processos semânticos observados, podemos destacar a *polissemia*, com 15 sinais (21%), que envolve a formação de sinais tendo por base a atribuição de um novo significado a uma unidade lexical já existente, observado no exemplo do sinal da marca de uísque *Black & White*, em que representa tanto a bebida – que é motivada pelo símbolo visual de dois cachorros presentes na marca – quanto se refere ao animal “cachorro”. É oportuno destacarmos também que, com relação à polissemia, registramos também um mesmo sinal para se referir tanto a dois tipos de bebidas alcoólicas, que são uma marca de cerveja, a *Schin*, e uma marca de uísque, a *White Horse*, quanto também para referir-se, em Libras, ao animal cavalo. Observamos também casos de *metonímia* como processo de motivação da formação dos sinais, com 18 sinais (25%), em que os sinalizantes nomeiam certas bebidas a partir das características observáveis destas, mantendo semelhança direta entre o sinal e uma ação que lembre a bebida, conforme podemos

³⁹ Embora na fundamentação teórica deste trabalho tenhamos apresentado um total de cinco processos de formação e expansão lexical, nesta análise consideramos apenas três, por falta de dados relacionados aos outros dois processos.

perceber nos sinais referentes à *cachaça*, em que são motivados pela ação de virar o copo e beber; e o sinal da embalagem de cerveja *torre (2)*, que deriva da ação de colocar a cerveja, incorporando as marcas visuais ao sinal. Outro caso recorrente é a associação dos símbolos visuais das marcas das bebidas como motivação para a criação dos sinais para nomeá-las, com 17 sinais (23%), como exemplo temos a marca de bebida energética *fusion*, em que a marca apresenta um raio como símbolo e motiva o sinal em Libras da bebida.

Por fim, ainda relacionado aos processos semânticos, podemos destacar a *iconicidade* como processo de motivação para a formação de novos sinais, apresentando 23 sinais, que corresponde a 31% dos dados. Tal processo é observado com facilidade nas línguas de sinais, uma vez que se relacionam com às características icônicas e visuais dos objetos a que se referem. Na iconicidade os sinais são motivados pelos traços visuais do referente, podendo ser observado neste trabalho no sinal de *cerveja 1*, lexia esta que se relaciona com a caneca da cerveja.

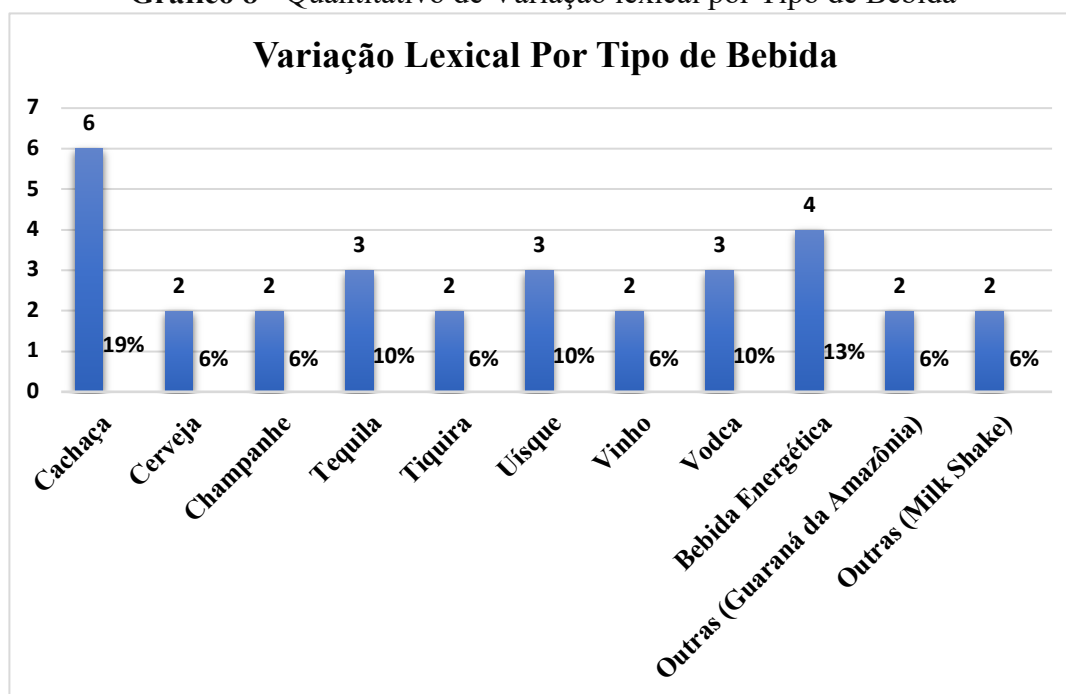
A segunda classificação que apresentou um maior quantitativo de ocorrências foram os processos por *empréstimos linguísticos*, o que compreende os sinais que são criados a partir da influência da escrita da ortografia da Língua Portuguesa, e que abrange três processos. O primeiro processo, o *empréstimo por transliteração*, apresentou 5 sinais (11%), que são os sinais formados pela representação total ou parcial das letras que compõe o alfabeto da LP, conforme o exemplo do sinal da bebida *rum*, da marca de bebida energética *TNT(1)* e do sinal da marca de refrigerante *psiu (1)*, onde são representadas cada letra das respectivas palavras por meio das CMs da Libras. Neste caso, percebemos que a soletração das palavras possui relação direta com a sua extensão, em que registramos apenas casos de palavras monossilábicas, que são de “fácil” execução para os sinalizantes. O segundo tipo, o *empréstimo por transliteração lexicalizada*, foram registrados 6 sinais (14%), que consistem na soletração rítmica da unidade lexical e que se difere do *empréstimo por transliteração* por possuir um ritmo no momento de execução do sinal, com características da Libras incorporadas no momento da soletração, observado no exemplo do sinal do tipo de bebida *vodka (2)* e de uma marca da bebida, a *Sky*. E, por fim, temos o *processo por transliteração da letra inicial*, que foi altamente produtivo, apresentando o maior quantitativo de sinais, considerando os três tipos apresentados, com 33 lexias (75%), no qual refere-se a um empréstimo da letra inicial de uma palavra para a construção do sinal em Libras, como exemplo temos o sinal da marca de cerveja *Brahma*, que é realizado com a CM em “b”. Tal processo é bastante observado em Libras, uma vez que a unidade importada, que é motivada pela letra inicial da palavra em LP é de simples realização, se assim compararmos com os

empréstimos por *transliteração* e *transliteração lexicalizada*, que demandam maior esforço das mãos para a sua execução.

Quanto ao último processo analisado, o *processo por composição*, registramos 9 sinais, que representam 7% dos dados. Na composição, um novo sinal é formado tendo por base a junção de dois sinais já existentes, apresentando como resultado da composição um novo significado diferente daquele expresso pelas unidades lexicais isoladas. Observamos esse caso no exemplo da bebida *vinho rosado*, que é formado a partir da junção da lexia “vinho” com a lexia referente à cor “rosa”, formando a denominação para a bebida.

No que se refere à variação linguística, conforme o Gráfico 8, a seguir, olhando apenas para as lexias que denominam os tipos de bebidas, desconsiderando as marcas e as embalagens, registramos 31 variações de sinais, ou seja, observamos mais de uma equivalência de sinal para um mesmo referente em LP, que corresponde a 24% dos dados.

Gráfico 8 - Quantitativo de Variação lexical por Tipo de Bebida



Fonte: O autor (2022)

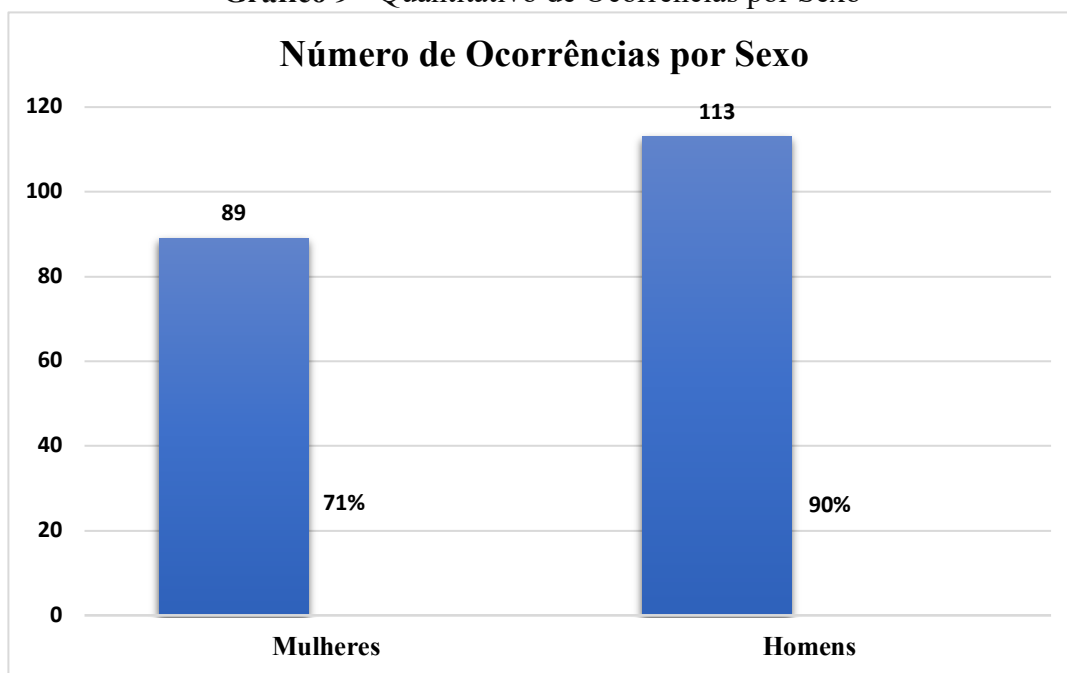
Das bebidas analisadas, a *cachaça* apresentou o maior quantitativo de variação, com 6 denominações, representando 19% dos dados relativos à variação. Cabe destacar que de fato esta bebida é a mais popular e ícone do folclore nacional e que, quando observamos o universo lexical da Libras, percebemos que esta recebe também inúmeras formas linguísticas culturais que são particulares e que representam as experiências sociais dos sinalizantes surdos, ratificando as palavras de Seabra (2015, p. 20), ao ressaltar que:

Constatada a riqueza lexical presente nas variantes sinonímicas do vocábulo “cachaça”, reconhecemos uma rede de significados comuns nessas palavras que traduzem, por um lado, sentimentos, atitudes, origens, culturas, princípios; por outro lado, constatações e verdades, uma sábia descrição, moldada pela sabedoria popular, com motivações diversas (SEABRA, 2015, p. 20).

Nossos dados também evidenciam que a segunda bebida com mais variantes catalogadas foi a *bebida energética*, com 4 sinais (13%) para um mesmo referente. Em seguida temos as denominações para *tequila*, *uísque* e *vodka*, com 3 sinais (10%) para cada bebida. E, em último, temos os sinais para as bebidas *Cerveja*, *Champanhe*, *Tiquira*, *Vinho*, *Guaraná da Amazônia* e *Milk Shake*, apresentando 2 formas variantes (6%) para cada bebida.

Com relação à perspectiva diasssexual, o Gráfico 9, a seguir, evidencia a distribuição de ocorrências das lexias por sexo – mulheres e homens.

Gráfico 9 - Quantitativo de Ocorrências por Sexo



Fonte: O autor (2022)

Os dados apontam que os homens apresentaram mais sinais referentes às denominações para as bebidas, apresentando 113 sinais das 126 lexias registradas no todo, correspondendo a 90% dos dados. Já as mulheres apresentaram um quantitativo inferior, realizando 89 sinais ao todo, que corresponde a 71% dos dados. Analisando as ocorrências registradas, os homens conheciam sinais referentes a todos os tipos de bebidas analisadas, porém, em contrapartida as mulheres não apresentaram resposta apenas para o tipo de bebida *tiquira*, e para um tipo de bebida que se encontra dentro do campo *outras*, que foi o *campari*. Neste caso particular, a ausência de respostas nos fala muito a respeito da realidade linguístico-cultural dos falantes, podendo revelar que os itens desconhecidos não fazem parte

da realidade social das mulheres ou que, as sinalizantes não lembram, não conhecem ou esqueceram de como é a denominação referente as bebidas.

É interessante notarmos também que a distribuição diasssexual nos revela como o léxico está ligado com os valores sociais vigentes em uma comunidade. Na sinalização de uma informante, é perceptível essa linha de pensamento, a partir da seguinte afirmativa, quando perguntamos sobre as denominações para a *cachaça*:

INQ. – E sobre essa bebida aqui (apresentação de uma imagem da bebida), que é feita a partir da cana-de-açúcar, você conhece?

INF. – Ah, conheço, sim. Eu acho que é esse sinal aqui (apresentação do sinal *cachaça 4*).

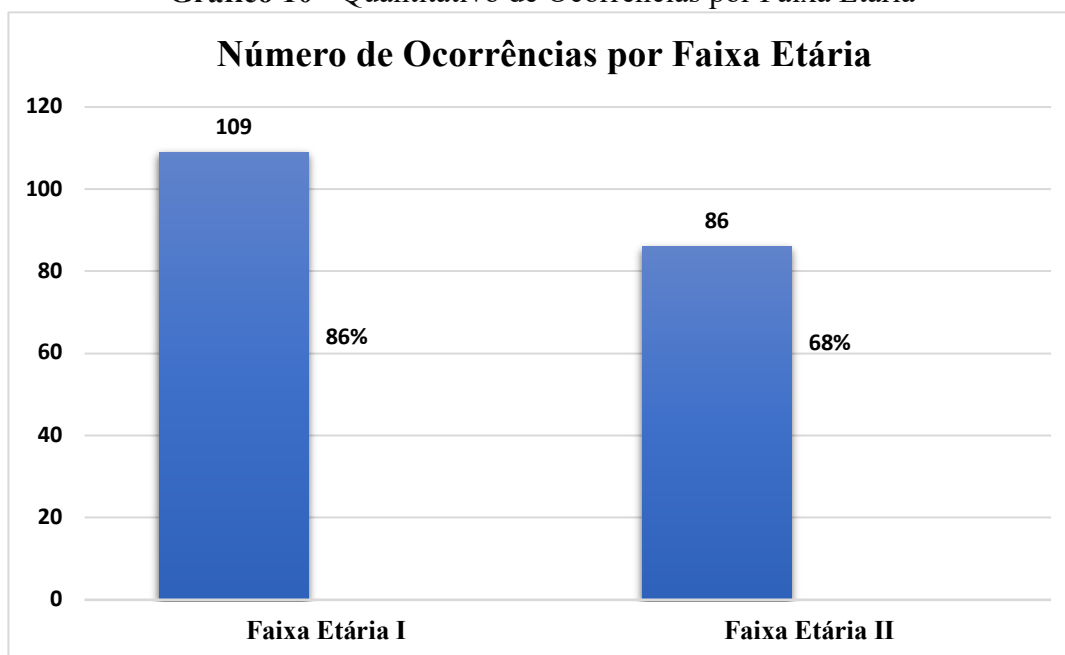
INQ. – Você conhece outro sinal para esta bebida?

INF. – Eu já vi alguns, mas combinam mais com os homens (risos), acho que não combina pra uma mulher. Na verdade, as mulheres conhecem menos de bebidas.

(Informante VI, Feminino – I.6F.).

Notamos, na fala da sinalizante mulher, o pensamento preconceituoso perpetuado de que falar de bebidas, ou até a imagem de uma pessoa que bebe muito e se embriaga é algo muito relacionado aos homens e que, quando uma mulher possui os mesmos hábitos e utiliza os mesmos recursos linguísticos para se referir às denominações, é julgada a partir de uma construção idealizada negativa. É importante atentar que, diante desses valores, é possível observar a presença de tabus linguísticos, onde as sinalizantes mulheres acabam utilizando outros sinais para não se referirem às lexias que acreditam não estar adequadas à sinalização das mulheres, por possuir uma carga semântica muito forte masculina. Dessa forma, constatamos que a variante *cachaça (2)*, que foi apresentada por todos os homens e foi a segunda variante mais usada, não foi apresentada pelas mulheres. Observamos que elas optaram pela variante padrão, a *cachaça (1)*, e ainda, no momento de realização das outras variantes referentes à *cachaça*, as mulheres monitoravam mais a sinalização do que os homens, controlando as expressões faciais e corporais dos sinais, se repetindo também em outros casos referentes a outras bebidas.

Levando em conta as ocorrências por faixa etária, o Gráfico 10, a seguir, apresenta como está distribuído o quantitativo dos sinais entre a faixa etária I e a faixa etária II. Tal distribuição se mostrou relevante para analisarmos e registrarmos as diferenças de sinais usados por diferentes gerações.

Gráfico 10 - Quantitativo de Ocorrências por Faixa Etária

Fonte: O autor (2022)

Tomando por partida as diferenças por faixa etária, os sinalizantes da faixa I, que são os mais jovens, se mostraram conhecer mais sinais do universo das bebidas, com 109 sinais apresentados dos 126 registrados, representando 86% dos dados. Já os sinalizantes da faixa etária II, que são as pessoas de mais idade, apresentaram um quantitativo inferior, onde contabilizamos 86 sinais, que representa 68% dos dados. Assim, os sinais a respeito das bebidas são concentrados na sinalização dos informantes mais jovens por estes terem mais contato com as mais variadas bebidas presentes no mundo social, se associando aos hábitos dessa geração, uma vez que estão mais propensos a irem em festas, boates e diversos ambientes de lazer, lugares estes em que os líquidos são consumidos.

Um aspecto importante de natureza diageracional observado que nos chama a atenção são os sinais da denominação *coca-cola*, que apresentou duas equivalências em Libras. Na forma *coca-cola* (1), que é um caso de *empréstimo linguístico por transliteração da letra inicial*, percebemos que todos os informantes da faixa etária I realizaram esta forma; e já o sinal referente a *coca-cola* (2), que é um sinal formado a partir de um *empréstimo linguístico por transliteração lexicalizada*, foi realizado apenas pelos informantes da faixa etária II. A partir disso, é interessante observar a relevância do condicionamento diageracional sobre como o léxico é usado, uma vez que os informantes mais jovens optam por usar as formas de empréstimo por transliteração lexicalizada, que são unidades lexicais que se lexicalizaram e se adaptaram ao sistema e às estruturas internas da Libras, apresentando, assim, mais “facilidade” para a sua realização, pois são baseadas apenas na letra inicial da palavra em

Português. Já os sinalizantes de mais idade preferem utilizar as primeiras formas de empréstimo linguístico, que são os empréstimos por transliteração lexicalizada, que utiliza a datilologia de uma palavra em Língua Portuguesa com um ritmo, ou até mesmo somente o empréstimo por transliteração, que utiliza a representação completa da escrita equivalente em LP, sendo estas formas mais complexas para a realização, considerando que demanda mais movimento do sistema articulatório das mãos para execução.

E se tratando desse caso particular, referente aos empréstimos por transliteração, Faria-Nascimento (2009, p. 62) ressalta que:

Esse fenômeno ocorre nos mais variados contextos nos quais se faz necessária a denominação de referentes ainda sem equivalentes lexicalizados, em LSB, ou desconhecidos, pelo menos, por um dos interlocutores de um contexto no qual há a necessidade de introduzir conceitos cujo nome está sedimentado em LP e, não ainda, em LSB. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 97).

Dessa forma, as diferenças de utilização do léxico e a influência do fator idade se mostraram pertinentes na distribuição de uso de uma forma concorrente em razão de outra. Assim, podemos inferir que a faixa etária II tende a preferir pelas formas mais antigas, que são os sinais que consideram a datilologia das palavras em LP, refletindo o estado de como a língua era falada na época em que eram mais jovens. Em contrapartida, analisando os sinais usados pela faixa etária I, observamos que estes favorecem pelas lexias que consideram apenas a letra inicial da palavra, que são as formas mais novas.

Baseados nessa linha de pensamento, percebemos que o dinamismo linguístico torna evidente em como certos elementos lexicais de uma língua podem desaparecer ou deixar de ser usados, entrando em processo de arcaísmo, ou até mesmo pode-nos revelar como ocorrem os fenômenos de mudança estrutural de certas unidades lexicais mais antigas, por meio da comparação da distribuição linguística nas diferentes faixas etárias, conforme podemos observar nas informações apresentadas pelo informante VII, do sexo masculino, retiradas de um inquérito, em que o sinalizante declara que um sinal para a denominação *vodka* é pouco usado atualmente pelos sinalizantes mais jovens, devido a uma forma mais nova, de acordo com o trecho, a seguir:

INQ. – Você conhece essa bebida aqui, a *vodka*? (apresentação da imagem da bebida).

INF. – Conheço ela. Esse aqui é o sinal (apresentação do sinal *vodka* (1)).

INQ. – Você conhece outro sinal?

INF. – Conheço esse aqui (apresentação do sinal *vodka* (2)).

INQ. – Tem alguma diferença entre eles? Você usa mais qual?

INF. – Tem não, são iguais, mas hoje em dia os surdos quase não usam mais esse sinal aqui (sinal de *vodka* 2). Quando eu era mais novo era comum nós

usarmos. Hoje em dia os mais novos preferem usar mais esse sinal aqui (apresentação do sinal *vodka* (1)).
(Informante VII, Masculino – I.7M.).

Outro fato importante observado diz respeito as denominações para a bebida *Tiquira*, em que a primeira forma registrada, a *tiquira* (1), foi registrada apenas na sinalização dos informantes da faixa etária I, que é um sinal constituído pela inicialização da letra que forma a palavra da bebida, que é o “t”; e já a forma *tiquira* (2), foi apresentada pelos informantes da faixa etária II, e é motivada segundo os aspectos e conhecimentos culturais a respeito da bebida. Assim, o sinal, além de designar a unidade lexical “fogo”, segundo relatos do informante V, do sexo masculino (I.5M.), é usado também para se referir a bebida, pois, segundo ele, esta possui propriedades afrodisíacas que estimula o desejo sexual e aumenta a libido tanto nos homens quanto nas mulheres, justificando o porquê da forma que nomeia o objeto.

A partir dessas considerações, tendo em vista a diversidade de sinais que compõe o léxico das bebidas e que evidencia a riqueza linguística disponível para uso temos, a seguir, o resultado final desta pesquisa, o glossário semibilíngue multimodal Português-Libras do léxico das bebidas, com as lexias inventariadas e descritas neste trabalho.



Oséias de Queiroz Santos

GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS DAS BEBIDAS

São Luís

2022

SUMÁRIO

Como utilizar o Glossário	136
Lista de abreviaturas e siglas	138
O Glossário	139
Bebidas Alcoólicas	140
Cachaça	141
Cerveja	147
Champanhe	163
Conhaque	164
Drinque	166
Outras	168
Rum	170
Tequila	171
Tiquira	173
Uísque	174
Vinho	178
Vodca	182
Bebidas Não Alcoólicas	186
Bebida energética	187
Outras	193
Refrigerante	195

COMO UTILIZAR O GLOSSÁRIO

Este é um glossário semibilíngue multimodal Português-Libras, onde são apresentadas as denominações investigadas nesta dissertação referentes ao léxico das bebidas nas duas línguas. Portanto, esta obra lexicográfica possibilita a consulta impressa, com definições em Língua Portuguesa e o sinal equivalente em Língua Brasileira de Sinais; e sob a forma digital, com um *QR Code* e o *Link* que direciona para o vídeo do sinal em Libras na plataforma digital *YouTube*.

O glossário está dividido em dois campos, as bebidas alcoólicas e as bebidas não alcoólicas, em ordem alfabética; distribuído entre os tipos de bebidas, e dentro dessa classificação encontram-se dois subgrupos, que são as marcas e as embalagens de bebidas. Possui entradas em Língua Portuguesa e sua equivalência em Libras, contendo às seguintes informações:

- (1) A **entrada** em Português, em caixa alta;
- (2) A **equivalência** em Libras, na forma de imagem;
- (3) A **configuração de mão do sinal**, para melhor entendimento da lexia. Utilizou-se o quadro de configurações de mãos de Faria-Nascimento (2009);
- (4) O **QR Code** que direcionará para o vídeo do sinal equivalente em Libras;
- (5) O **Link** do vídeo que também direcionará para o vídeo do sinal equivalente em Libras;
- (6) As **referências gramaticais** da entrada em Português, em itálico;
- (7) A **indicação de dicionarização** do sinal em Libras, em itálico;
- (8) A **definição** em Português;
- (9) A **ilustração** referente às lexias quando forem marcas e embalagens, e alguns tipos de bebidas;
- (10) As **notas linguísticas** e **notas enciclopédicas** com informações para acrescentar entendimento da lexia.

Quanto às entradas dos verbetes, nos casos onde há mais de uma equivalência de sinal em Libras para uma mesma entrada em Língua portuguesa, encontra-se numerado, em ordem crescente, da unidade lexical mais frequente para a menos frequente.

Para melhor visualização dos dois tipos de verbetes encontrados neste glossário, vejamos, a seguir, um exemplo de verbete principal para os tipos de bebidas.

Entrada	Referências Gramaticais	Indicação de Dicionarização
UÍSQUE (1) <i>s.m. SDHF</i>		
		
Sinal equivalente		QR CODE (vídeo do sinal equivalente)
Configuração de Mão do Sinal (CM)  (49)		
Link do vídeo do sinal equivalente	https://www.youtube.com/watch?v=jwBMKdUIOeo	
Nota Linguística	Bebida alcoólica obtida da fermentação e destilação de grãos de cereais (cevada, milho, trigo e centeio), envelhecida em barris de carvalho, apresentando um teor alcoólico final de 38% a 54% por volume.	
Nota Enciclopédica	NL – Deriva da palavra gaélica <i>uisge-beatha</i> , que significa “água da vida”. NE – Devido ao uso de diferentes matérias-primas no processo de preparação do uísque, que pode variar desde a cevada maltada até misturas de diversos tipos de cereais, a proporção desses compostos pode influenciar na composição e aroma da bebida. Quanto à classificação, de acordo com a legislação brasileira sobre bebidas, este destilado pode ser classificado em diferentes tipos, que são: a) Uísque Malte Puro, elaborado exclusivamente com destilado alcóolico simples de malte envelhecido; b) Uísque Cortado, obtido pela mistura de, no mínimo, 30% de destilado alcoólico simples de malte envelhecido, com destilados alcoólicos simples de cereais ou álcool etílico potável; c) Uísque de Cereais, obtidos a partir de cereais reconhecidos internacionalmente na produção de uísque; e d) Bourbon Whisky, elaborado com, no mínimo, 50% de destilado alcoólico simples envelhecido de milho com álcool etílico potável. (VENTURINI FILHO, 2010, p.390-391).	

No tocante ao segundo tipo de verbete, este é encontrado nos casos onde há mais de uma possibilidade de equivalência em Libras, e também com relação às marcas e embalagens de bebidas, que não possuem definição e notas. Neste caso, contém a ilustração sobre as marcas e embalagens a que se referem. Vejamos um exemplo, a seguir.

Entrada	Referências Gramaticais	Indicação de Dicionarização
BLACK & WHITE <i>s.m. SND</i>		
		
QR CODE (vídeo do sinal equivalente)		Ilustração
		
Configuração de Mão do Sinal (CM)  (13)		
Link do vídeo do sinal equivalente	https://www.youtube.com/watch?v=Td7lKm1N3E0	

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CM = Configuração de Mão
- NE = Nota enciclopédica
- NL = Nota linguística
- SDDC = Sinal dicionarizado em Dicionário Capovilla (2017)
- SDHF = Sinal dicionarizado em Honora e Frizanco (2009)
- SND = Sinal não dicionarizado
- S.f. = Substantivo feminino
- S.m. = Substantivo masculino
- S.2g. = Substantivo de 2 gêneros

O GLOSSÁRIO



BEBIDAS ALCOÓLICAS



CACHAÇA

CACHAÇA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=TkcK-AZJZls>

Bebida alcoólica obtida a partir da fermentação e destilação do caldo da cana-de-açúcar, com teor alcoólico de 38% a 48% por volume.

NL – Tipicamente brasileira, a cachaça recebe inúmeras nomeações que variam de acordo com a localidade em que é consumida. No Maranhão, mais especificadamente em São Luís, é conhecida como aguardente, pinga, caninha, cana e outras denominações. (ARAGÃO, 2014, p. 8).

NE – Para dar mais sabor à bebida, a cachaça é envelhecida em barris de grande volume, por um período mínimo de 8 a 12 meses, que pode ser tanto em barris de madeira, como de aço inoxidável. Quanto aos barris de madeira, estes são geralmente feitos a partir da madeira de carvalho, do cedro, do freijó, do bálsamo e outros. Assim, o envelhecimento nestes locais, que são de alta qualidade, proporcionam mais qualidade e atributos à bebida, que em função da oxidação da aguardente em contato com o ar, ocasionam uma concentração de impurezas voláteis, agregando, assim, extratos da madeira à bebida. (LIMA, 2011, p. 120).

CACHAÇA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=i7hvdZiCEgg>

CACHAÇA (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=OgL-E37Xka0>

CACHAÇA (4) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Ipuyg3FfymM>

CACHAÇA (5) *SDDC; SDHF*



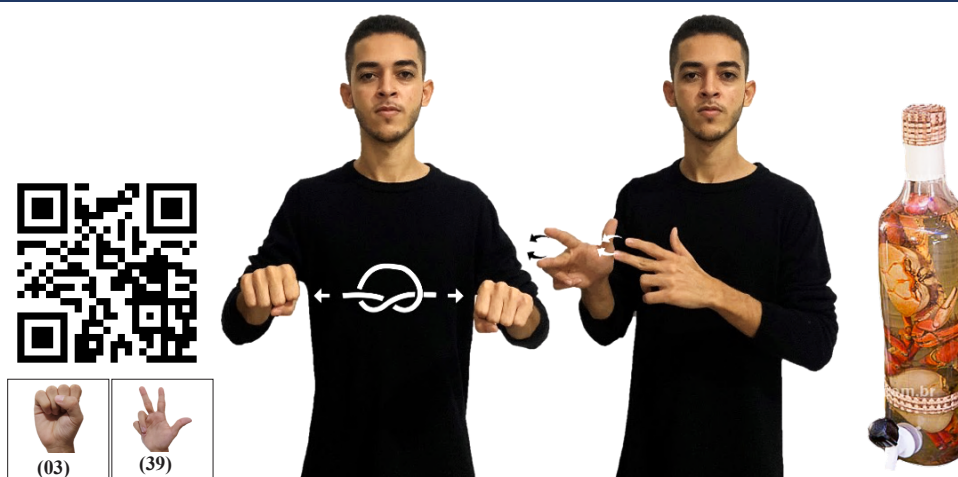
<https://www.youtube.com/watch?v=VE7LXberjoA>

CACHAÇA (6) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=hOKl6m3Ihow>

CACHAÇA TEMPERADA *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=A68LK22pT68>

Bebida alcoólica aromatizada obtida a partir da mistura de cachaça com frutas, animais, como caranguejo, cobra e escorpião, ou ervas, para dar mais sabor a bebida.

MARCAS

PITÚ (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=88OJli81P9k>

PITÚ (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=8S2HngpHzmE>

YPIÓCA *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=lYuoq6QBxfE>

51 *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=eQ9HraBSCRA>

CERVEJA

CERVEJA (1) *s.f. SDDC; SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=7EpQ3imGv2A>

Bebida alcoólica obtida, principalmente, pela fermentação da cevada, com água potável e aromatizada com adição de lúpulo, possuindo teor alcoólico de 5% a 9% por volume.

NL – Do latim *cervesia* ou *cerevisia*, que significa “grão de trigo”. (HOUAISS, 2009, p. 441).

NE – A cerveja é uma das bebidas fermentadas mais consumidas no mundo. Sua história está ligada com a própria história da humanidade, datando cerca de 6000 a 8000 anos. Comparada com as outras bebidas alcoólicas, possui baixo teor alcoólico, porém, apresenta uma variedade de componentes bioquímicos, tais como: proteínas, aminoácidos, hidratos de carbono (glicose, maltose e dextrina), sais minerais (cálcio, fósforo e enxofre), anidrido carbônico e vitaminas do complexo B. Devido a sua grande riqueza nutritiva, tem grande poder antisséptico, diurético e microbicida, além de ser altamente depurativa. Quando consumida, estimula o apetite a quem ingere e também é uma ótima bebida refrescante, sendo uma aliada para se suportar o calor do clima tropical. (PACHECO, 1996, p. 35).

CERVEJA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=FkQAxt8l5lc>

MARCAS

ANTARCTICA (1) *s.f. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=t3jj_TDxMVC

ANTARCTICA (2) *SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=RnpEbtThDlM>

ANTARCTICA (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=vxDCYx0IVmg>

BOHEMIA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=x6ze0fFUHDY>

BOHEMIA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=4GkxFmaBvog>

BRAHMA *s.f. SND*



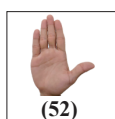
<https://www.youtube.com/watch?v=Ylt3aR3Z1qw>

BUDWEISER *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=-odG7t2DeUk>

DEVASSA *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=93hSOJ9kjZM>

EISENBAHN *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=wPelqN4nMeI>

HEINEKEN (1) *s.f. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=XYQEGot_Ymg

HEINEKEN (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=BYGSKvSUMag>

ITAIPAVA *s.f. SND*



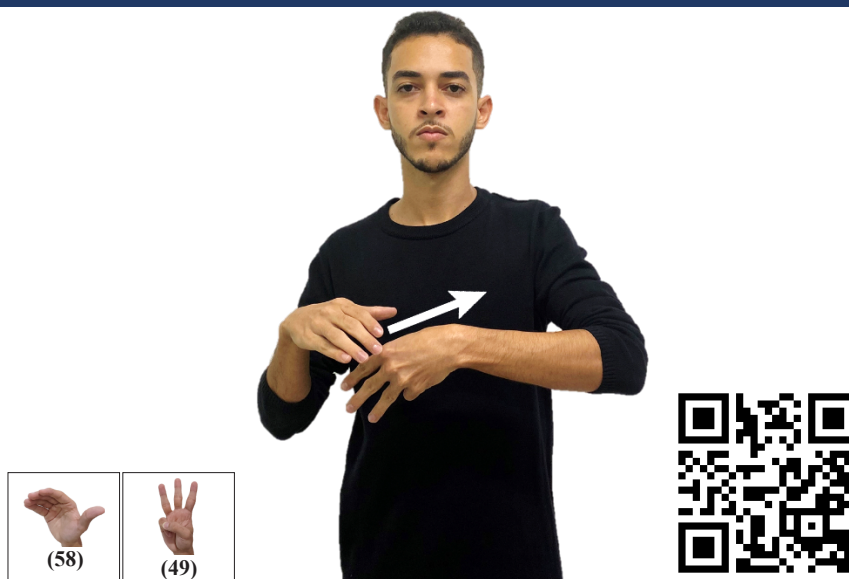
<https://www.youtube.com/watch?v=AAOE1LRaJY0>

MAGNÍFICA (1) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=GPvi0IgNXrE>

MAGNÍFICA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=-fu1-SKpv2Q>

MAGNÍFICA (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=6Ce3rQNCbrk>

PETRA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=bcwnJdKKTew>

PETRA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=21pSHarQu3A>

PETRA (3) *SND*



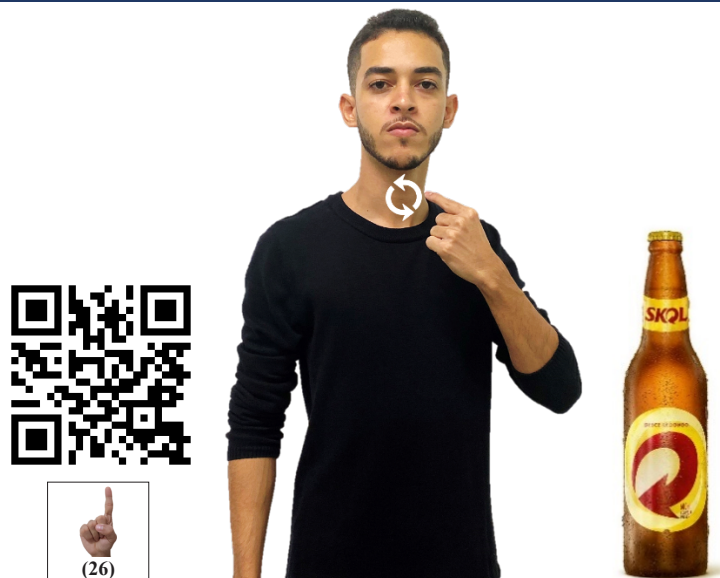
<https://www.youtube.com/watch?v=4YCghhUlQT4>

SCHIN *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=ZUpX3ub8V2E>

SKOL *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Waa7CQuqAGE>

STELLA ARTOIS *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=ughY18rcZp8>

EMBALAGENS

GARRAFA DE VIDRO (1) *s.f. SND*



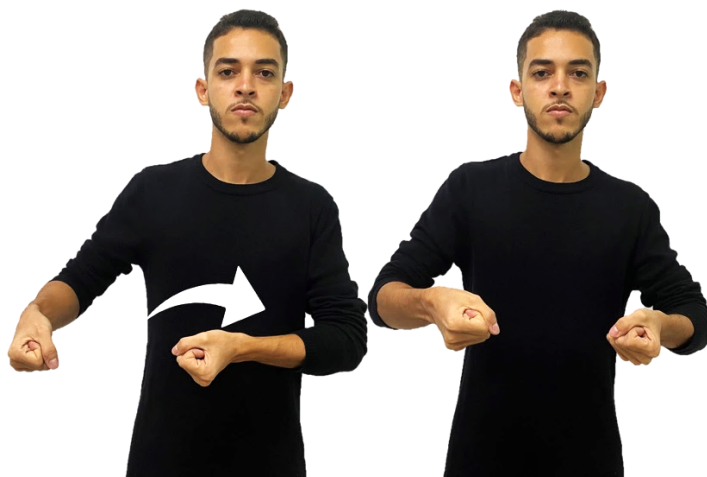
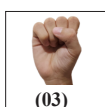
https://www.youtube.com/watch?v=uaYRNZiCm_Q

GARRAFA DE VIDRO (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=PJRduxPs2XA>

GRADE DE CERVEJA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=JBRVxZFT6t0>

GRADE DE CERVEJA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=0nk1yVwrqZw>

LATA *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=KYeZGQHvLYc>

LONG NECK *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=gf3tgJNYROE>

TORRE (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=ccNFirJ0neY>

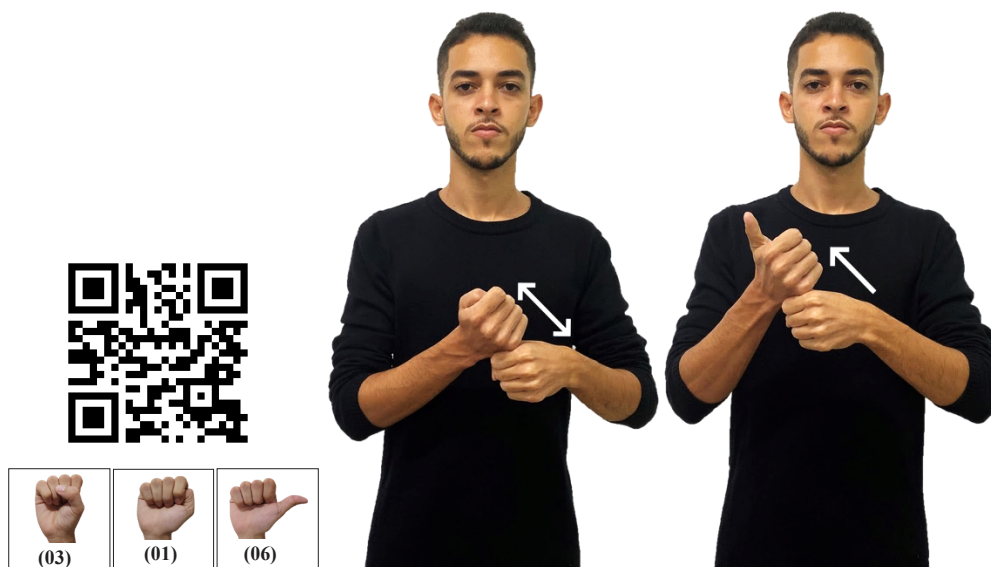
TORRE (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=tfIB8Mm68ek>

CHAMPANHE

CHAMPANHE (1) *s. 2g. SDDC; SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=ByOtAzTI3Ws>

Bebida alcoólica espumante resultante de uma segunda fermentação alcoólica de uvas em garrafas ou em recipientes fechados, com teor alcoólico de 11% por volume.

NL – Do francês *champagne*, que significa vinho branco espumante, fabricado na região de Champagne, na França. (HOUAISS, 2009, p. 446).

NE – Geralmente é elaborado com a maioria de uvas tintas, mas há casos em que é feito só com uvas brancas. (PACHECO, 1996, p. 37).

CHAMPANHE (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=8ib8sfsTyv4>

CONHAQUE

CONHAQUE *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=yS7uPCDUNHY>

Bebida alcoólica obtida a partir da fermentação e destilação do caldo da cana-de-açúcar, com teor alcoólico de 38% a 48% por volume.

NL – Do francês *Cognac*, que significa o nome da localidade de onde a bebida surgiu, situada na França, na província de Charente. (HOUAISS, 2009, p. 523).

NE – Todo conhaque é destilado duas vezes e, de acordo com a legislação, deve ser envelhecido em tonéis de carvalho por três anos, no mínimo, embora a maior parte da produção permaneça quatro anos nos tonéis. (PACHECO, 1996, p. 48).

MARCAS

DOMUS (1) *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=N4A7dBcxR50>

DOMUS (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=vfVLEMRkEBE>

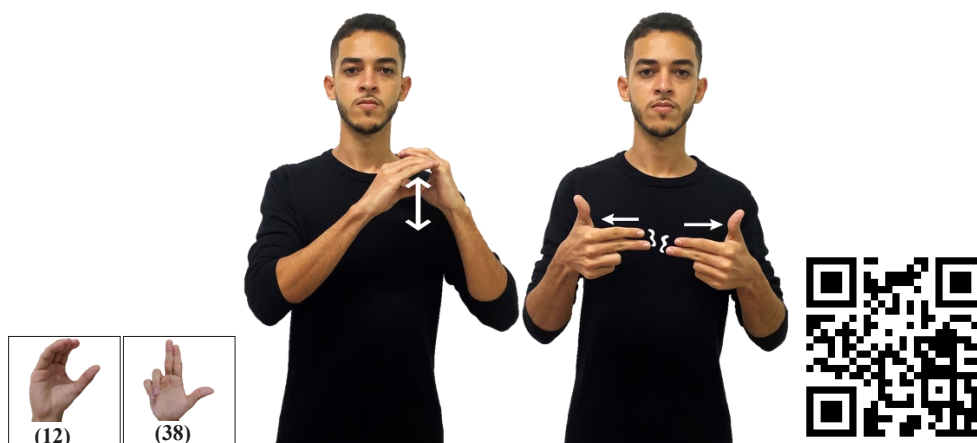
SÃO JOÃO DA BARRA *s.m. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=k6-MZ1Lf_WE

DRINQUE

DRINQUE *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Ar41pApY-XE>

Bebida alcoólica feita a partir da mistura de outras bebidas alcoólicas, como cachaça, vodka, gin, rum e outras, adicionada de sucos ou pedaços de frutas, geralmente macerados, misturados e batidos com açúcar e gelo.

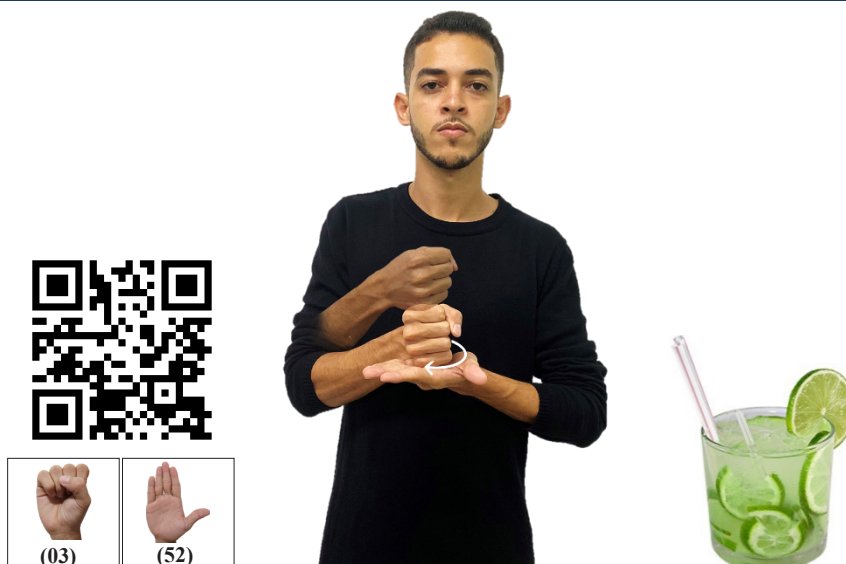
NL – Do inglês *drink*, que significa “um líquido próprio para engolir”. (HOUAISS, 2009, p. 713).

BATIDA *s.f. SDDC; SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=bTJBB5tyavY>

CAIPIRINHA *s.f. SDDC; SDHF*



https://www.youtube.com/watch?v=uFp8Nt_MCVc

OUTRAS

CAMPARI *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=48Pc30kpTk0>

Bebida alcoólica destilada pertencente a classe dos *bitters*, obtida pela infusão de ervas amargas, plantas aromáticas e frutas, combinadas e maceradas em álcool destilado e água, com graduação alcoólica de 20.5% a 28% por volume.

FRANGELICO *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=g9K9tmrcY34>

Bebida alcoólica doce feita de açúcar, xarope e álcool, geralmente misturada com frutas, flores e raízes, com graduação alcoólica de 24% por volume.

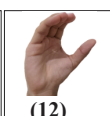
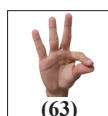
ICE *s.f. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=7rf_aHCYARo

Bebida alcoólica refrescante feita com cachaça ou vodca, adicionada de água com gás e suco de frutas, apresentando teor alcoólico de 5% por volume.

MARTINI *s.m. SND*

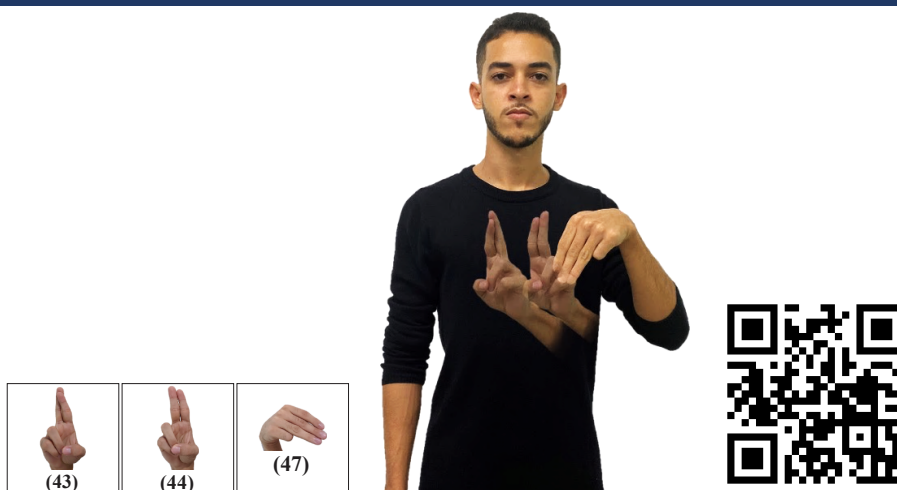


https://www.youtube.com/watch?v=hBCQrJa_PR4

Bebida alcoólica composta feita à base de gin e vermute branco seco, com graduação alcoólica de 16% a 18% em volume.

RUM

RUM *S.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=9PXC3RF8zMI>

Bebida alcoólica obtida da fermentação e destilação do caldo ou do melaço da cana-de-açúcar, envelhecida total ou parcialmente em recipientes de carvalho ou madeira equivalente, com graduação alcoólica de 35% a 54% em volume.

NL – Do latim *bullire*, que quer dizer “ferver”.

MARCAS

MONTILLA (1) *S.f. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=7xySqZ8_EkQ

MONTILLA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=7nLbx5E9DgM>

TEQUILA

TEQUILA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=yzrP6OQ8ZoU>

Bebida alcoólica destilada obtida a partir da seiva do agave, planta proveniente do México, com graduação alcoólica entre 45% e 50% por volume.

NL – Deriva de uma cidade de igual denominação, *Tequila*, localizada nas montanhas da Sierra Madre, no estado do Jalisco, no México. (HOUAISS, 2009, p. 1813).

TEQUILA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Vuq31jRC84I>

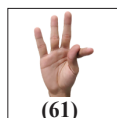
TEQUILA (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=INqwtYczcuQ>

TIQUIRA

TIQUIRA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=knS6lLOyZPo>

Bebida alcoólica destilada feita a partir fermentação da mandioca, com graduação alcoólica de 36% a 54% por volume.

NL – Do tupi *tikira*, que significa “líquido que goteja”. (HOUAISS, 2009, p. 1846).

TIQUIRA (2) *SND*



https://www.youtube.com/watch?v=T2Kz_i4dw4E

UÍSQUE

UÍSQUE (1) *s.m. SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=jwBMKdUIOeo>

Bebida alcoólica obtida da fermentação e destilação de grãos de cereais (cevada, milho, trigo e centeio), envelhecida em barris de carvalho, apresentando um teor alcoólico final de 38% a 54% por volume.

NL – Deriva da palavra gaélica *uisge-beatha*, que significa “água da vida”. (HOUAISS, 2009, p. 1901).

NE – Devido ao uso de diferentes matérias-primas no processo de preparação do uísque, que pode variar desde a cevada maltada até misturas de diversos tipos de cereais, a proporção desses compostos pode influenciar na composição e aroma da bebida. Quanto à classificação, de acordo com a legislação brasileira sobre bebidas, este destilado pode ser classificado em diferentes tipos, que são: a) Uísque Malte Puro, elaborado exclusivamente com destilado alcóolico simples de malte envelhecido; b) Uísque Cortado, obtido pela mistura de, no mínimo, 30% de destilado alcóolico simples de malte envelhecido, com destilados alcóolicos simples de cereais ou álcool etílico potável; c) Uísque de Cereais, obtidos a partir de cereais reconhecidos internacionalmente na produção de uísque; e d) Bourbon Whisky, elaborado com, no mínimo, 50% de destilado alcóolico simples envelhecido de milho com álcool etílico potável. (VENTURINI FILHO, 2010, p. 390-391).

UÍSQUE (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Umb7DMudyx0>

UÍSQUE (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=2ryjYoV3z-Y>

MARCAS

BLACK & WHITE *S.m. SND*



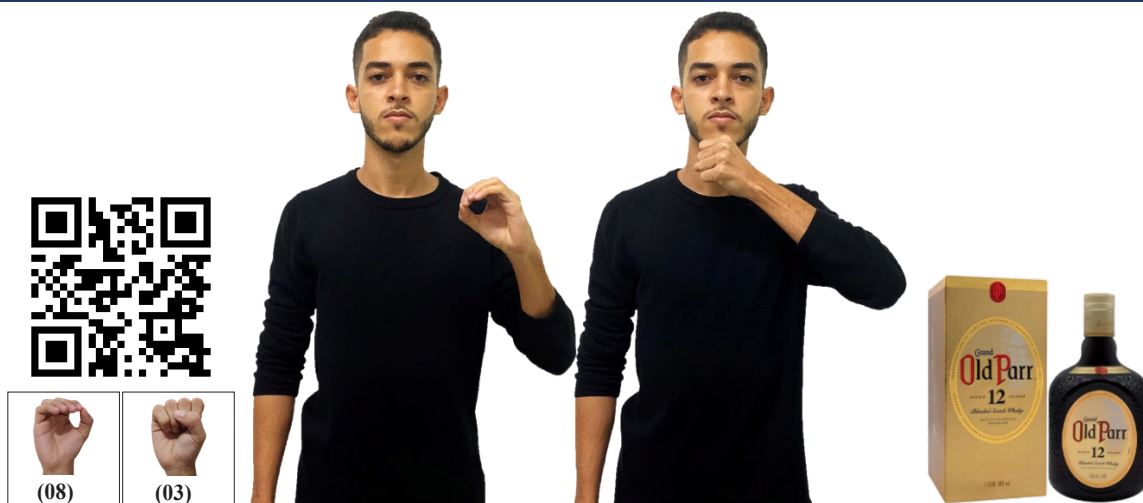
<https://www.youtube.com/watch?v=Td7lKm1N3E0>

JOHNNIE WALKER *S.m. SND*



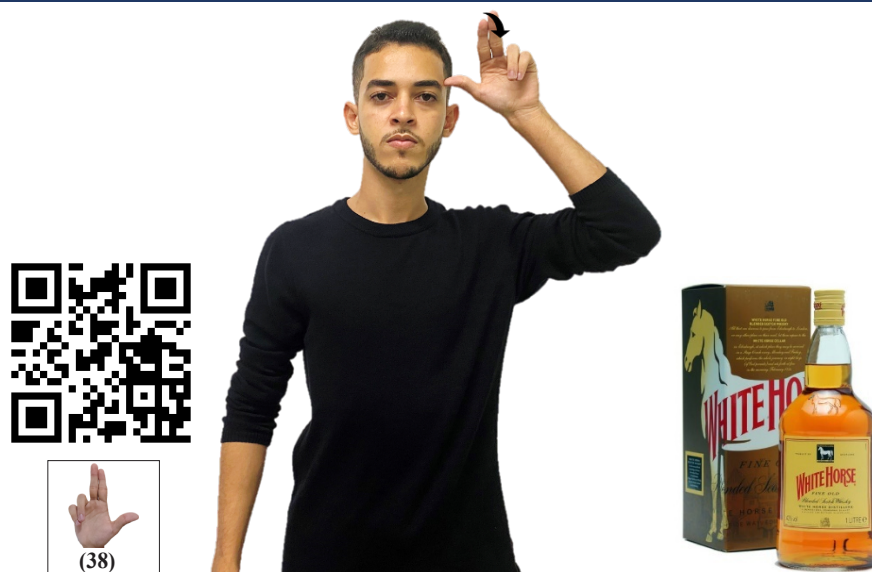
<https://www.youtube.com/watch?v=RIHJZs1hMD8>

OLD PARR *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=moyPpzXaB9I>

WHITE HORSE *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=seH3xC4l-L8>

VINHO

VINHO (1) *S.m. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=s3_OdLmOVdQ

Bebida alcoólica proveniente da fermentação alcoólica de uvas sãs ou do suco de uvas frescas, com teor alcoólico de 8,6% a 14% em volume.

NL – Do grego “Oinos”, que originou a palavra “Enologia”, que significa estudo dos vinhos e seus derivados; e do latim *vinum*, que significa vinho. (HOUAISS, 2009, p. 1947).

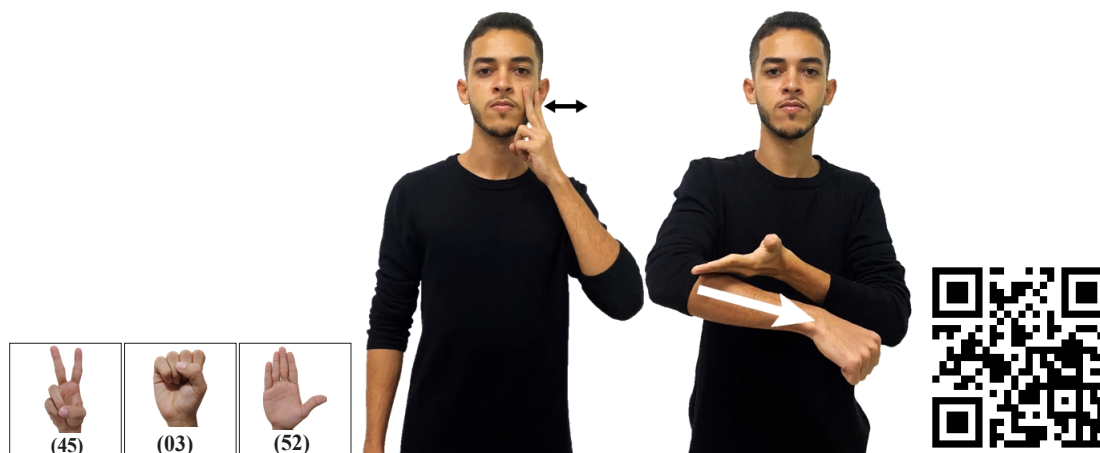
NE – Os vinhos de mesa podem ser brancos, tintos ou rosados e suaves ou doces. Além dos vinhos de mesa, existem ainda os chamados vinhos especiais, como os vinhos espumantes (champanhe), os fortificados (porto e sherry) e os compostos (vermutes). (PACHECO, 1996, p. 40).

VINHO (2) *S.m. SDDC; SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=8Xd18r1Bm7M>

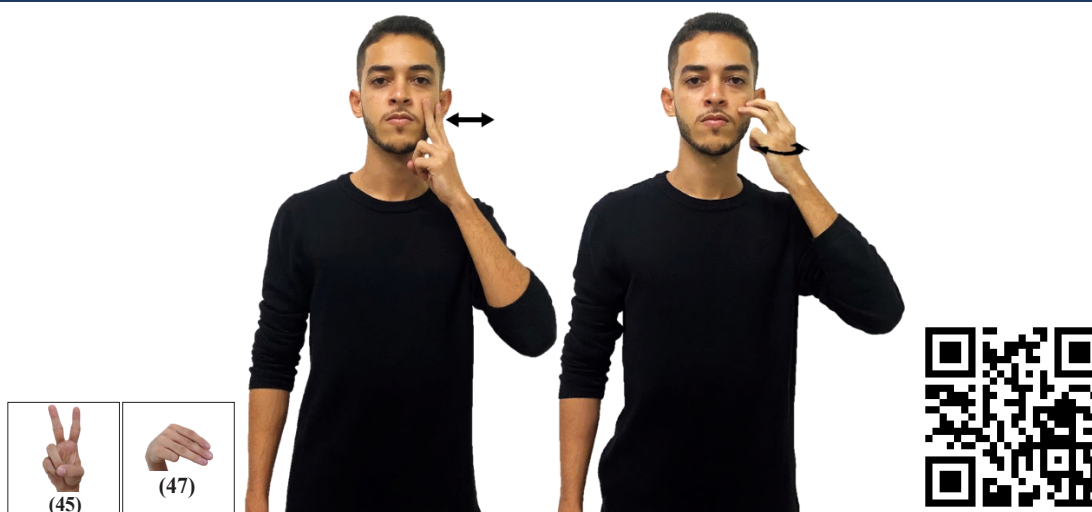
VINHO BRANCO *S.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=LQm97cixG98>

Bebida alcoólica obtida por meio de uvas brancas ou uvas tintas, sem a presença ou maceração das partes sólidas que compõem a uva, por tempo prolongado, resultando em uma bebida de coloração clara.

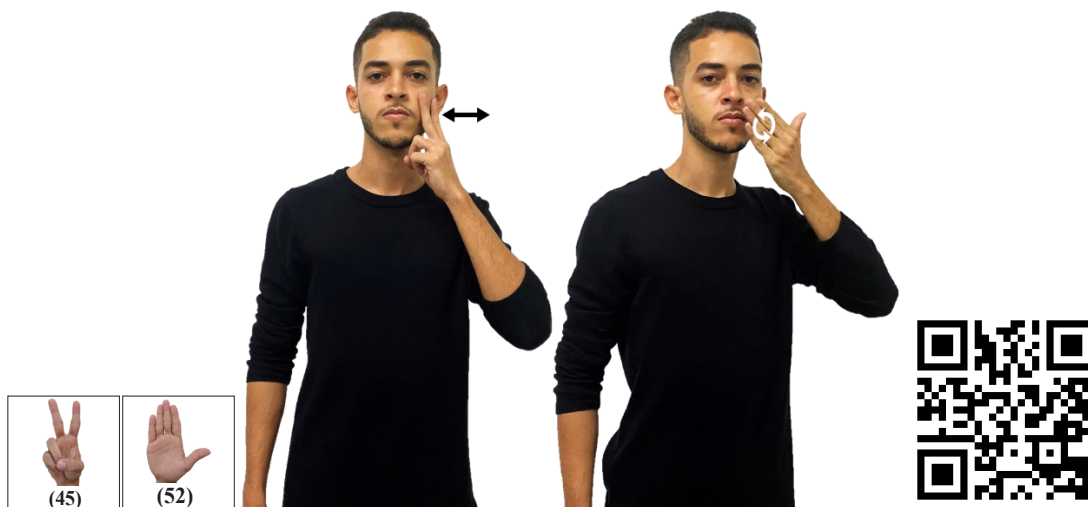
VINHO ROSADO *S.m. SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=GCN14-zVDaU>

Bebida alcoólica obtida por meio de uvas tintas sem a fermentação completa, resultando em um vinho de coloração vermelho-clara.

VINHO TINTO *s.m. SND*

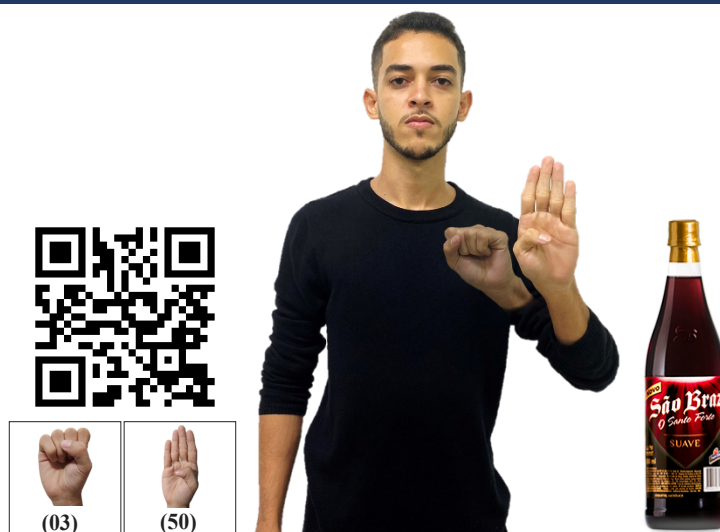


https://www.youtube.com/watch?v=E5iPZaX2o_E

Bebida alcoólica obtida pela fermentação, por tempo prolongado, do mosto simples de uvas tintas sãs, frescas e maduras, com a finalidade de se atribuir cor e sabor à bebida.

MARCAS

SÃO BRAZ *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=I8bE4o0HCgg>

TRÊS COROAS *s.f. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=zXoJK_yGtAY

EMBALAGENS

GARRAFA DE VIDRO COM ROLHA *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=UOArIUdPyXg>

VODCA

VODCA (1) *s.f. SND*



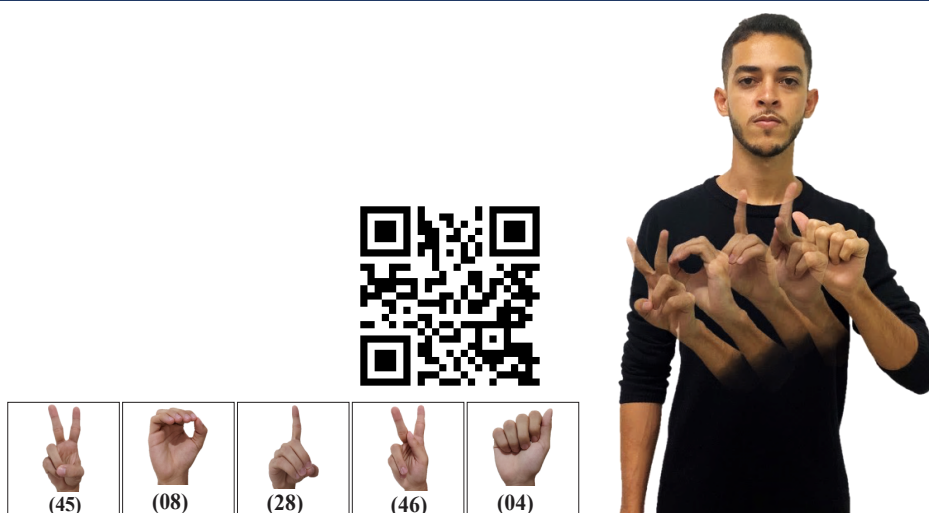
<https://www.youtube.com/watch?v=ICFz9aEFhgo>

Bebida alcoólica destilada elaborada a partir de cereais fermentados (trigo, aveia cevada e centeio) ou tubérculos (batata e beterraba), com um teor alcoólico entre 35% e 60% por volume.

NL – Do russo *vodka*, diminutivo de *vodá*, que significa água. (HOUAISS, 2009, p. 1956).

NE – Existe basicamente dois tipos de vodca: as neutras e as aromatizadas. Quando a bebida é aromatizada com ervas em sua região de origem, na Europa Ocidental, passa a ser conhecida como *Zubrowka*.

VODCA (2) *SND*



https://www.youtube.com/watch?v=_3Y223JCJjs

VODCA (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=3oVoBt3ssTY>

MARCAS

ABSOLUT *s.f. SND*



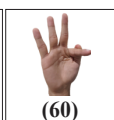
<https://www.youtube.com/watch?v=81cIJLGL5Kk>

BRAZLOWA *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=aJcUmPH2hi8>

ORLOFF *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=-Yglq-CqqM8>

SKYY *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=IJ7TYvL6-tY>

BEBIDAS NÃO ALCOÓLICAS



BEBIDA ENERGÉTICA

BEBIDA ENERGÉTICA (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=W8ytA05dyL8>

Bebida não alcoólica com combinações de ingredientes que comumente incluem cafeína, taurina, vitaminas, bem como outras substâncias. Estimula o metabolismo humano, fornecendo uma sensação de maior energia a quem bebe.

NE – Esta bebida é geralmente embalada em latas finas com um visual atrativo e posicionada entre os principais produtos do mercado de bebidas. Pertence à nova classe de alimentos conhecidos como “alimentos funcionais”. Estes alimentos afetam favoravelmente as funções particulares do corpo. (CARVALHO *et al.*, 2006, p. 79).

BEBIDA ENERGÉTICA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=0aoxGSmfQVE>

BEBIDA ENERGÉTICA (3) *SND*



https://www.youtube.com/watch?v=6-N4d_z81Mo

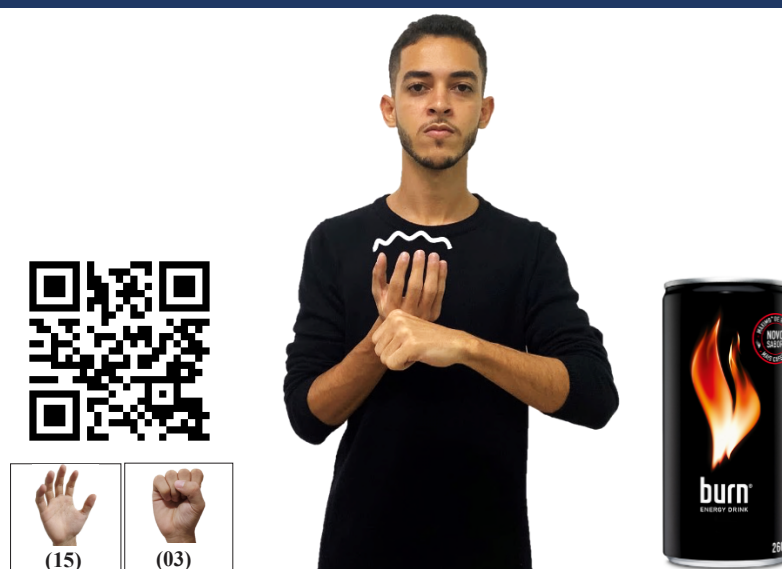
BEBIDA ENERGÉTICA (4) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=YPgVaPDet5M>

MARCAS

BURN *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=mewr07sJINQ>

FUSION (1) *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=FNZk5NwwGlc>

FUSION (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Pw-7wR-qDRA>

MONSTER (1) *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=YZxwCcaFtzU>

MONSTER (2) *SND*



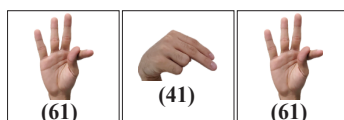
<https://www.youtube.com/watch?v=5qZOBLks16k>

RED BULL *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=hSgBsba1i4Q>

TNT (1) *s.m. SND*

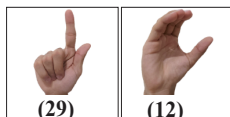


<https://www.youtube.com/watch?v=ZnwgWqshkdA>

TNT (2) *SND*

<https://www.youtube.com/watch?v=PqweZUFVVLy>

OUTRAS

GUARANÁ DA AMAZÔNIA (1) *s.m. SND*

<https://www.youtube.com/watch?v=jGXPcfAVZQ>

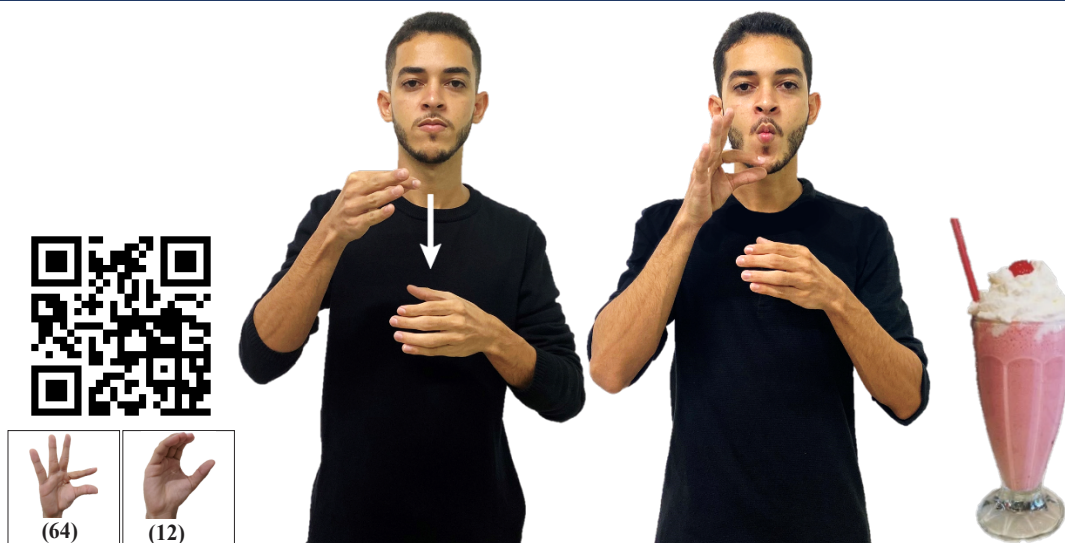
Bebida não alcoólica gelada obtida da mistura de pó e xarope de guaraná, amendoim, leite em pó, frutas e gelo, após batida no liquidificador.

GUARANÁ DA AMAZÔNIA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=bh8Yu5xeBYU>

MILK SHAKE (1) *S.m. SND*

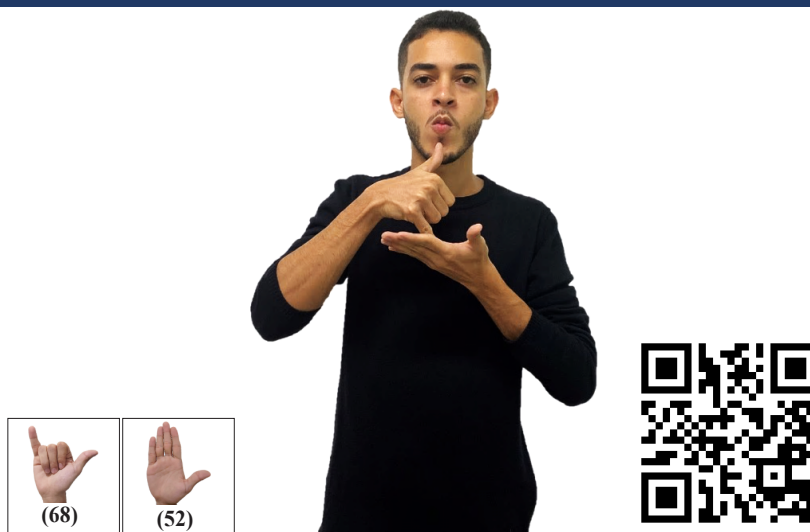


<https://www.youtube.com/watch?v=BhIz3MteyFg>

Bebida não alcoólica espessa gelada feita à base de sorvete, leite e aromatizantes, batida e colocada em um copo com canudo, possuindo diversos sabores, como chocolate, baunilha, morango e caramelo.

NL – Do inglês *milk-shake*, que significa leite batido. (HOUAISS, 2009, p. 1292).

MILK SHAKE (2) *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=EdH1zw0Icqc>

REFRIGERANTE

REFRIGERANTE *s.m. SDDC*



https://www.youtube.com/watch?v=yQ_EI5yaXII

Bebida não alcoólica gaseificada, fabricada industrialmente à base de água, de sucos ou extratos vegetais, adicionada de açúcar.

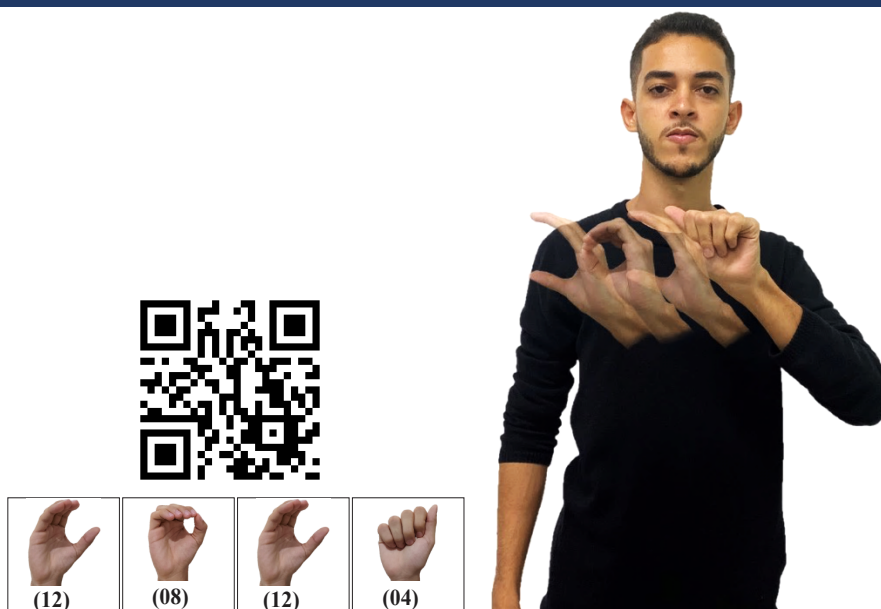
NL – Do Latim *refrigerans*, “aquilo que refresca, que esfria”. De refrigerar + -nte. (HOUAISS, 2009, p. 1633).

NE – O refrigerante é uma bebida que fornece, basicamente, calorias, obtidas do açúcar utilizado para a sua produção. (VENTURINI FILHO, 2010, p. 179).

MARCAS

COCA-COLA (1) *s.f. SDDC; SDHF*

https://www.youtube.com/watch?v=brek985_APw

COCA-COLA (2) *SDDC*

<https://www.youtube.com/watch?v=4KNQ9BCBCVs>

FANTA LARANJA (1) *s.f. SDDC*



<https://www.youtube.com/watch?v=MuxI8CWIVKc>

FANTA LARANJA (2) *SDDC; SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=3HiMb9D0qW0>

FANTA UVA (1) *s.f. SDHF*



<https://www.youtube.com/watch?v=4vP1hDGGGdc>

FANTA UVA (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=8pkuvAjk7zI>

FANTA UVA (3) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Kmlvvtxadng>

GUARANÁ ANTARCTICA *S.m. SND*



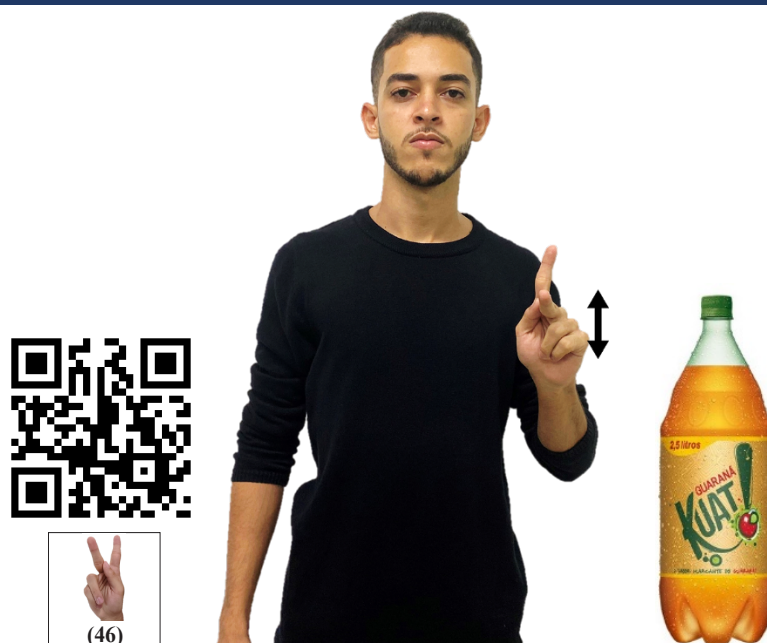
<https://www.youtube.com/watch?v=EImvYrF-Dik>

GUARANÁ JESUS *s.m. SDDC*



<https://www.youtube.com/watch?v=WJNr66RI-QU>

GUARANÁ KUAT *s.m. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=IO0kbLDEyLo>

H2OH! (1) *s.f. SND*



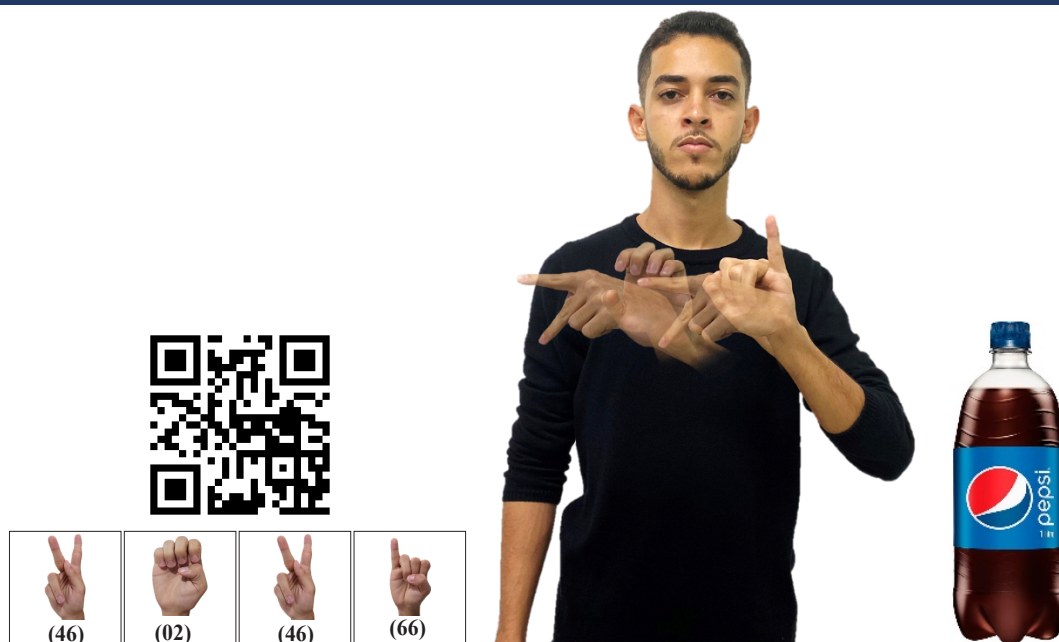
<https://www.youtube.com/watch?v=v-QdalfX1Z8>

H2OH! (2) *SND*



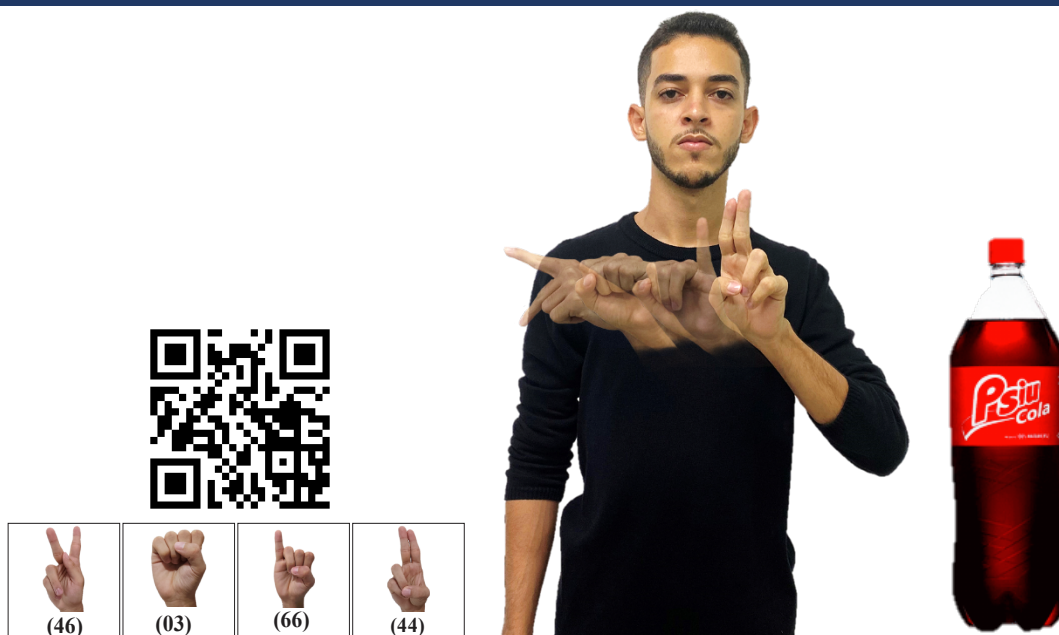
<https://www.youtube.com/watch?v=lJG1vgXPzpo>

PEPSI *s.f. SND*



https://www.youtube.com/watch?v=MD-H9qoF_nw

PSIU (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=tfIQcpC0Dss>

PSIU (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=B5B8R9IeE84>

SPRITE *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=xjWVyI9Jnb8>

EMBALAGENS

GARRAFA DE PLÁSTICO (1) *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=bu2Jz2mMgEo>

GARRAFA DE PLÁSTICO (2) *SND*



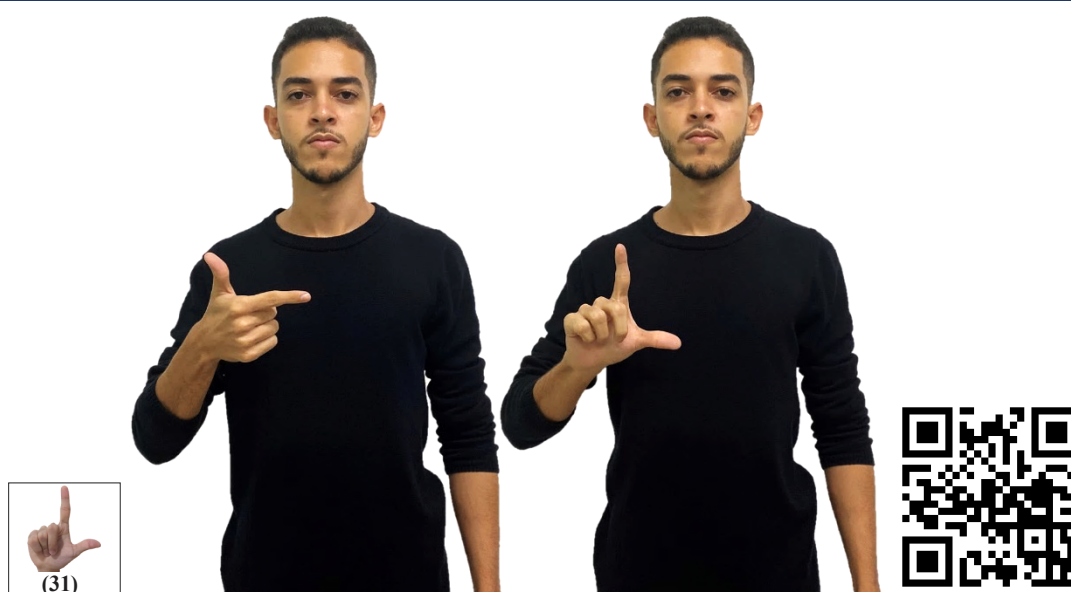
<https://www.youtube.com/watch?v=pWIIkvcTObl>

GARRAFA DE PLÁSTICO DE 1L *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=89lcLurKyIM>

GARRAFA DE PLÁSTICO DE 2L *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=Ff8D5kSR1OQ>

GARRAFA DE PLÁSTICO DE 250ML *s.f. SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=NHGzfS6KDJM>

GARRAFA DE VIDRO (1) *s.f. SDDC*



<https://www.youtube.com/watch?v=quBjBGqVgI8>

GARRAFA DE VIDRO (2) *SND*



<https://www.youtube.com/watch?v=tsbYLMPf5I>

LATA *s.f. SDDC*



<https://www.youtube.com/watch?v=DuxwCuS-L8E>

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração o percurso investigativo ora apresentado, este trabalho tem muito a contribuir não só com o conhecimento linguístico de um povo, mas também com o conjunto de suas experiências que nos falam muito a respeito de suas relações sociais e culturais, ressaltando seu pensamento particular de comunidade de fala.

Portanto, retomamos, neste ponto, a uma síntese das considerações finais acerca desta investigação. Logo, é perceptível que os estudos do léxico de uma língua comprovam e ressaltam a diversidade linguística existente, tendo em vista que o sistema linguístico é dinâmico, variável e está em constante mudança.

Assim, este trabalho objetivou apresentar os resultados de um estudo linguístico sobre o léxico das bebidas, tendo por base a catalogação das lexias utilizadas pelos usuários da Libras e sua correspondência em Língua Portuguesa, através de um glossário semibilíngue multimodal, contribuindo, assim, para o conhecimento e compreensão da realidade socio-linguístico-cultural dos sinalizantes da Língua Brasileira de Sinais, no município de São Luís do Maranhão.

Para a alcançarmos nosso objetivo, traçamos uma investigação conceitual e cultural do universo das bebidas, descritas na primeira seção, para entendermos as especificidades, tradições e definições dessa área. Posteriormente, delimitamos a fundamentação teórica que embasou nosso percurso teórico-metodológico, na seção dois, acerca dos estudos lexicais; em seguida, definimos as especificidades da obra lexicográfica a ser elaborada, o glossário; entendendo, logo após, o sistema léxico da Libras, à luz dos dados do trabalho. Por fim, ainda nesta seção, delimitamos os estudos da Sociolinguística, disciplina esta que nos serviu de base metodológica para a coleta dos dados e registro das variantes encontradas.

Posterior a fundamentação teórica, apresentamos o percurso metodológico adotado, tanto para a recolha do *corpus* obtido, que nos possibilitou a recolha das unidades lexicais, quanto para a metodologia de registro e tratamento do léxico, objetivando a organização do repertório lexical, ressaltando a macro e a microestrutura do glossário.

Quanto às informações observadas, de acordo com as hipóteses levantadas e os dados obtidos, podemos fazer algumas afirmações, sintetizadas nos seguintes pontos:

- (i) Existe um quantitativo significativo de sinais que representam o universo lexical das bebidas, registrados até aqui, que somam 126 unidades lexicais, se mostrando fonte de informação rica, embora ainda pouco explorada por lexicólogos e lexicógrafos;
- (ii) Dos sinais encontrados, 85% não se encontram registrados, mostrando a importância

do nosso trabalho para a sociedade em registrar essas unidades que não se encontram em obras lexicográficas de referência, sobretudo com a variedade de sinais encontradas em São Luís do Maranhão;

- (iii) Os sinais registrados refletem a visão de mundo de seus falantes e são elementos característicos da região estudada;
- (iv) Dos processos de formação e expansão lexical observados, os sinais formados pelos processos semânticos e os sinais formados pelos empréstimos linguísticos foram altamente produtivos, com uma diversidade de sinais encontrados, representando 58% e 35% dos dados, respectivamente;
- (v) No eixo diasssexual, a análise dos dados nos revelou uma maior produtividade lexical na sinalização dos informantes homens, que apresentaram 90% dos dados totais coletados, enquanto as mulheres apresentaram 71% dos dados. É possível observar também que há diferenças, tanto no uso de sinais usados por homens e mulheres, quanto nas expressões faciais e corporais dos sinalizantes, pois as mulheres se mostraram monitorar mais a sinalização e optaram por utilizar as formas da variedade padrão da língua, confirmando a hipótese levantada inicialmente;
- (vi) No eixo diageracional, os dados apontam para uma maior concentração dos sinais referentes ao léxico das bebidas na sinalização dos informantes da faixa etária I, representando 86% dos dados, contra 68% dos dados apresentados pelos informantes da faixa etária II, nos mostrando que há diferenças entre o léxico usado por diferentes gerações, em que os falantes mais jovens optam por usar as formas mais novas que consideram a letra inicial da palavra em LP; e já os sinalizantes mais velhos utilizam os sinais mais antigos, que consideram a datilologia das palavras em LP.

Nessas considerações, ressaltamos a importância de um estudo lexicológico com um olhar sociolinguístico para o conhecimento mais amplo da diversidade lexical presente na Língua Brasileira de Sinais, ao reunir dados de uso real da língua, valorizando as diferentes formas sinalizadas nas diferentes estratificações sociais e contribuindo para o respeito da diversidade linguística existente.

Por fim, com os resultados aqui alcançados, este estudo certamente contribuirá para o registro e conhecimento do universo lexical da Libras e da Língua Portuguesa, pois ainda há muito do léxico de ambas as línguas a ser investigado, e servirá como fonte de consulta tanto por pessoas surdas, ouvinte e aprendizes da Libras, quanto por estudiosos e especialistas da área.

REFERÊNCIAS

- ABIR, Associação Brasileira das Indústrias de Refrigerantes e Bebidas Não Alcoólicas. **Bebidas**. 2001. Disponível em: <http://abir.org.br/o-setor/bebidas/>. Acesso em 14 de janeiro de 2021.
- ABRABE, Associação Brasileira de Bebidas. **Um brinde a vida: a história das bebidas**. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.abrabe.org.br/site/wpcontent/uploads/2016/08/DBA-Abrabe vFINAL.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- ALBRES, Neixa de Aquino; XAVIER, André Nogueira (org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 21-47.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Variações Regionais e Sociais de “Bêbado” e “Aguardente” nas Capitais do Nordeste: dados do ALiB. In: Martins, Marco Antônio *et al.* (org.). **5 Jornada Nacional do GELNE**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: global, 1981.
- _____. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, Cidmar Teodoro. **Manual de Linguística**. São Paulo: GLOBAL, 1986. (p. 81-126)
- _____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- _____. Dicionário, vocabulário glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFCH/CITRAT, 2001. Caderno de terminologia, 1, p. 23- 46.
- BARBOSA, Flávio de Aguiar. **“Cachaça não é água, não?”: a sinonímia de cachaça na cultura brasileira**. Idioma, v. 1, p. 102-115, 2017.
- BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais. **Alfa**. São Paulo; v. 50, n. 2., p. 43-54, 2006.
- BIDARRA, Jorge; MARTINS, Tânia Aparecida. O problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a Língua Portuguesa e Libras. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, Thomaz Aquino de. (Ed.). **Estudos de filologia e linguística**. São Paulo: T. A. QUEIROZ EDITORA / Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

_____. A ciência da lexicografia. **Alfa**. São Paulo, v.28, supl., 1984.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

_____. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande. Ed. UFMS, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas: Pontes, 1998.

BRASIL, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Portaria nº 229, de 25 de outubro de 1988**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/vigilancia-agropecuaria/ivegetal/bebidas-arquivos/portaria-no-229-de-25-de-outubro-de-988.pdf/view>. Acesso em 25 jan. de 2021.

_____. **Regulamento da Lei Nº 8.918, de 14 de julho de 1994**. Diário Oficial da União, 5 set. 1997. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=B36D73E05FD54CE8B412A56B778BCF59.node1?codteor=713740&filename=LegislacaoCitada+-PL+6389/2009. Acesso em: 25 jan. 2021.

_____. **Lei Nº 10.436, de 22 de abril de 2002**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 25 jan. 2021.

_____. **Instrução Normativa Nº 13, de 29 de junho de 2005**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/inspecao/produtos-vegetal/legislacao-1/biblioteca-de-normas-vinhos-e-bebidas/instrucao-normativa-no-13-de-29-de-junho-de-2005.pdf/view>. Acesso em: 28 jan. 2021.

_____. **Decreto de Bebidas Nº 6.871 / 2009, de 4 de junho de 2009**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6871.htm. Acesso em: 28 jan. 2021.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CAMPOS, Mariana Daré Vargas; NADIN, Odair Luiz. A multimodalidade em dicionários bilíngues eletrônicos português-espanhol/espanhol-português. In: **SOUTH AMERICAN JOURNAL OF BASIC EDUCATION, TECHNICAL AND TECHNOLOGICAL**. p. 107-121. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/issue/view/175/41>. 2020. Acesso em: 10 nov. 2021.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MARTINS, Antonielle Cantarelli; TEMOTEO, Janice Gonçalves. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

CARVALHO, Joelia de Marques *et al.* Perfil dos principais componentes em bebidas energéticas: cafeína, taurina, guaraná e glucoronolactona. **Rev. Inst. Adolfo Lutz**, 65(2):78-85, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898-1986. **Prelúdio da cachaça** / Luís da Câmara Cascudo. – São Paulo: Global, 2006.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSERIU, Eugénio. A perspectiva funcional do léxico. In: VILELA, Mário Augusto Quintero. (org.) **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979. p.15-33.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do Português contemporâneo**. 7. ed. reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DIONISIO, Ângela. **Gêneros multimodais e multiletramentos**. In: KARWOSKI, Mário Alcir *et al.* (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas – PR: Kaygange, 2005.

_____. **Funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. Dicionários semibilíngues: uma inovação? In: **Revista de Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 13, n. 1 p. 45-57, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/download/2398/2352>. Acesso em: 29 fev. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

FARIA-NASCIMENTO. Sandra Patrícia. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira**. Uma Proposta Lexicográfica. Brasília, 2009. 290 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Entre a sincronia e a diacronia: variação no código e na língua**. Conferência Magistral apresentada na Universidade de La Habana, Cuba, 1998.

_____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade viso-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org.). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone, 2007

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo *et al.* (org.). **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística**: entrelaçando saberes e vida – homenagem a Socorro Aragão. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

_____. Glossário de termos empregados nos estudos da Terminologia, da Lexicografia e da Lexicologia. In: **Série Léxico & Terminologia**. Brasília: Centro Lexterm, Universidade de Brasília, inédito, 2013.

_____. **Sinal**. Nota lexical. Centro Lexterm, 2014. Disponível em: <http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FELIPE, Tanya Amara. **Os processos de formação de palavras na LIBRAS**. ETD – Educação Temática Digital. Campinas, 2006, v. 7, n. 2, p. 200-217.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Série Atualidades Pedagógicas, 4(3), 1997.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais / Alain Polguère; tradução de Sabrina Pereira de Abreu. – São Paulo: Contexto, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 481. ed. rev. São Paulo: Global, 2003.

GESSER, Audrei. **Libras**: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE – **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, SP. v.35, n.2, p. 57- 63, 1995.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultura, 2009.

HOUAISS, Antônio; SALLES, Mauro de. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HWANG, Álvaro David. **Lexicografia**: dos primórdios à nova lexicografia. In: HWANG, Á. D.; NADIN, O. L. N. (orgs.) **Linguagens em interação III: Estudos do Léxico**. Maringá: Clichetec, 2010. p. 33-45.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Diálogos Traduzidos**. Tradução de Lodenir Karnopp do “Diálogo entre surdos universitários”. Canoas: ULBRA, 2004.

KLADSTRUP, Don; KLADSTRUP, Petie. **Champanhe**: como o mais sofisticado dos vinhos venceu a guerra e os tempos difíceis. .1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Borcony. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: FALE UFMG, 2006, p.157-171.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Principles of Linguistic Change**: Cultural e Cognitive Factors, vol. III. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Linguística e Antropologia. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LEW, Robert. **Multimodal Lexicography**: The Representation of Meaning in Electronic Dictionaries. Lexikos, n. 20, p. 290-306, 2010.

LIMA, Luciana Leite de Andrade; MELO FILHO, Artur Bibiano de. **Tecnologia de bebidas**. [Coordenadoria institucional Argelia Maria Araújo Dias Silva]. Recife: EDUFRPE, 2011.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2014). **Bebidas**. Brasília: MAPA/AECE, 2014. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/qualidade-seguranca-alimentos-bebidas/bebidas>. Acesso em: 20 jan. 2021.

MELO, Alessandra Souza Queiroz. **T&H Turismo & Hotelaria**: bebidas e harmonizações [recurso eletrônico] / Alessandra Souza Queiroz Melo. – João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed., 5. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019.

NASCIMENTO, Cristiane Batista do. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário ilustrado semibílingue do meio ambiente, em mídia digital. Brasília, 222 f. Tese (doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2016.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In.: GUIMARÃES, E. e ZOPPIFONTANA, M. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem** – A palavra e a frase. Campinas, SP: Pontes, 2006, 147-172.

PACHECO, Aristides de Oliveira. **Manual do Bar**. São Paulo: Senac, 1996.

PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. **Revista Opsi**. v. 8, n. 11 (out. 2008). Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2008, p. 258-274. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/9364/6456>. Acesso em: 10 fev. 2021.

PEREIRA, Mauricio Alves de Souza. **O léxico da cachaça em Salinas-MG**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Minas Gerais, 376 f. 2021.

POTTIER, Bernard. **Estruturas linguísticas do português**. Trad. Albert Audubert e Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: Difusão Europeia do Livro; 1973.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

REIS, Juliana Trombetta. **Bebidas e hospitalidade: produção científica no Brasil (2004-2012)**. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Daniela Prometi. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: criação de sinais dos termos da música**. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

SACKS, Oliver Wolf. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Hadassa Rodrigues. **Processos de expansão lexical da Libras no ambiente acadêmico**. Belo Horizonte, 128 f.: il. 2017.

SAPIR, Edward. **A Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, [1921] 1980.

_____. **Selected writings of Edward Sapir in language, culture, and personality**. University of California Press, 1958.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **CACHAÇA: Cultura, Origem, Variações**. Estudos Linguísticos e Literários, [S. l.], n. 52, 2015. DOI: 10.9771/2176-4794ell.v0i52.15461. Disponível em: [//periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15461](http://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/15461). Acesso em: 12 fev. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, José Calasans Brandão da. **Cachaça, Moça Branca: um estudo do folclore**. 2. ed. Bahia: Livraria progresso, 1951.

SILVA, Jairo Martins. **Cachaça: o mais brasileiro dos prazeres - história, elaboração, serviço e degustação: um guia para profissionais e apreciadores**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

SILVA, Elaine Santos; JUNIOR, José Robson dos Santos Costa; LACERDA, Mariana Souza Santana; BRANDÃO, Taís Silva de Oliveira. LICORES DE FRUTAS: importância, riquezas e símbolos para a região nordeste do Brasil. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Centro Científico Conhecer – Jandaia-GO, v.18 n.35, 2021.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário folclórico da cachaça** / Mário Souto Maior. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2004.

STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução a ciência do significado. Trad. de J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1964.

VERTURINI FILHO, Waldemar Gastoni. **Bebidas alcoólicas**: ciência e tecnologia. Vol. I, São Paulo: Editora Blucher, 2010a.

VERTURINI FILHO, Waldemar Gastoni. **Bebidas não alcoólicas**: ciência e tecnologia. Vol. II, São Paulo: Editora Blucher, 2010b.

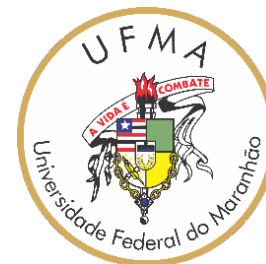
VILELA, Mário Augusto Quinteiro. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1994.

WELKER, Herbert Andreas. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Claudia Maria; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org.). **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
DISCENTE: OSÉIAS DE QUEIROZ SANTOS
ORIENTADOR: Prof. Dr. JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA



QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL – QSL

I MOMENTO (Perguntas gerais sobre o conhecimento do informante a respeito das bebidas)

1. Quais bebidas você mais gosta?
2. Quando você sai com seus amigos, o que você costuma beber?
3. Quais bebidas você consome em casa?
4. Você costuma ingerir bebidas alcoólicas? Se sim, Quais?

II MOMENTO (Perguntas específicas)

BEBIDA ENERGÉTICA

5. Qual é o sinal da bebida que se compra em supermercados e também nos comércios, que deixa a pessoa acordada, alerta?
6. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

CACHAÇA

7. Qual é o sinal da bebida alcoólica feita a base da cana-de-açúcar?
8. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

CERVEJA

9. Qual o sinal da bebida alcoólica amarela, as vezes escura e até preta, com espuma branca e que vende em bar?
10. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?
11. Qual o sinal do objeto que vem essa bebida dentro?

CHAMPANHE

12. Qual o sinal da bebida que tem por nome C-H-A-M-P-A-N-H-E?

CONHAQUE

13. Você conhece a bebida que tem por nome C-O-N-H-A-Q-U-E? Qual o sinal?

14. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

DRINQUE

15. Você conhece o sinal da bebida D-R-I-N-Q-U-E?

16. Quais tipos de Drinques você conhece?

OUTRAS

17. Quais outras bebidas você conhece?

REFRIGERANTE

18. Qual o sinal da bebida que normalmente é servida em aniversários e que acompanha o bolo?

19. Entre essas bebidas, quais você mais gosta?

20. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

21. Qual o sinal do objeto que vem nessa bebida dentro quando é comprado?

RUM

22. Qual o sinal da bebida que tem por nome R-U-M?

23. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

TEQUILA

24. Qual o sinal da bebida que tem por nome T-E-Q-U-I-L-A?

TIQUIRA

25. Qual o sinal da bebida que tem por nome T-I-Q-U-I-R-A?

UÍSQUE

26. Qual o sinal da bebida de nome U-Í-S-Q-U-E?

27. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

VINHO

28. Qual o sinal da bebida alcoólica que é feita a partir da fermentação da uva?

29. Quais os tipos dessa bebida que você conhece? Tem alguma marca de preferência?

30. Qual o sinal da garrafa que essa bebida vem dentro?

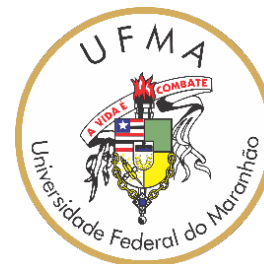
VODCA

31. Qual o sinal da bebida alcoólica cujo o nome é V-O-D-C-A?

32. Quais são as marcas dessa bebida que você conhece?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLetras
 MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
 DISCENTE: OSÉIAS DE QUEIROZ SANTOS
 ORIENTADOR: Prof. Dr. JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA



FICHA DO INFORMANTE	
CÓDIGO:	DATA DE PREENCHIMENTO:
1. CÓDIGO:	
2. NOME COMPLETO:	
3. IDADE:	4. SEXO: () MASCULINO () FEMININO
5. DATA DE NASCIMENTO:	
6. ESTADO CIVIL:	
7. LOCALIDADE:	
8. ESCOLARIDADE:	9. PROFISSÃO:
10. NASCEU SURDO OU NÃO?	
11. QUANDO APRENDEU LIBRAS:	
12. OBSERVAÇÕES:	

APÊNDICE C

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
DISCENTE: OSÉIAS DE QUEIROZ SANTOS
ORIENTADOR: Prof. Dr. JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA



FICHA LEXICOGRÁFICA – GLOSSÁRIO DO LÉXICO DAS BEBIDAS				
1. CÓDIGO:				
2. LEXIA (ENTRADA):		3. CAMPO CONCEITUAL:		
4. CLASSE GRAMATICAL:				
5. DEFINIÇÃO EM PORTUGUÊS:				
6. SINAL EQUIVALENTE EM LIBRAS				
7. INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO OU NÃO DO SINAL EM LIBRAS:		☐ LD Onde:		
		☐ LND		
8. DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS DA MÃO ESQUERDA:				
CM:	PA:	M:	OP:	ENMs:
9. DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS DA MÃO DIREITA:				
CM:	PA:	M:	OP:	ENMs:
10. VARIANTES				
11. NOTAS				

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
DISCENTE: OSÉIAS DE QUEIROZ SANTOS
ORIENTADOR: Prof. Dr. JOSÉ DE RIBAMAR MENDES BEZERRA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa de mestrado intitulada **“CAMINHO(S) PARA A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS: registrando o léxico das bebidas em São Luís do Maranhão”**, sob a responsabilidade do discente Oséias de Queiroz Santos, regularmente matriculado no mestrado acadêmico em Letras, da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Esta pesquisa é orientada pelo Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra, professor do Departamento de Letras. A presente pesquisa trata de um projeto em desenvolvimento que objetiva elaborar um glossário com o léxico dos sinais das bebidas, em São Luís-MA. Assim sendo, você contribuirá para a investigação, descrição e estudos a respeito do léxico da Língua Brasileira de Sinais. Logo, para que a pesquisa ocorra, você responderá ao questionário proposto e será registrado através de filmagem para fins de análise e coleta dos dados, posteriormente. Quanto da publicação dos resultados desta pesquisa, a sua identidade será preservada e em nenhum momento você será identificado. Esta pesquisa não lhe acarretará nenhum ônus, tampouco lhe renderá lucros financeiros. Portanto, a sua participação nesta pesquisa não lhe oferecerá riscos nem benefícios. Informamos que você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

São Luís (MA), ____ de _____ de 2021

Discente: Oséias de Queiroz Santos

Prof. Orientador: Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Eu aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa/CPF/RG

ANEXO

	Projeto Atlas Linguístico do Maranhão Ficha da Localidade Nº. do Ponto: MA/ Nome: Estado: Maranhão
---	--

1. NOME OFICIAL:
2. NOME ANTERIORES:
3. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelo IBGE
4. LOCALIZAÇÃO: 4.1 Distâncias a) do município para a rodoviária da capital (São Luís): b) da principal cidade:
5. ÁREA DA UNIDADE TERRITORIAL:
6. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES: a) setor primário (agricultura, pecuária, extrativismo, aquicultura): • Agricultura: • Pecuária: • Extrativismo: • Aquicultura: b) setor secundário (indústrias): c) setor terciário (comércio, transporte): d) produtos exportados:
7. COMUNICAÇÕES (rodoviárias, ferroviárias, fluviais, marítimas, aéreas, etc.):
8. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
9. DADOS SOBRE OS ASPECTOS FÍSICOS (hidrografia, relevo):
10. NÚMERO DE HABITANTES:
11. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE: a) Densidade demográfica: b) População de homens residentes e de mulheres residentes:

12. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes): Formação Administrativo-Judiciária:
13. OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES: a) Datas relevantes (calendário de festas, eventos): b) Hino: c) Bandeira: d) Brasão: e) Lendas, folclore: f) Gastronomia: g) Artesanato: h) Urbanização:
14. OBSERVAÇÕES GERAIS: a) Observação linguística: b) Toponímia:
Referências: